UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

KEYLLA DE FÁTIMA BARBOSA

UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DA LINGUAGEM NAS PSICOSES

CAMPINAS,
2016

KEYLLA DE FÁTIMA BARBOSA

UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DA LINGUAGEM NAS PSICOSES

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Keylla de Fátima Barbosa e orientada pela Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite

CAMPINAS,
2016

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq, 133033/2014-7

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

Barbosa, Keylla de Fátima, 1986-
B234a Uma abordagem psicanalítica da linguagem nas psicoses / Keylla de Fátima Barbosa. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Nina Virgínia de Araújo Leite.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Lacan, Jacques, 1901-1981. 2. Psicanálise lacaniana. 3. Psicanálise e linguística. 4. Psicoses. 5. Doentes mentais - Linguagem. 6. Negação (Psicanálise). I. Leite, Nina Virginia de Araújo,1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: A psychoanalytic approach of language in psychosis
Palavras-chave em inglês:
Lacan, Jacques, 1901-1981
Lacanian psychoanalysis
Psychoanalysis and linguistics
Psychosis
Mentally ill - Language and languages
Denial (Psychoanalysis)
Área de concentração: Linguística
Titulação: Mestra em Linguística
Banca examinadora:
Nina Virgínia de Araújo Leite [Orientador]
Suely Aires Pontes
Mário Eduardo Costa Pereira
Data de defesa: 04-03-2016
Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Nina Virgínia de Araújo Leite

Suely Aires Pontes

Mário Eduardo Costa Pereira

Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro

Tânia Maron Vichi Freire de Mello

IEL/UNICAMP
2016

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que cruzam meu caminho, cotidianamente, fazendo incríveis loucuras com as palavras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Estadual de Campinas e ao Instituto de Estudos da Linguagem pela oportunidade de cursar o mestrado e pela qualidade no ensino oferecido.

Ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa.

À Professora Nina Leite pela orientação, pelas belas aulas que sempre me motivaram a seguir estudando, pela acolhida, por ter me aberto um caminho bastante fértil, e, acima de tudo, por nunca ter colocado barreira ou questão ao meu desejo de fazer pesquisa apesar do meu trabalho como psicóloga na rede pública, acreditando que o meu trabalho no CAPS com a psicose seria uma fonte de aprendizado e não um impedimento ao meu trabalho acadêmico.

Ao meu pai e minha mãe que me fizeram uma pessoa com enorme desejo pelo saber, que sempre colocaram os meus estudos em primeiro lugar e se esforçaram muito para que eu pudesse ter a oportunidade de estar em boas universidades aprendendo coisas novas.

À minha irmã que sempre me apoiou nas minhas escolhas e pelo dom de se empolgar muito mais do que eu mesma pelas minhas pequenas vitórias cotidianas.

Ao Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira por apoiar seus funcionários a buscarem modos de continuar aprendendo e permitir certa flexibilidade nos contratos para que isso possa acontecer.

Aos meus colegas do CAPS Estação também pelo apoio, pela compreensão, pela preocupação e principalmente pelo cuidado que tiveram comigo principalmente nesta fase final.

Aos usuários da saúde mental de Campinas, em especial aos do CAPS Estação que me enchem de satisfação e curiosidade ao demonstrar o poder e o fascínio do saber-fazer com as palavras.

À professora Suely Aires Pontes pela dedicação em ler e corrigir meu trabalho com muito carinho, por compartilhar comigo a preocupação com este tema tão caro a nós e pelos textos trazidos diretamente da Bahia para acrescentar na minha discussão.

À Camilla pela amizade que iniciamos através do mestrado, pelo verdadeiro companheirismo, pelas opiniões teóricas, pela leitura dos meus textos, pela empolgação contagiante, pelas horas e horas de desabafo, pelas cervejas compartilhadas e tantas outras coisas que não caberia nesta página.

Aos amigos Ciça, Aurelién pela ajuda divertida com os textos em francês.

A Elohin pela ajuda com o inglês e pelos momentos de descontração.

À Maíra Tosi pela correção criteriosa de parte do meu trabalho e por me colocar questões teóricas e clínicas que me ajudaram a pensar muito sobre este tema.

À Carol, Ciça, Camilla, Lilian e Mariana pelos vários e necessários momentos de descontração após as reuniões do Outrarte onde conseguimos elaborar em partes tudo o que estamos aprendendo de novo.

À Gabriela Barreto pela leitura e pelos questionamentos de alguém que habita o campo da saúde coletiva, e também pelo carro emprestado sem o qual não conseguiria fazer tudo o que precisava na reta final da escrita.

A Yumi, Maíra, Luís, Gabi, Maykel e Patrick, meus amigos e companheiros de aventuras, por sempre estarem comigo para o que der e vier, por acrescentarem muito em minha vida e pela amizade incrível que me deixa confortável e segura para seguir adiante.

A todas as pessoas que participaram, contribuindo para realização deste trabalho, direta ou indiretamente, meu sincero agradecimento.

“Mas a ciência cometeria, na minha opinião, um grande erro se quisesse jogar no mesmo depósito de coisas irreais *todos* os fenômenos desse tipo, como carentes de qualquer realidade objetiva, definindo-os como “ilusões dos sentidos”, (...)”

“Além da língua humana há ainda uma espécie de *língua dos nervos,* da qual, via de regra, o homem não é consciente”

Daniel Paul Schreber

RESUMO

Este trabalho pretende abordar o tema da linguagem nas psicoses à luz da psicanálise de Jacques Lacan. Partindo da observação clínica de que nas psicoses há manifestações peculiares de linguagem, esta pesquisa visa se aprofundar nos possíveis modos de abordagem desta questão na psicanálise lacaniana nos anos dos primeiros seminários. Se há uma fala típica das psicoses é porque, nesta estrutura, há também um arranjo característico daquilo que Lacan chama, a partir de Saussure, de par significante/significado. Por isso, esta questão será analisada com base na articulação da cadeia significante, na articulação entre significante e significado e no surgimento da significação e do sentido. Para isso, abordar-se-á as operações metafóricas e metonímicas, a incidência ou não do significante Nome-do-Pai e da referência fálica nesta estrutura. Essas considerações se ligam diretamente à tese de que a estrutura de linguagem do inconsciente se torna manifesta nas psicoses devido ao seu mecanismo base de funcionamento, hipótese teórica chamada por Lacan de foraclusão, que se configura como um ponto inicial e fundamental para se trabalhar com a linguagem nas psicoses.

Palavras-chave: Psicanálise, Psicose, Linguagem, Foraclusão, Jacques Lacan.

ABSTRACT

This work aims to approach the subject of language in psychosis in the light of Jacques Lacan psychoanalysis. Starting from clinical observation that there are peculiar manifestations of language in psychosis, this research aims to delve into the possible ways of approaching this issue in the years of the first seminars of lacanian psychoanalysis. If there is a typical speech of psychosis, it is because, in this framework, there is also a characteristic arrangement of what Lacan calls, from Saussure, significant/significance pair. Therefore, this issue will be analyzed based on the articulation of the significant chain, on the articulation between significant and significance and on the rise of signification and meaning. For this purpose, it will be addressed metaphorical and metonymic operations and the incidence or not of the Name-of-the-Father significant, as well as the phallic reference in this structure. These considerations are bonded directly to the thesis that the structure of the unconscious language becomes manifest in psychosis for its basis mechanism of working, hypothesis called by Lacan of Foreclosure, which is framed as an initial and fundamental point to work with language in psychosis.

Key words: Psychoanalysis, Psychosis, Language, Forclusion, Jacques Lacan.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12
CAPÍTULO 1 - De Freud a Lacan: 18
1.1 - As balizas freudianas na abordagem da linguagem na psicose 20
1.2 - Os desarranjos de linguagem para o Lacan psiquiatra 31
CAPÍTULO 2 - O significante na psicose: Lacan com Saussure 38
CAPÍTULO 3 - A metáfora na psicose: Lacan com Jakobson..... 48
3.1 - A metáfora de Booz..... 53
3.2 - A metáfora paterna..... 57
3.3 - A ausência de metáfora na psicose 60
CAPÍTULO 4 - O complexo de Édipo e a incidência do significante Nome-do-Pai 65
CAPÍTULO 5 - Da Verwerfung freudiana à foraclusão lacaniana 74
CAPÍTULO 6 - O inconsciente nas psicoses 92
CONSIDERAÇÕES FINAIS 100
REFERÊNCIAS 104
ANEXO 1 111
ANEXO 2 114

Introdução

A linguagem presente nos indivíduos com diagnóstico de esquizofrenia tem suas peculiaridades. Marcada por neologismos, associações sonoras, frases interrompidas, mudanças rápidas de assunto, discursos sobre temas irreais ou mesmo surreais etc., acaba, muitas vezes, tida como sem sentido. Essas manifestações de linguagem recorrentes nas esquizofrenias podem ser explicadas à luz de diversas áreas do conhecimento como a psiquiatria, a linguística, a fonoaudiologia, a psicologia, a psicanálise, entre outras. A psiquiatria, por exemplo, se coloca próxima às ciências biológicas e, partindo de uma clínica descritiva e fenomenológica, tende a entender as manifestações típicas de linguagem nas esquizofrenias como fenômenos de um distúrbio linguístico e de pensamento, característicos de uma possível perturbação que faz com que a linguagem seja incoerente, incompreensível, ilógica, bloqueada, com falhas e verborrágica.

Nos dois manuais diagnósticos mais utilizados pela psiquiatria – o CID-10 e o DSM-IV – onde são apresentados os sintomas das esquizofrenias, bem como de outros ditos transtornos mentais, é notável a quantidade de designações negativas que aparecem para caracterizar esse quadro. Eis algumas delas presentes no CID-10: ideia fragmentária, distorções, transtornos, imposições, eco e roubo de pensamento, perturbação de linguagem, discurso incoerente; e, no DSM-I, estão presentes palavras como: perturbação, distorção, restrição, bizarrice, inadequação, dificuldade, incapacidade, anormalidade, além de prejuízos na capacidade de atender às exigências da vida, disfunção social, ocupacional, cognitiva, emocional, perda dos limites do ego, prejuízo no teste de realidade, associações desconexas, discurso e comportamento desorganizado, discurso pobre e incompreensível (o que às vezes parece uma afasia), respostas que não se relacionam com a pergunta feita, entre outros apontamentos. Vemos, portanto, que para a psiquiatria, as esquizofrenias são tratadas como categoria de um transtorno diante do qual a quantidade de referências negativas é muito grande o que impede ou minimamente dificulta o surgimento de qualquer potencial positivo. Tal modo de descrição também coloca as esquizofrenias como uma categoria na qual os indivíduos nela inseridos não correspondem ao que se espera em termos sociais e econômicos, ou seja, elas representam um problema para o desenvolvimento do sistema econômico dominante em nossa sociedade, pois esses indivíduos não se filiam às normas impostas por ele.

O presente estudo vai na contramão da abordagem desses sintomas por meio do enfoque biológico, fenomenológico e descritivo utilizado pela psiquiatria para construir seus

manuais diagnósticos. Aqui, o objetivo é ater-se à abordagem psicanalítica, que não se coloca como uma teoria baseada na descrição ou no fenômeno, mas sim na transferência – condição de possibilidade para qualquer diagnóstico. Entre psiquiatria biológica e psicanálise há uma ruptura de base na qual os conceitos formadores de cada saber se opõem. Nesse caso, a questão que se coloca neste trabalho é: como a psicanálise de Freud e como os desdobramentos trazidos para este saber por Lacan podem ajudar a esclarecer as manifestações de linguagem presentes nas psicoses?

O passo fundamental para que haja uma mudança de paradigma em relação à psicose é entendê-la como algo que não se trata de um déficit de funções, mas sim de um modo diferente de organização subjetiva: se a loucura não é um déficit nem um rebaixamento de funções então ela tem muito a nos ensinar. E é apenas com disposição para aprender que podemos nos aproximar desta questão.

É nesse sentido que este trabalho irá procurar seguir a trilha de pensamento proposta por Freud e Lacan na qual podemos encontrar meios de nos afastarmos da visão da psicose como um problema, seja de ordem biológica, cognitiva ou sociológica. A abordagem proposta pela psiquiatria não deixa brechas para que se possa construir qualquer positividade na psicose, trabalhando com ela na tentativa de excluir todos os sintomas em busca de uma normalidade preestabelecida, aliada ao sistema social e econômico vigente. Ao contrário, a psicanálise parte do pressuposto de que a negatividade é estrutural e, portanto, posta para todos. Desse modo haverá potência de sofrimento para todos os indivíduos, em graus e quantidades diferentes de acordo com suas histórias, independentemente de qualquer diagnóstico. Aqui não se trata, de modo algum, de promover uma exaltação da psicose; é digno de nota o sofrimento intenso pelo qual esses sujeitos passam, porém, é fundamental que haja trabalho no sentido de colocar a psicose no campo social em pé de igualdade com as outras estruturas clínicas. Sabe-se que essa não é uma tarefa simples, muito menos fácil, pois se trata de uma proposta de mudança de paradigmas que atinge diretamente o sistema capitalista, visto que, de modo geral, o psicótico não corresponde às exigências impostas por esse sistema. É diante da necessidade de uma mudança ética e política no que diz respeito às psicoses que este trabalho deve ser lido, e é por isso também que o campo teórico escolhido para seguir esse caminho foi o da psicanálise, já que este saber permite que tal questão seja posta.

Seguindo, então, no campo da psicanálise, é notável que Lacan coloca a linguagem em primeiro plano. Ela funda o campo onde a psicanálise pode habitar e, portanto, se existe algo que garante a psicanálise como um saber posto na cultura é que ela trabalha

com a linguagem. Nesse momento inicial, não há uma definição clara de linguagem para a grande parte dos psicanalistas. Até então, ela se apresentava como a hóspede do pré-consciente, e é contra isso que Lacan vai se posicionar, colocando os atos falhos, os chistes e os sonhos, ou seja, as formações do inconsciente, como fatos de linguagem. Ao apontar para a formulação de Freud de que o homem não é mais senhor em sua própria casa, Lacan irá dizer que há algo na língua que foge ao controle do homem, ele se torna, então, mais um assujeitado à linguagem do que sujeito dela. Por essa via, ele poderá afirmar que, a partir do momento em que o inconsciente foi descoberto, seria impossível não entrar na linguística e servir-se dela. Nesse sentido, o caminho está se abrindo para o reconhecimento do inconsciente estando estruturado pela linguagem, mudando a perspectiva freudiana: "o inconsciente não é o primordial nem o instintivo e de elementar conhece apenas os elementos do significante".[1]

Toda essa teorização com base na linguagem empenhada por Lacan tem como pano de fundo o movimento estruturalista que estava em alta na França nos anos 50 e 60. Este movimento teórico buscava localizar epistemologicamente as Ciências Humanas como ciência, e é por essa via que Lacan se pronuncia na intenção de posicionar, neste campo, a Psicanálise. O estruturalismo tinha como ponto principal a linguagem como um fato social que tem a função de regular as trocas e as relações.[2] A linguagem seria o modo de organização das relações de identidade e de diferenças, sendo a base para toda experiência social. O casamento, a família, os valores, os mitos etc. seriam estruturados como uma linguagem, e é exatamente esta linguagem que entra como estruturante do campo da experiência que Lacan nomeará de simbólico.

Nessa linha, nada mais coerente do que a afirmação de que para fazer um diagnóstico de psicose é preciso observar as alterações de linguagem. Só é possível reconhecer um psicótico por meio da análise de sua posição subjetiva no discurso, o que indica que na psicose do que se deve fazer questão não é da suposta perda da realidade, mas sim do mecanismo e do registro daquilo que vem para substituí-la.

Para adentrar nessa questão tão singular e delicada pela via da psicanálise, é necessário abordar os conceitos de Freud e, posteriormente, de Lacan, que podem oferecer um caminho de aproximação e explanação dos fenômenos de linguagem presentes nos indivíduos psicóticos. Em Freud, parte-se da metapsicologia, por meio da qual serão tratadas as

---

[1] LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 516.
[2] SAFATLE, V. **Lacan.** São Paulo: Publifolha, 2007, p. 43.

operações inconscientes e a relação representativa entre palavras e coisas, bem como as consequências metapsicológicas e discursivas desse tipo de relação na psicose. Para isso, é importante ater-se aos conceitos de representação de coisa e de palavra e ao modo como eles se articulam e se fazem presentes em termos tópicos, econômicos e dinâmicos. Além disso, serão também abordados, brevemente, os textos sobre as diferenças entre neurose e psicose, passando por Schreber. Porém, o principal foco desta pesquisa é investigar como Lacan articulou essa questão nos primeiros anos de seu ensino, e, para tanto, será necessário debruçar-se sobre os conceitos de significante e significado, que foram trazidos da linguística para a psicanálise por este autor, e ao modo como eles se articulam fazendo surgir significação e sentido.

Também está no âmbito desta pesquisa abordar a questão da metáfora e da metonímia e consequentemente do significante Nome-do-Pai e do significante fálico. É também fundamental investigar a hipótese lacaniana que designa o mecanismo de funcionamento das psicoses: a *Verwerfung* ou foraclusão do Nome-do-Pai. Essa hipótese tem a aspiração de abranger a incidência ou não deste significante primordial e suas consequências que se ligam diretamente à constituição do sujeito falante diferenciando-o estruturalmente e trazendo modos distintos de relação com a linguagem.

Desse modo, é objetivo deste trabalho aprofundar o entendimento sobre como os conceitos de significante e significado em Lacan marcam a forma de funcionamento dos sujeitos em termos da função significante Nome-do-Pai. Sobre esse ponto será seguido o caminho feito pelo sujeito ao se confrontar com uma representação insuportável. Neste confronto, o sujeito a recusa de tal modo que ele jamais terá acesso a ela, mesmo se fizer esse clamor. Essa representação ou, melhor dizendo, esse significante que entra em cena no período edípico, ao ser recusado, faz com que seja imprescindível uma nova organização da experiência de si, do corpo próprio, da relação com o outro e com o Outro. Por isso, o psicótico terá que construir um mundo único, onde é capaz de viver, mesmo que ele não possa compartilhá-lo. Essa experiência de desconstrução e reconstrução subjetiva nos traz exemplos de vivências de muita dor e angústia que podem encontrar uma saída através da articulação significante mesmo com o abalo do universo simbólico.

É importante marcar também que essa fala peculiar da psicose não é algo que se manifesta obrigatoriamente em todo ato de fala. Isso é bastante variável dependendo do caso em questão. Na psicose, fora da crise, também pode existir por muito tempo uma fala comum que se parece com a da maioria, que tem a função de ajudar o sujeito a se guiar socialmente. Isso é possível devido a supostas identificações que dão lugar e resposta sobre o que é preciso

fazer em determinadas circunstâncias por via de certa imitação que serve de muletas imaginárias[3] à falta significante. De modo que a crise ocorre quando há o encontro de dois furos, um no simbólico (foraclusão) e outro no imaginário, isto é, quando o imaginário não consegue sustentar o furo do simbólico. Pois, quando há a ausência de um significante, o que surge para suplementar este furo é o que está do lado do significado, porém isso pode não bastar, podem-se esgotar as significações e então será feito um apelo direto ao significante faltante.

Por fim, é importante destacar que, no domínio desta pesquisa, ao se tratar de linguagem na psicose não será feita uma distinção entre esquizofrenia e paranoia mesmo que, de modo geral, seja possível observar uma diferença importante na fala desses dois tipos clínicos. Segundo Freud, na esquizofrenia há uma regressão ao autoerotismo, o que no estádio do espelho de Lacan faz correspondência a uma imagem de corpo despedaçado e, portanto, a uma tendência a fragmentação do corpo, uma inconstituição do Eu e uma consequente dispersão do sentido. Na paranoia haveria uma regressão ao narcisismo, o que provoca uma fixação da imagem do outro e o congelamento do sentido. Se na esquizofrenia, o sujeito resiste em ser apreendido pelo significante, na paranoia, ele está mais do que representado, ele está fixado e retido por um significante.[4] Seguindo essa diferença posta entre esquizofrenia e paranoia, temos que, na primeira, podemos nos deparar com manifestações de fala que, apesar de manter a coerência gramatical, são incompreensíveis em seu conteúdo; as palavras postas numa frase podem não apresentar relação clara entre si, e podem haver neologismos ou o emprego da palavra de um modo totalmente novo no que se refere ao uso corrente do termo. Tudo isso torna mais difícil o entendimento do que está sendo dito. Na paranoia, por seu turno, às vezes somos capazes de entender tudo o que é dito, todas as palavras são conhecidas e a estrutura da frase é gramaticalmente perfeita, porém o que foi dito não entra em consonância com o discurso comum podendo ser considerado da ordem da fantasia ou do impossível. Apesar dessa diferença aparente, esses dois modos de expressão verbal podem se misturar e se confundir. Não há regras que coloquem uma distância instransponível entre o discurso do esquizofrênico e o do paranoico, pois ambos estão submetidos aos mecanismos de funcionamento do inconsciente que regem as psicoses. Isso quer dizer que apesar das observáveis diferenças de discurso na esquizofrenia e na paranoia é possível, na via da psicanálise, afirmar que ambos são consequências da foraclusão do Nome-do-Pai. É nesse

[3] LACAN, J. **O Seminário. Livro 3: As psicoses** (1955-1956). Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p. 240.
[4] QUINET, A. **Psicose e Laço Social: Esquizofrenia, paranoia e melancolia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 59-60.

sentido que o que interessa aqui é encontrar as hipóteses que a psicanálise nos apresenta sobre aquilo que funciona como base geral das psicoses e pode estar presente nos dois casos. Por esse motivo, serão apresentados alguns exemplos de falas claramente psicóticas, porém não será feita nenhuma alusão diagnóstica mais precisa, já que não se trata aqui de classificar, mas sim de investigar.

A fim de abordar a questão por meio dos moldes já apresentados, a opção de método escolhida foi trabalhar com a bibliografia e realizar um estudo de cunho teórico. Portanto, os procedimentos metodológicos adotados consistiram basicamente na análise estrutural e na interpretação de textos psicanalíticos de Freud e Lacan, selecionados de acordo com a temática. Particularmente, em relação à obra de Lacan, foram foco deste trabalho os seminários e escritos dos primeiros anos de sua docência (1953 – 1958). Esse material foi objeto de investigação teórica à luz da questão proposta e suas correlações. Foi útil também uma seleção da bibliografia secundária (comentadores), com o objetivo de complementar a abordagem e a problematização dos temas levantados. Além dos autores já citados e da bibliografia secundária, também entrou no escopo desta pesquisa alguns textos da área da linguística, principalmente de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson. Os resultados obtidos serão fruto da leitura dos textos e da articulação entre os conceitos neles encontrados. A fim de dar realidade concreta às articulações conceituais psicanalíticas a respeito da linguagem nas psicoses serão utilizados exemplos retirados do livro *Memórias de um doente dos nervos* de Daniel Paul Schreber que serviu como base para o estudo da psicose tanto para Freud como para Lacan. Além deste livro, serão utilizados também alguns trechos das transcrições de diálogos com um paciente psicótico presentes na dissertação de Fernanda Duayer Picardi (Unicamp, 1997).

Capítulo 1 – De Freud a Lacan

A psicanálise apresenta-se resistente em ser vista como uma disciplina constituída, já que é inerente a sua construção não parar de se perguntar sobre sua posição e seu status como um saber. Para esta pergunta já houve várias respostas, tais como: a psicanálise é uma ciência, a psicanálise é um gênero especial de ciência, é uma enfermidade contagiosa, ou, ainda, a psicanálise é um discurso. Essa constante variação epistemológica é marcada por uma também constante renovação dos problemas e consequentemente das soluções apresentadas. A dinâmica da análise mostra que, ao mesmo tempo que se coloca em prática um certo saber fazer, este pode imediatamente tornar-se ultrapassado. É, pois, nesse sentido não ser possível em psicanálise haver uma fórmula definitiva. O constante retorno à prática clínica faz com que a psicanálise nunca pare de se questionar e de se transformar, mesmo que essas mudanças causem desgosto e transtornos aos seus seguidores, característica, aliás, notavelmente comum entre Freud e Lacan.

Mesmo sendo de certo modo óbvio que se existe Lacan é porque existiu Freud, isso não quer dizer que é possível encontrar total correspondência entre esses dois autores. Entretanto, podemos nos perguntar: o que, então, liga um a outro?

Segundo Allouch, no livro *Freud e depois Lacan*,[5] há uma mudança de paradigma na psicanálise com a introdução da noção de R.S.I. feita por Lacan. Um paradigma, segundo Thomas S. Kuhn em seu livro *A estrutura das revoluções científicas* (1997), diz respeito às "realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência".[6] Ainda seguindo a argumentação de Allouch por meio dos estudos de Kuhn, a introdução de um novo paradigma ocorre quando:

1 – há uma mudança na concepção de conceitos já estabelecidos

2 – há um deslocamento dos problemas que se oferecem para a investigação

3 – há indicações sobre quais problemas e quais soluções são aceitos

4 – há modificação na imaginação científica

5 – há a introdução de novas práticas

Para Allouch, esses critérios definidos por Kuhn estão todos presentes no trabalho de Lacan a partir de 1953, quando ele estabelece o tripé R.S.I. e o chamado *retorno a Freud*,

---

[5] ALLOUCH, J. **Freud, y después Lacan**. Buenos Aires: Editorial Edelp, 1994.

[6] KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1997, p. 13.

marcando assim distanciamento e proximidade de uma só vez. Mas há um porém: a introdução de um novo paradigma não necessariamente vem de modo a substituir o anterior, ele pode também criar uma nova disciplina dentro de um campo ou ainda refundar um campo já existente, e, ao que tudo indica, parece ser este o caso de Lacan com Freud. Aquele não deixa este para trás nem tampouco o prolonga. Lacan desloca Freud e, assim como uma operação metonímica, continua ligado a ele.

A introdução do paradigma R.S.I. não teve a pretensão de se formalizar como uma teoria dentro de uma disciplina isolada. Porém, para garantir que, mesmo com o surgimento de novos conceitos, essa novidade teórica não se desprendesse da psicanálise, era preciso inventar uma conexão. É isto, uma espécie de ligação através do tempo, que Lacan faz ao partir do conceito de campo e ao ligar esse conceito ao nome de Freud: ele coloca seu novo paradigma dentro desta velha disciplina. Desse modo, o campo freudiano é ao mesmo tempo, também, lacaniano, já que foi Lacan quem o concebeu e o nomeou.

1.1 – As balizas freudianas na abordagem da linguagem na psicose

No caminho para a circunscrição da problemática da linguagem na psicose em Lacan, iniciarei com uma breve descrição de como a psicose foi tomando forma para Freud aliada a algumas considerações sobre a relação desta com a linguagem possível para esses sujeitos.

Na obra de Freud, a psicose foi tomando importância de um modo bastante discreto. Poucos são os escritos freudianos que se dedicaram propriamente a um delineamento do tema, que foi, vagarosamente, ganhando contorno na psicanálise, muitas vezes, dissolvido em textos que tinham como núcleo outras questões. Por isso, o termo psicose só surge como uma categoria legitimamente freudiana a partir de 1924, com a publicação de *Neurose e Psicose* e de *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*. Somando esses textos aos sobre o complexo de Édipo, também escritos em torno de 1923 e 1925[7], a psicanálise passa a trabalhar mais efetivamente com este tema. Segue, portanto, um breve histórico do percurso de Freud na teoria das psicoses.

A elaboração de uma teoria da defesa com base no recalque em um momento anterior a 1900 foi de grande valor para a constituição da primeira distinção nosográfica freudiana que se pautava pela oposição entre *neuroses atuais* e *neuroses de defesa.* O primeiro grupo se refere às afecções com origem na inadequação ou ausência da satisfação sexual, e o segundo tem como causa o processo de defesa, ou seja, são resultados de processos psicológicos. Nesse último grupo, que às vezes é chamado por Freud de *neuropsicoses*, se encontram a *histeria*, a *neurose obsessiva* e *a paranoia*. É importante dar destaque para o fato de que a paranoia, como categoria, está presente nos estudos de Freud desde seu início. Mesmo que este autor tenha se dedicado mais aos estudos da histeria e da neurose obsessiva, ele jamais deixou de notar e dar valor clínico para a presença das manifestações paranoicas.

É importante lembrar também que, neste momento da obra freudiana, sua tópica dá lugar para a distinção entre consciente, pré-consciente e inconsciente. As neuropsicoses de defesa são entendidas com base na relação entre essas instâncias. A defesa se configura como um mecanismo responsável por tentar manter afastado do aparelho psíquico os perigos que ameaçam sua integridade e constância. O processo de defesa é desencadeado quando uma

[7] FREUD, S. A organização Genital Infantil (1923). In: **Obras completas.** Tradução e Notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. 16.
FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925), op. cit.
FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo (1924), op. cit.
FREUD, S. O problema econômico do masoquismo (1924), op. cit.
FREUD, S. A negação (1925), op. cit.

representação conflituosa é vítima do *recalque* que age de modo a separar a representação da pulsão que a investe. Por outro lado, Freud diz que o recalque é de certo modo apenas aparente, tendo que o conteúdo recalcado vai sempre forçar sua volta para a consciência e, ao tentar passar pela barreira do recalque, esse conteúdo sofre algumas modificações que estão na origem dos sintomas.

Esse modo de satisfação substitutiva da pulsão – sintoma – é possível devido ao *processo primário* que é um dos modos de funcionamento do aparelho psíquico. Em *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud descreve esse mecanismo como próprio do inconsciente, por isso também é responsável pela formação dos sonhos. Uma das características do processo primário é a livre circulação da energia de investimento que pode passar de uma representação para outra a partir de dois movimentos: a condensação e o deslocamento. A condensação acontece quando a energia livre no inconsciente reúne várias representações, que de alguma forma se relacionam, formando uma cadeia associativa; o deslocamento acontece quando a intensidade de afeto de uma representação se destaca dela e passa para outras representações pouco investidas, mas que estavam ligadas às primeiras também por uma cadeia associativa.[8]

Seguindo cronologicamente o desenvolvimento da psicanálise freudiana, encontra-se no *narcisismo* um ponto chave para a investigação das *neuropsicoses*, e, então, a partir desse momento, é possível pensar a primeira cisão deste grupo, que agora se divide em: *neuroses de transferência*, que incluem a histeria de conversão, a histeria de angústia e a neurose obsessiva, em oposição às *neuroses narcísicas*, que englobam a paranoia, a esquizofrenia e a melancolia.

O narcisismo é talvez o principal conceito no desenvolvimento da teoria freudiana das psicoses. Pode-se dizer isso por dois motivos: ele está na base da criação de uma categoria nosográfica para a psicose, visto que esta é precedida pelas neuroses narcísicas, e, além disso, sua introdução irá desencadear uma série de mudanças que vão culminar na segunda teoria das pulsões (de pulsões de autoconservação e sexuais para pulsão de vida e de morte) e na segunda tópica[9] (de inconsciente, pré-consciente e consciente para Eu, Id e Supereu[10]). Foram os estudos de Freud sobre a paranoia, a esquizofrenia e a melancolia que chamaram sua atenção para o processo através do qual o Eu é tomado como objeto de satisfação das pulsões.

---

[8] FREUD, S. A Interpretação dos sonhos. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. V, cap. VII, sessão D.

[9] SIMANKE, R. T. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. São Paulo: Editora 34, 1994.

[10] Neste trabalho, a fim de manter coerência com a bibliografia consultada, os termos freudianos *Es*, *Ich* e *Über-Ich*, serão traduzidos como Id, Eu e Supereu, respectivamente, conforme aparecem nas Obras Completas de Freud, editadas pela Companhia das Letras entre 2010 e 2015, com tradução de Paulo César de Souza.

> Situo a diferença entre essas afecções [neuroses narcísicas] e as neuroses de transferência no fato de que nas primeiras a libido – que se tornou disponível devido a um impedimento à satisfação – não permaneceu nos objetos na fantasia, mas recolheu-se ao Eu. Nesse sentido, o delírio de grandeza é um modo de lidar psiquicamente com esse volume de libido recolhido ao Eu (...).[11]

Nota-se que há uma diferença importante na questão do investimento das representações inconscientes nos dois grupos de neuroses. Nas neuroses de transferência, as representações de coisa no inconsciente estão bastante investidas, e o que acontece é que este investimento, devido ao recalque, não é capaz de atingir o nível pré-consciente para depois tornar-se consciente, essa é a causa dos sintomas. Nas neuroses narcísicas, ao contrário, a representação de coisa está fracamente investida, e as palavras estão submetidas ao processo primário funcionando como coisas. É deste processo que surgem os principais sintomas das neuroses narcísicas: o delírio e a alucinação. Esta última ocorre quando o investimento pulsional que se destacou das representações de objeto atinge o sistema percepção-consciência e é capaz de criar a percepção sem a necessidade da presença do objeto. A ausência de investimento nos objetos pode gerar o sentimento comum nos psicóticos de que o mundo irá acabar. O tema tão frequente nos delírios em situações agudas de crise é explicado por essa retração libidinal.

> Este seria o maior estágio de retração dos investimentos objetais, que resulta na fantasia do "fim do mundo" dos paranoicos (levando em conta a precedência da alucinação negativa sobre a positiva, preconizada por Freud) e numa espécie de "morte psíquica" do sujeito, da qual o tema delirante schreberiano do "assassino da alma" constitui uma bela metáfora.[12]

Porém, essa nova distinção tem passagem um tanto efêmera pela obra de Freud, pois aparece junto ao conceito de narcisismo e desaparece com o advento da segunda tópica, quando já é possível falar em *neurose* e *psicose*.

Influenciado pelas formulações da teoria do narcisismo, e a insuficiência do conceito de inconsciente que se apresentava até então, Freud desenvolve a segunda tópica do aparelho psíquico apresentada no texto *O Eu e o Id* (1923), e é só a partir dessa nova teoria que é possível abandonar os conceitos de *neurose narcísica* e *neurose de transferência*, para se falar em *neurose* e *psicose*, termos que ganham o estatuto de conceito psicanalítico a partir

[11] FREUD, S. À Guisa de introdução ao narcisismo. In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução Luiz A. Hanns et. al. Rio de Janeiro: Imago, 2004, p. 106.
[12] SIMANKE, R., op. cit., p. 159.

da publicação de *Neurose e Psicose* (1924) e de *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924).

Em *Neurose e Psicose*, Freud elabora a seguinte expressão – intitulada de "fórmula" pelo próprio autor: "a neurose seria o resultado de um conflito entre o Eu e seu Id, enquanto a psicose seria o análogo desfecho de tal perturbação nos laços entre o Eu e o mundo exterior"[13]. A partir desta fórmula, entende-se que nas neuroses o Eu recua diante de um impulso do Id e se recusa a ajudá-lo a encontrar um modo de satisfação ou um objeto que a possibilite. Disso resulta um conflito entre o Eu e o Id em função de uma proteção às exigências da realidade ou de atender as demandas do Supereu que a representa. Por outro lado, na psicose, o mundo externo é uma criação do Eu de acordo com as exigências do Id, que, em um primeiro momento, não encontrou satisfação na realidade externa e por isso fez o Eu a afastar. Mais uma vez o Eu se encontra entre duas grandes forças e só sobreviverá cedendo a uma delas: ou ele cede à realidade e sufoca as pulsões do Id, ou ele cede ao Id sendo arrancado por ele da realidade.

Em ambos os artigos, Freud dá início ao delineamento daquilo que podemos entender como uma neurose ou uma psicose. Porém, ainda se notam restos de sua última distinção nosográfica entre neuroses narcísicas e neuroses de transferência. Por isso, cabe dizer que esses artigos de 1924 marcam um importante período de transição que abre caminho para uma possível coesão desses conceitos, que só vão encontrar seu grau mais elevado com Lacan. Em *Neurose e Psicose*, Freud chega a dizer que além das neuroses de transferência e das psicoses, ainda há as neuroses narcísicas, categoria que contemplaria a melancolia. Ele faz essa distinção partindo da ideia de que nas neuroses de transferência há um conflito entre Eu e Id, nas neuroses narcísicas (melancolia) há um conflito entre Eu e Supereu e nas psicoses o conflito é entre Eu e mundo externo.[14]

Desde a teoria do narcisismo, sabe-se que o psicótico tem uma vinculação diferenciada com a realidade, mas agora existem novas ferramentas para dar sustentação a essa ideia. O Eu é a instância psíquica responsável pelo contato com o mundo externo; na neurose se há algo que não pode ser de conhecimento do Eu, essa representação é recalcada, permanecendo no inconsciente, lugar tópico chamado agora de Id; na psicose, o Eu é barrado nas primeiras tentativas de entrar em contato com os objetos externos, não há recalque, há uma dificuldade na realização de investimentos pelo Eu.

---

[13] FREUD, S. Neurose e Psicose (1924). In: **Obras completas**. Tradução e Notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. 16, p. 159.
[14] Ibid., p. 162.

Freud percebeu que nas psicoses há algum tipo de perturbação simbólica no vínculo entre representação de coisa (*Sachvorstellung*) e representação de palavra (*Wortvorstellung*), ou seja, no vínculo entre inconsciente e consciente, o que o fez notar que o modo de funcionamento típico do inconsciente, o processo primário, nesses casos, atinge também o consciente. Isto não quer dizer que o processo de defesa não se dá nas psicoses, pelo contrário, ele é tão drástico que faz com que o processo primário atinja o Eu; o que equivale dizer que o modo de funcionamento do inconsciente se faz presente no Eu consciente colocando a defesa não entre Id e Eu, mas sim entre Eu e realidade externa. Mesmo antes da distinção nosográfica final, que abrange a neurose e a psicose, cunhada em meados de 1924, Freud já havia notado que nesta última há uma diferença em termos de linguagem com relação à primeira, o que é explicitamente manifesto no trecho a seguir do artigo *O Inconscient*e publicado em 1915.

> Observa-se nos esquizofrênicos, sobretudo nos instrutivos estágios iniciais, um bom número de mudanças na linguagem, das quais algumas merecem ser examinadas de um certo ponto de vista. Frequentemente o modo de expressão é objeto de um cuidado especial, torna-se "rebuscado", "afetado". As frases são formadas com uma peculiar ausência de organização que as torna ininteligíveis para nós, de maneira que consideramos absurdas as manifestações dos doentes. Com frequência, uma relação com órgãos do corpo ou inervações assume o primeiro plano no conteúdo dessas manifestações. A isso podemos acrescentar que, nesses sintomas da esquizofrenia que semelham formações substitutivas histéricas ou neurótico-obsessivas, a relação entre o substituto e o reprimido mostra peculiaridades que nos surpreenderiam nas duas neuroses mencionadas.[15]

Essa corriqueira referência a órgãos corporais, como diz Freud no trecho acima, é muito bem exemplificada na seguinte fala retirada das transcrições de entrevistas presentes na dissertação de mestrado de Fernanda Duayer Picardi (1997).

> Porque eu tinha tudo na minha cabeça especial, energia, forma, tudo, né? Mas existia um líquido na minha cabeça que ainda tava fora do lugar, tava fora do lugar, eu não sei se o líquido tinha que sair ou tinha que se transformar numa outra coisa prá misturar junto ou se era pura

[15] FREUD, S. O Inconsciente (1915). In: **Obras Completas**. Tradução e Notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 12, p. 102.

> e simplesmente ficar líquido mental. Num sei tia. Toda vez que eu chegava perto de uma menina, sabe? Esquentava, sabe?[16]

É também por meio da observação da linguagem nas psicoses que Freud conclui que o Eu é sobreinvestido pela libido que se desligou das representações de coisa e que, nesses casos, investem as representações de palavra. Estas, portanto, estão submetidas às leis do processo primário, o que significa que as palavras na psicose funcionam como coisas. As psicoses, nesse momento, aparecem como o avesso tópico das neuroses de transferência, avesso do recalcado, pois enquanto nestas o inconsciente é justamente a parte de mais difícil acesso, demandando um trabalho analítico para fazer as representações de coisa se juntarem às de palavra e se tornarem conscientes, naquelas o inconsciente já se encontra para o lado de fora, as representações de coisa são tão acessíveis quanto às de palavra.

> O psicótico neste contexto, ao invés de um indivíduo profundamente enclausurado em seu mundo interior, surge como inteiramente jogado no mundo externo, como se virado do avesso. (...) O que se mostra claramente na alucinação e no delírio é tão somente aquilo que, no neurótico, é ocultado pela repressão, agora ausente.[17]

E nas palavras de Freud:

> A investigação psicanalítica da paranoia não seria possível se os doentes não tivessem a peculiaridade de revelar, ainda que de forma distorcida, justamente o que os demais neuróticos escondem como um segredo.[18]

Apesar de Freud já ter descrito alguns dos mecanismos metapsicológicos das neuroses narcísicas, incluindo a formação de seus sintomas (alucinação e delírio) ainda faltava um esclarecimento sobre o motivo pelo qual isso ocorria, ou seja, por que existem sujeitos que apresentam uma forma diferente de contato com a realidade. Na direção de uma resposta a esta pergunta, aparecem o complexo de Édipo e, com ele, a *castração*, de modo que advirá, de acordo com a posição do sujeito diante dela, uma neurose ou uma psicose.

---

[16] PICARDI, F. D. **Linguagem e esquizofrenia: na fronteira do sentido**. 1997. Dissertação de Mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 1997, Apêndice, p. i.

[17] SIMANKE, R. T., op. cit., p. 186.

[18] FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"). In: **Obras completas**. Tradução e Notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 10, p. 10.

É em *A organização genital infantil* (1923) que pela primeira vez se fala em castração como um complexo pelo qual o desenvolvimento infantil é marcado. Ela aparece como uma ameaça à unidade narcísica adquirida nos períodos anteriores e é tão importante na constituição subjetiva justamente porque é um ataque ao narcisismo que ainda trazia certa estabilidade. Portanto, a castração não é apenas uma ameaça aos genitais, é uma proibição drástica que é consequência do contato com as restrições da realidade. É nesse período que entra em cena a diferença sexual, como uma barreira diante da qual o sujeito deve se posicionar.

As crianças, desde muito cedo, se empenham em uma investigação sobre a sexualidade. Geralmente, elas primeiro se perguntam sobre a origem dos bebês, mas essa investigação as leva para questões que tem como foco o casamento, a família e o corpo. Disso resulta a descoberta da diferença sexual, que causa diferentes consequências aos meninos e às meninas.

Segundo Freud, o menino, ao conhecer seu órgão genital supõe que todos os animais e pessoas, entre adultos e crianças possuem um órgão como o seu. Aliás, na análise do pequeno Hans[19], Freud diz encontrar evidências da procura de um órgão sexual masculino, pela criança, também nas coisas inanimadas. O menino se sente atraído e intrigado com essa parte de seu corpo que é facilmente excitável e produtora de diferentes sensações, procurando entendê-la e estudá-la0. No decorrer dessa pesquisa, os meninos acabam por descobrir que algumas pessoas não possuem este órgão, em função disso, as crianças criam explicações para este fato: eles podem pensar que se enganaram e que sim, todos possuem um pênis, ou que algumas pessoas não o têm porque ele ainda não cresceu o suficiente para que pudesse ser visto e, por fim, surge a crença de que o pênis esteve um dia com todos, mas algumas pessoas o perderam, pois alguém o retirou. Dessa conclusão, surge o *complexo de castração*, que se configura como o medo que os meninos sentem de perder seu próprio pênis, de que alguém com mais força e poder possa cortá-lo; e esse lugar de castrador vem ser representado pelo *pai*. Além disso, a descoberta da diferença sexual nos meninos põe em cheque a fantasia da mãe fálica quando há a percepção de que um grupo de pessoas não possui um órgão como o seu, e que, acima de tudo, sua mãe faz parte desse grupo. Isso faz cair por terra a ideia de uma mãe completa e perfeita, o que traz para a cena, a figura do pai, abrindo espaço para os registros do masculino e do feminino.

[19] FREUD. S. Análise da fobia de um garoto de cinco anos (1909). In: **Obras Completas**. Tradução e Notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, vol. 8.

Este momento edípico também é lugar da expressão do amor intenso que essas crianças sentem por sua *mãe*. A mãe como cuidadora primordial é também o primeiro objeto de amor das crianças. No caso das crianças do sexo masculino, na medida em que elas se empenham na pesquisa pelo conhecimento dos órgãos genitais, o pai entra em cena como aquele que possui o poder de manter ou retirar estes, segundo elas, em função da relação de amor que é mantida com sua mãe. Desse modo, a ameaça da castração ganha força, e o menino se vê obrigado a renunciar à satisfação incestuosa dentro do complexo de Édipo. Nesse momento, a criança acha-se em um conflito de investimento pulsional. E Freud, ao descrever este impasse que marca o fim da fase edípica, diz que:

> Se a satisfação amorosa no terreno do complexo de Édipo deve custar o pênis, tem de haver um conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais. Nesse conflito vence normalmente a primeira dessas forças; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo.[20]

No caso em que a escolha preserva o investimento narcísico no corpo, os investimentos voltados ao exterior, ou seja, aos pais, são abandonados e substituídos por *identificações* reconhecidas pela psicanálise como "a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa"[21]. Então, para o menino, uma das saídas ao renunciar ao investimento sexual em sua mãe é se identificar com o pai, pois este ocupa o lugar no qual a criança desejou estar, assim ela o toma como modelo. A figura paterna, que tem a função de mostrar as regras, controlar e punir, ao ser introjetada, se transforma no Supereu, que vai assegurar a impossibilidade do retorno a esses investimentos de amor que passam a ser entendidos como proibidos.

Por sua vez, as meninas, primeiramente, notam o órgão genital de algum companheiro do sexo masculino e ao perceber que elas não possuem algo como o dele se tornam invejosas do pênis e procuram formas de vir a ter um. Assim, na busca por um pênis, a menina tende a se afastar de sua mãe que, segundo ela, a colocou no mundo com um corpo tão insuficiente, se voltando para seu pai com a intenção de ganhar um órgão como o dele. À medida que a menina percebe a impossibilidade de ganhar um pênis de seu pai, ela abandona esse desejo e o substitui por o de ter um filho.[22]

---

[20] FREUD, S. A Dissolução do Complexo de Édipo (1924), op. cit., p. 186.
[21] FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: **Obras Completas**. Tradução e Notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. 15, p. 46.
[22] FREUD. S. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925), op. cit.

Desse modo, se para o menino a ameaça de castração põe fim ao complexo de Édipo, a menina entra nessa fase por vias da percepção da castração que ocorrera fantasiosamente em seu corpo. A diferença de atitude, durante o complexo de Édipo, se dá devido à distinção anatômica entre os sexos e entre a ameaça e a execução fantasiosa da castração: enquanto nos meninos o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas, ele se faz possível e é introduzido através deste complexo. Nesse momento, assim como o menino, a menina também terá que sair do complexo de Édipo por uma das vias da identificação. Assim, ela pode se identificar com sua mãe, ou seja, com a posição de ser desejada pelo pai, ou com o pai, objeto de desejo. É importante notar que a identificação pode tomar do outro apenas alguns de seus traços, e essa variação dependerá da dinâmica de cada complexo.

A identificação pode ocorrer de duas maneiras distintas: a primeira delas foi dita anteriormente e reflete a identificação com a pessoa que ocupa o lugar desejado; a outra maneira de resolver o conflito edípico é se identificando com o objeto de desejo.

> No primeiro caso o pai é aquilo que se gostaria de *ser*, no segundo, o que se gostaria de *ter*. Depende, portanto, de que a ligação recaia no sujeito ou no objeto do Eu. O primeiro tipo, então, já é possível antes de qualquer escolha de objeto. Bem mais difícil é fazer uma apresentação metapsicológica nítida dessa diferença. Percebe-se apenas que a identificação se empenha em configurar o próprio Eu à semelhança daquele tomado por "modelo".[23]

A oposição entre ser e ter desemboca, de certo modo, na oposição entre neurose e psicose. *Ser* está ligado ao processo de identificação no sentido de um emparelhamento ao objeto; já o *ter* requer um passo além, no qual o objeto é investido pulsionalmente e passa a compor o sujeito gerando uma representação psíquica. Assim, quando descobre a diferença sexual, o psicótico se mantém no *ser,* em identificações masculinas e femininas, mas recua ante a imposição da diferença, no sentido de incorporá-la. Ao levar em conta a originária bissexualidade humana, as primeiras identificações são tanto maternas quando paternas, ou seja, são tanto femininas quanto masculinas, pois ainda não há a inscrição subjetiva dessa diferença. Essas identificações primárias são, portanto, ambivalentes e podem durar a vida toda, como a marca de um período no qual não se sabia da diferença sexual e no qual houve um recuo diante dela.

[23] FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do eu (1921), op. cit., p. 48.

O sujeito psicótico ao se deparar com a diferença sexual não consegue mais voltar ao estágio narcísico que vivia anteriormente, porque esse saber da diferença é traumático. Segundo Simanke: "qualquer opção identificatória [masculina ou feminina], doravante implica uma perda na participação do sujeito na totalidade imaginária".[24] Esse trauma leva o sujeito a uma angústia narcísica de fragmentação muitas vezes experienciada na crise psicótica. Nesse sentido, a entrada no complexo de Édipo é uma via de compensação para a ferida narcísica, um modo de elaborar as novas situações de tensão para o aparelho psíquico. Nas psicoses ocorre que o ponto de fixação é anterior ao Édipo (é o que sugere a teoria do narcisismo), não há um investimento de objeto que compense a ferida narcísica da castração, portanto, ele constrói uma defesa que se configura como uma negação da realidade. Ou seja, um grande investimento narcísico cancela um fato real e consequentemente nega a castração que se coloca como representante da realidade trazendo severas restrições à satisfação do desejo.

A castração se configura como uma ameaça à unidade narcísica adquirida nos períodos anteriores da infância. Ela surge como consequência das impossibilidades reais de uma vivência de satisfação, vindo colocar para o sujeito limites à realização de seus desejos. Longe de ser somente uma ameaça aos genitais, a castração representa o fim de um estado de conforto do aparelho psíquico sob a forma de uma proibição drástica que é consequência do contato do indivíduo com a realidade. Nas psicoses, não há assimilação da ameaça de castração que é algo que tem como função apresentar ao sujeito o mundo real, cheio de limitações. Consequência disso é a não diferenciação entre interno e externo, entre Eu e mundo, entre Eu e outro e, falando metapsicologicamente, entre representação e coisa. Isso está na base do processo de defesa na psicose. Nesse caso, o psicótico não faz um investimento de objeto que compense a ferida narcísica da castração. Ele alucina ou delira como mecanismo compensatório (processo de defesa) para conseguir apreender a realidade na qual vive.

A energia de investimento na psicose, segundo Freud, não se direciona para fora do aparelho psíquico, se mantendo dentro dele. E é por esse motivo que Freud designava as psicoses por neuroses narcísicas, pois o narcisismo se refere a esse estado em que a energia psíquica se encontra em grande parte voltada para o próprio Eu, que se torna objeto dela. O psicótico tem a característica narcísica de valorizar a si mesmo e desvalorizar o mundo, em termos de economia psíquica. Todos os indivíduos possuem investimentos narcísicos em

[24] SIMANKE, R. T., op. cit., p. 198.

diferentes quantidades, portanto o narcisismo não é, necessariamente, uma radical retirada de investimento pulsional da realidade, ele é, contrariamente, uma estratégia de adaptação a ela, para a sobrevivência. A tessitura narcísica em seu grau mais avançado é manifesta no caso da psicose, pois configura a troca daquilo que as adversidades da realidade não permitem por algo que está ao alcance do próprio indivíduo, ou seja, ele mesmo. Assim, na psicose, para Freud, o Eu se apresenta como objeto às suas pulsões do Id, se retirando do mundo externo e de seus percalços.

Na linguagem, isso se reflete no modo de articulação das palavras, posto que a tópica do aparelho psíquico na psicose não corresponde à divisão que advém da ocorrência da castração no período edípico. Seguindo esta lógica, o vínculo da representação de coisa com a representação de palavra será feito de modo que as palavras estarão ligadas as representações de objeto como se estas fossem àquilo que é experienciado pelo sujeito como o próprio objeto externo e não sua representação psíquica. É neste sentido que as palavras ganham o peso e a concretude dos objetos. Isso explica, por exemplo, algumas alucinações sinestésicas, quando o sujeito sente um movimento de seu corpo como se fosse um movimento externo a si do qual ele é vítima e não ator, ou quando sente mudanças corporais de acordo com as palavras ditas por ele ou por outros. Isso também pode ser usado como hipótese teórica para explicar as alucinações visuais ou sonoras onde um pensamento se materializa enquanto uma sensação visual ou auditiva e também os delírios nos quais há um encadeamento de palavras de onde não há saída possível pelo enganchamento com algo da realidade. Mais uma vez, isso acontece, segundo a teoria freudiana, porque as representações de palavra estão submetidas ao processo primário que na neurose regula o movimento das representações de objeto, ou seja, as palavras são articuladas através dos processos de deslocamento e condensação e deste modo há um enfraquecimento do vínculo entre representações de objeto e mundo externo, de modo que este último será regulado pelas palavras.

1.2 – Os desarranjos de linguagem para o Lacan psiquiatra

Como não poderia deixar de ser, é notável a influência que sofreu Lacan de alguns psiquiatras contemporâneos e anteriores ao desenvolvimento de suas teses. Podemos citar vários deles, como: Kraepelin (1856-1926), Jaspers (1883-1969), Clérambault (1872-1934), Serieux (1864-1947), Capgras (1873-1950), Janet (1859-1947), Bleuler (1857-1939), Henri Ey (1900-1977), entre outros. Porém, especificamente sobre a questão da linguagem, alguns se dedicaram mais do que outros ao tema e realizaram trabalho mais significativo.

Antes de iniciar sua releitura da obra freudiana, Lacan publicou alguns trabalhos sobre linguagem e psicose, ainda dentro da área da psiquiatria. Entre eles está o artigo *Escritos Inspirados; esquizografia*, de 1931, e obviamente sua tese de doutorado *Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade* sobre o caso Aimée em 1932.

Neste artigo de 1931, Lacan, juntamente com Lévy-Valensi e P. Migault, se debruçou sobre a questão da linguagem tomando como exemplo um caso trazido por C. Pfersdorff, em seu livro chamado *A esquizofasia, as categorias de linguagem*, publicado em 1927. Este livro apresenta a tese de que no delírio não há nenhuma perturbação na sintaxe e que, portanto, se há distúrbio, este deve estar ligado ao sentido. Além disso, ele também defende que essa espécie de frase na qual há palavras bem articuladas gramaticalmente, porém falta o sentido, pode ser chamada de *automatismo*. O que dá origem ao que ele chama de *linguagem automática do alienado.* Logo, inspirados por este livro de Pfersdorff, Lacan e seus companheiros, do referido artigo, trazem uma reflexão sobre os escritos da professora primária Marcelle C. cujos textos já haviam sido analisados por Pfersdorff no livro citado acima. Nesses textos encontraram-se certas perturbações verbais e nominais de modo que as palavras se articulam por via do som, o que é chamado por Lacan, neste artigo, de imagem auditiva. Essa espécie de aproximação sonora das palavras, além de criar neologismos, desencadeia uma sequência na qual o som se torna o atributo mais importante na articulação linguística, se impondo em relação ao conceito, mas sempre mantendo a gramática.

> As formulações conceituais, sejam aquelas do delírio ou dos textos escritos, não têm mais importância que as falas intercambiáveis de uma canção emparelhada. Longe de elas motivarem a melodia, são elas que a sustentam e legitimam, se for possível, seu non-sens.[25]

[25] J. Lacan, J. Lévy Valensi, P. Migault, "Écrits 'inspires': Schizographie", Annales Medico-Psychologiques, 1931, II, p. 508-52;, p. 522, apud M. VILTARD. "Scilicet". In: **Literal**, vol. 10. Tradução Viviane Veras. Publicação da Escola de Psicanálise de Campinas, 2007, p. 213.

Ou seja, a melodia, o ritmo e a sonoridade ganham relevância sobre o sentido ou o conceito de tal modo que os autores afirmam, neste trecho, que é possível que as formulações conceituais se façam nada mais do que à base da melodia. É o conceito que sustenta o não senso das formulações, e é a melodia que motiva o seu surgimento. É o ritmo, a cadência, a melodia e a pontuação que trazem o sentido para as construções de fala desta paciente, mesmo com a falsa aparência de incoerência gramatical. Eis um verso da professora Marcelle C. que Lacan analisa em seu artigo de 1931.

> Mais si vous voulez faire le merle à fouine et le / tant l'aire est belle qu'il la fault majorer de faits, / c'est que vous êtes as de la fête et qu'il nous faut tous pleurer.[26]

É notável que esta análise, tão inicial no percurso de Lacan, já proponha uma inversão no que diz respeito ao valor comumente atribuído pela psiquiatria ao sentido da fala ou da escrita dos pacientes. É igualmente visível também a relevância dada por Lacan e seus colegas ao som em detrimento do conceito, ponto que será um dos mais fundamentais nos desenvolvimentos posteriores deste autor.

Um ano depois, Lacan faz sua tese de doutorado, ainda seguindo os passos de alguns psiquiatras. Uma das presenças mais destacadas, neste momento, é a do psiquiatra alemão Emil Kraepelin, considerado por muitos o fundador da psiquiatria moderna. Em relação às psicoses, este deu grande ênfase ao delírio e aos supostos distúrbios de linguagem que, segundo ele, não podem ser estudados à parte da personalidade. A partir disso abre-se o caminho para a aproximação entre psicose e linguagem. O foco posto sobre as manifestações de linguagem na paranoia, como o delírio e os chamados desarranjos de linguagem (*Sprachverwirrtheit*) possibilitaram a abertura de um debate, agora, colocado sobre esses termos. O valor da teoria de Kraepelin para as novidades teóricas trazidas por Lacan repousa fundamentalmente no interesse deste sobre os fenômenos de linguagem, principalmente nas psicoses, mas não somente. Compõe o escopo dessas pesquisas a linguagem infantil, o lapso e o sonho. Kraepelin chegou até a publicar um artigo em 1910 intitulado *As perturbações de linguagem nos sonhos* no qual apresenta muitos exemplos e os classifica em três tipos: alterações de palavra, alterações de discurso e alterações de pensamento. Mesmo diante disso, pode-se dizer que não há em Kraepelin uma teoria que explique essa aproximação entre o campo da linguagem e o dos sonhos com a psicose. Se, na sua tese de doutorado, Lacan pode se pautar na teoria de Kraepelin sobre a paranoia, esse quadro muda logo no início do

[26] Ibid., p. 212.

seminário sobre as psicoses, onde Lacan faz uma extensa crítica, ponto a ponto, da definição de paranoia cunhada por Kraepelin, rompendo laços com ele e com a psiquiatria de modo geral.

Em sua tese de doutorado, *Da psicose paranoica e sua relação com a personalidade* (1932), Lacan, ainda próximo à psiquiatria, mas já iniciando um gesto de separação, defende que a personalidade é uma unidade em desenvolvimento cujos fenômenos manifestos advêm de psicogênese[27]. Por essa via, Lacan traz uma abordagem que se coloca fora de qualquer leitura orgânica ou funcional das psicoses, e se vincula a conceitos como o de psicogênese a fim de assegurar este lugar. Entretanto, como já sabemos, esse cenário muda efetivamente com o início do seminário sobre as psicoses onde Lacan abandonará o conceito de psicogênese e defenderá uma nova abordagem pautada não na compreensão, mas na explicação da psicose através do significante. A partir de 1955, psicose e personalidade não mais se relacionarão, pois, serão entendidas como uma só e mesma coisa.

Outra possível influência no pensamento lacaniano foi o psiquiatra Eugen Bleuler. Este também estudou as alterações de linguagem nos sonhos e na *esquizofrenia* – categoria diagnóstica por ele criada. Para ele, este diagnóstico é provocado por uma dissociação entre linguagem e pensamento. Essa conexão, quando interrompida, faz com que as ideias se unam umas às outras de modo aleatório e ocasional e assim elas podem se fixar em construções aparentemente estranhas. Desse modo, as palavras poderiam ser como envelopes vazios (sem sentido) ou envelopes com um conteúdo não habitual (sentido diferente daquele atribuído comumente a tal palavra).

Com base nos trabalhos de Kraepelin e Bleuler, já é possível identificar um dos pontos de partida de Lacan em sua teoria sobre a linguagem na psicose nos primeiros anos de seu retorno a Freud. Para ir além dessas formulações psiquiátricas, Lacan teve que abandonar a noção de uma articulação entre linguagem e pensamento e tomar sobre isso um novo ponto de vista, que, por sua vez, só foi possível através da análise que ele faz do texto que Freud escreveu sobre o Presidente Schreber. Com base nesses dados acima, vemos que a questão entre linguagem e psicose está posta há muito tempo, porém, quando Lacan inicia seu retorno a Freud, tomando a questão da linguagem como ponto fundamental, ainda resta a ele fazer muitas articulações importantes sobre este tema.

---

[27] O termo psicogênese é utilizado largamente ao longo da história da psiquiatria onde se opõe ao termo organogênese. A psicogênese trata determinadas alterações físicas ou mentais como causadas por fatores psicológicos enquanto a organogênese refere como causa dessas mesmas alterações fatores orgânicos ou fisiológicos. Contemporaneamente a Lacan havia na psiquiatria um debate sobre a origem dos "transtornos mentais" a partir da oposição citada acima. Neste cenário, Lacan assume em sua tese de doutorado a psicogênese como possível origem das psicoses.

Freud nos diz que diante do material deixado por Schreber, em seu livro intitulado *Memórias de um doente dos Nervos*, pode-se tomar duas posições distintas, e que de tão distintas podem ser entendidas como opostas, são elas: compreender o caso a partir dos relatos de Schreber ou tentar encontrar no seu texto as causas de sua doença. Freud, bem como Lacan, toma como método de estudo a primeira dessas opções e segue à risca todos os vestígios deixados por Schreber para a formulação de uma teoria para as psicoses que terá como base a linguagem.

Schreber nos apresenta, em suas memórias, inúmeros caminhos para o surgimento de uma articulação teórica que culminasse na aproximação entre linguagem e psicose. A começar pela língua fundamental, que segundo Schreber é "a língua falada pelo próprio Deus, (...) um alemão algo arcaico mas ainda vigoroso, que se caracteriza principalmente por uma grande riqueza de eufemismos".[28] Assim como nota o próprio Lacan em seu seminário sobre as psicoses, a conceituação de Schreber sobre a língua fundamental se aproxima da reflexão que faz Freud em seu artigo sobre o sentido oculto das palavras primitivas (1910). Neste artigo, Freud fala sobre o fato de que algumas palavras de origem muito arcaicas trazem em si um sentido duplo e contraditório – a mesma palavra designa polos opostos de uma mesma propriedade. Freud nos traz como exemplo a língua falada no Egito antigo, onde se encontra uma mesma palavra para se referir a forte ou fraco, comandar ou obedecer, além de palavras compostas, como velho-jovem, longe-perto, ligar-cortar, fora-dentro, que significam apenas jovem, perto, ligar e dentro, respectivamente. A partir dessa constatação Freud faz uma aproximação entre essas palavras primitivas e a linguagem do inconsciente que por sua vez, não admite contradição, mantendo sob o mesmo registro da afirmação representações que se opõem. Com base nisso, está dada a relação íntima entre linguagem na psicose e inconsciente cuja prova é a língua fundamental de Schreber.

Lacan também chama atenção para algumas palavras que aparecem com certa frequência no livro de Schreber e que têm função especial dentro de seu discurso delirante. Lacan as chama de palavras-chave, em francês *mots-clé*. Essas palavras que possuem efeito neológico se referem a pontos importantes dentro da estrutura delirante, mas como palavras parecem ser irredutíveis, como uma significação que não se vincula a outra, mas somente a ela mesma, de modo a fazer um vínculo com a significação enquanto tal. Isso faz com que as palavras tenham peso em si mesmas. Como exemplo de palavras-chave na obra de Schreber, podemos citar: *assassinato d'almas, assunção dos nervos, coação a pensar, volúpia,*

[28] SCHREBER, D. P. **Memórias de um doente dos nervos.** Tradução: Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 37.

beatitude, *emasculação, homens feitos às pressas, homúnculos*, entre outras. Não é possível chegar a uma explicação ou mais precisamente a uma significação que satisfaça minimamente o significante apresentado como uma palavra-chave, de modo que antes de se articular na cadeia, antes de qualquer coisa, estas palavras acabam por se reduzirem a si mesmas. Já no final de seu seminário sobre as psicoses, Lacan vai dizer que as palavras-chave, ao mesmo tempo que se reduzem a si mesmas, estão sempre às voltas de um significante fundamental que é impossível de ser dito. Sabe-se que este significante é o Nome-do-Pai, e essa impossibilidade de inscrição será discutida mais adiante neste trabalho.

Outra posição discursiva importante encontrada no texto de Schreber são as frases interrompidas. Nestas, a palavra que falta tem ligação direta com o que Schreber chama de *língua fundamental*, e, apesar de estar faltando, está totalmente implicada na frase. O caráter delirante dessa formulação se faz não só pela brusca interrupção, mas também pela falta de um significante e pela suposição de que alguém é capaz de completá-la, de fornecer o significante perdido, ou seja, de que é o outro que conhece e sabe sobre o sentido perdido, e não o próprio sujeito.[29] Schreber nos relata esse tipo de fenômeno em suas *Memórias* da seguinte forma:

> Por influência dos raios, meus nervos são induzidos a vibrações que correspondem a certas palavras humanas e cuja escolha, portanto, não depende de minha própria vontade, mas sim de uma influência externa exercida sobre mim. A princípio prevalecia o *sistema do não-falar-até-o-fim*, isto é, as vibrações às quais meus nervos eram induzidos e as palavras daí resultantes continham predominantemente pensamentos incompletos e inconclusos em si mesmos, contendo apenas fragmentos de pensamentos (...).[30]

Vemos no trecho acima que as frases interrompidas são percebidas por Schreber como vozes que ele escuta independentemente de sua vontade e que são induzidas por algo exterior que tem influência sobre ele e sobre seu corpo. Ao longo do texto vai se tornando clara a sensação de impotência do sujeito diante disso e a conclusão de que se há algo a ser feito a esse respeito, essa atitude deve manter coerência com a ordem de fenômenos responsável por manipular seus pensamentos. Como exemplos desse tipo de frase, ele nos traz o seguinte:

---

[29] PONTES, S. A. **Por uma clínica das psicoses: considerações sobre a noção de sujeito em Lacan.** 2011. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011, p. 138.

[30] SCHREBER, D. P., op. cit., p. 175.

1 – “Agora eu vou-me”
2 – “Você deve de fato”
3 – “Nisto eu quero”
4 – “Mas agora ele deveria”
5 – “Mas isto era realmente”
6 – “Falta-nos agora”[31]

Além das palavras-chave e das frases interrompidas, Lacan também chama a atenção para outro fenômeno de linguagem presente nas psicoses que acontece justamente quando surge uma significação vazia que não remete a mais nada e não consegue se articular. Quando isso acontece, há uma repetição do que foi dito ou ouvido anteriormente, como uma espécie de fórmula que se reproduz de tal maneira que se torna uma estereotipia. A isto, Lacan chama de ritornelo, como uma referência ao conceito da teoria musical que quando está presente em uma partitura convoca o musicista a retornar até o início da música ou ao ritornelo anterior. As frases interrompidas provocam uma parada no fluxo da significação e essa interrupção faz com que a possibilidade de continuação só se dê por meio da repetição.

A fim de evitar que estas frases interrompidas permanecessem se repetindo e o perturbando, Schreber mantinha um método para lidar com elas. Ele tentava não se preocupar em completá-las, dando um possível sentido, mas sim buscava evitar a repetição por meio da pronúncia prolongada de cada fonema da frase. Outro método adotado por ele para evitar a repetição das frases era ler livros ou jornais e tocar piano. O contato com algo que mantém uma escansão, um ritmo e certa sequência contínua sem repetição o ajudava a por fim à incompletude circular dessas vozes.

Em Schreber podemos notar certo temor pela perda da descontinuidade entre as palavras. Era como se ele tivesse a sensação de que as palavras estavam misturadas umas às outras. Por isso também ele mantinha alguns rituais, como falar em voz alta, tocar piano ou recitar poemas, pois eles tinham a função de marcar um compasso, ou seja, manter uma distância entre as palavras e a partir disso, possibilitar uma ligação, ou seja, a distância é necessária para que se mantenha uma cadeia articulada conforme a lei do significante.[32] Schreber nos apresenta essa estratégia de separação das palavras, em suas memórias, da seguinte forma:

> Tocar piano, particularmente, me foi de um valor inestimável, e ainda o é até hoje; devo dizer que mal posso imaginar como poderia ter

[31] Ibid., p. 176.
[32] LACAN, J. **O Seminário. Livro 3: As psicoses**, op. cit., p. 222.

> suportado a coação a pensar com todos os seus fenômenos secundários durante estes cinco anos se não tivesse podido tocar piano. Enquanto toco piano, a tagarelice desvairada das vozes que falam comigo fica abafada – trata-se, ao lado dos exercícios físicos, uma das formas mais adequadas do chamado pensamento-de-não-pensar-em-nada, do qual se queria me privar, enganando-me, pretendendo que se tratava do pensamento-musical-de-não-pensar-em-nada, como se dizia na língua das almas.[33]

Esses rituais ligados à música e à poesia remetem também aos escritos da professora estudados por Lacan no artigo sobre as esquizografias, onde se vê que o som e a escansão se impõem ao significado. Schreber tenta, através da música e da poesia, se proteger dessa ausência de escansão entre as palavras, entretanto, um dia isso pode falhar, e a divisão entre o ser e a palavra fica a mostra, o furo se revela e a crise se instaura.

[33] SCHREBER, D. P., op. cit., p. 141.

Capítulo 2 – O significante na psicose: Lacan com Saussure

Lacan inicia seu seminário sobre as psicoses pautando a discussão sobre a psicose e seu tratamento como uma questão a ser desvendada. É verdade que Lacan, inclusive e principalmente neste seminário, avançou muito na compreensão, na abordagem e no tratamento das psicoses, mas de modo algum este tema está esgotado pela psicanálise merecendo ainda muita atenção e estudo.

Como vimos no Capítulo 1, desde Freud, o campo das psicoses se divide em: paranoia, esquizofrenia e melancolia. Todas elas se diferenciam largamente de qualquer coisa que esteja no campo da demência ou das disfunções cognitivas causadas por fatores genéticos ou anatômico-fisiológico. A psicose é aquilo que nos remete à loucura propriamente dita.

Para Lacan, a experiência analítica se faz por três ordens ou registros distintos: o *Simbólico*, o *Imaginário* e o *Real*. Essas suposições se relacionam e se organizam de modo que o Real se configura como um gesto de corte sem o qual nada existiria, enquanto o Simbólico é o registro da possibilidade da fala, e o Imaginário institui tudo o que faz laço. Enquanto o Real *há*, no Simbólico *há diferença* e no Imaginário *há semelhança*. Como um desdobramento disso é possível afirmar que nada pode existir a não ser pelo Real, nada pode ser representado a não ser pelo Imaginário e nada pode se escrever a não ser pelo Simbólico.[34]

Por essa via, Lacan vai dizer em seu seminário sobre as psicoses que o fenômeno elementar psicótico, por exemplo, pode ser visto sob esses três ângulos: o Real da percepção, mesmo que seja uma aberração perceptiva; o Imaginário que diz respeito àquilo que o ser humano apresenta de natural por meio de imagens através das quais um acontecimento dispara outro; e, por fim, o simbólico no qual o fenômeno é visto como algo que faz oposição como parte de uma linguagem organizada.

A psicanálise trabalha intensamente no campo do simbólico, pois seu método envolve o estudo a partir do discurso. Só no campo do simbólico podemos distinguir neurose e psicose. Para Lacan, os fenômenos psicóticos não se situam no plano da compreensão e sim no da interpretação. Achar que compreendemos algo no delírio é ilusão. A compreensão deixa de fora a dialética, enquanto a interpretação parte dela, portanto, segundo Lacan, a clínica da psiquiatria se equivocou ao não considerar a dialética e se prender na compreensão. A interpretação, como ferramenta, tornou possível o entendimento de que os próprios sujeitos articulavam as palavras que diziam ouvir nas alucinações auditivas, o que foi uma revolução

[34] MILNER, J.-C. **Os nomes indistintos**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006, p. 7.

na psiquiatria, pois, desse modo, pode-se perceber que elas não tinham origem no exterior, mas sim no interior do sujeito que as articulava.

Sabemos que Lacan, em sua releitura da obra freudiana, traz para a psicanálise diversas contribuições da linguística de Saussure. Entretanto, os conceitos cunhados por Saussure e apresentados no livro *Curso de Linguística Geral* (CLG) sofreram grandes mudanças ao serem transportados para a psicanálise por Lacan. No início do CLG, há um esforço de Saussure em delimitar a ciência linguística, lhe atribuindo um método, uma tarefa e principalmente um objeto. Nesse caminho, o autor passa pela distinção entre língua e linguagem, de modo que cabe à linguística o estudo da língua, sendo esta seu objeto:

> Mas o que é a língua? Para nós ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício desta faculdade nos indivíduos.[35]

Ainda nesse percurso de definição da linguística, Saussure faz outra distinção importante: a que há entre língua e fala. Sendo a língua o objeto de estudo da linguística, é importante situá-la em relação à fala. Segundo consta no Curso, a relação entre língua e fala é da mesma ordem da relação daquilo que é social com o que é individual.

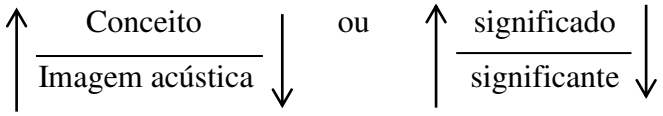
A língua é um sistema cujo elemento principal é o signo. Este se define por ser uma conjunção de duas partes: o conceito, chamado por Saussure de significado e a imagem acústica, chamada de significante. Para Saussure, significado e significante são como os dois lados de uma folha de papel, sendo essa relação arbitrária. Não há nada, nenhum tipo de força ou motivação, que garanta a união de um significado a um significante. Outra característica do signo saussuriano é que não há prevalência entre suas partes, ambas têm a mesma importância no interior do signo.

Lacan, ao trazer para a psicanálise as novidades da linguística, transforma vários de seus termos. Como psicanalista, ele deu mais ênfase à fala do que à língua. Isso porque a psicanálise se constituiu por meio da escuta dos sujeitos e tem na fala sua maior fonte de desenvolvimento teórico. Para Lacan, a primazia do significante é posta no momento em que é possível afirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. A ênfase na fala fez com que o conceito de signo se tornasse, em Lacan, bem diferente do modo como ele foi apresentado por Saussure. Em Lacan há uma nítida primazia do significante em relação ao

[35] SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 17.

significado. Privilegiar a fala fez Lacan notar que o significante tem um papel importante na constituição dos sujeitos, o que o levou a seguinte fórmula: "um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante".[36] Além da primazia do significante, fica claro também o protagonismo do sujeito falante. Diferente do que está no CLG, onde significado e significante têm a mesma importância dentro do signo, na psicanálise lacaniana, o significante encontra primazia visto que é da sua articulação que surgem os significados.

Outro ponto importante que marca uma diferença entre Saussure e Lacan é a disposição dos elementos no interior do signo linguístico. O algoritmo saussuriano que aparece no CLG para representar o signo coloca o conceito sobre a imagem acústica, ou seja, significado sobre significante:



Lacan inverte o algoritmo colocando o significante sobre o significado e ainda o escreve com letra maiúscula, marcando assim sua primazia:

$$\frac{\text{significante}}{\text{significado}} \qquad \text{ou} \qquad \frac{S}{s}$$

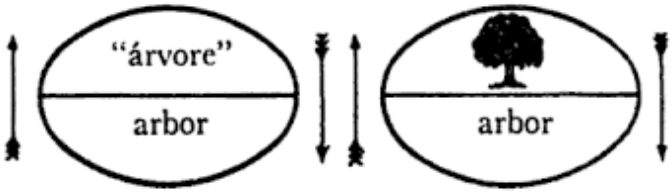
Além disso, Lacan enfatiza a presença da barra a elevando a um grau máximo de importância, como aquilo não apenas que separa, mas também que faz barreira, marcando um impedimento nessa relação. Em *A instância da letra ou a razão desde Freud* (1957), Lacan afirma que o algoritmo que funda a linguística é o S/s, e mesmo que Saussure não o tenha escrito deste modo, o que importa nele é a distinção entre significante e significado através da barra que opera uma resistência à significação e, ao mesmo tempo, possibilita a apreensão da função do significante no surgimento do significado.

Para Lacan, o significante é o sinal de uma ausência. Ele se coloca no lugar de algo que não se apresenta, é, portanto, um sinal que faz menção a uma falta. Em si, o significante não significa nada e quanto mais ele não significa nada, mais indestrutível ele se torna. Um significante está sempre se relacionando com outro formando uma cadeia, e essa

[36] LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 833.

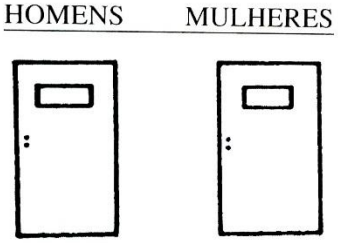
articulação em cadeia tem como resultado os significados, portanto, é da relação de um significante com outro que surge o significado.

Outro esquema que aparece em Saussure com a finalidade de expressar melhor a relação entre significante e significado, e que, por sua vez, também passará pelas modificações de Lacan, é este no qual aparece o desenho de uma árvore em cima da barra e abaixo dela a palavra "arbor" (árvore em latim) como vemos a seguir:



Já Lacan, ao tocar nesse ponto em seu texto *A instância da letra*... e refazer a seu modo este esquema, retira as setas e o círculo ao mesmo tempo que inverte as posições dos elementos aí representados, onde nota-se uma diferença fundamental de posição entre as duas representações:

A fim de aprimorar e fazer avançar a discussão sobre o estatuto do significante na psicanálise, Lacan traz uma anedota sobre dois irmãos, uma menina e um menino, que estão dentro de um trem que acaba de chegar a uma estação. Da janela da cabine o menino olha para a estação e diz para sua irmã: "veja, chegamos em mulheres", enquanto a isso sua irmã responde: "imbecil, não vê que estamos em homens". As crianças de dentro do trem estavam cada uma olhando para duas diferentes inscrições acima de duas portas onde se lia: "HOMENS" e "MULHERES". Isso faz com que elas entrem em uma discussão sobre o que quer dizer essas palavras diferentes que cada uma via, e que por fim irá marcar a primazia do significante. Eis a figura apresentada por Lacan:



A discussão entre as crianças é uma discussão sobre significantes, pois aqui não está em jogo a significação de HOMEMS ou MULHERES, mas sim a segregação, a diferença que estes dizeres impõem. Sem o significante, o significado se reduz a nada, pois ao invés de abaixo da barra estarem colocadas silhuetas masculinas e femininas estão duas portas completamente idênticas que não transmitem nenhum tipo de informação sobre os dizeres acima delas e não marcam nenhuma diferença. Este segundo esquema ilustrativo além de marcar que o significado é produto da relação entre significantes (a relação entre os significantes HOMENS e MULHERES faz surgir o significado de qual o lugar ideal para cada um desses tipos no que tange à segregação urinária), marca também que a relação de um significante com um significado não é única, pois temos, neste caso, significantes diferentes para um mesmo significado. O que importa nesse esquema não é o conceito de homem ou mulher, mas sim marcar uma posição de diferença entre ambos. O significante é diferença e assim sua função é estabelecer uma lei que em primeira instância, como diz Lacan, é a lei da segregação urinária e em última instância é a lei da diferença sexual.

A articulação entre duas instâncias simbólicas, tanto em Freud, como em Lacan, não trata de uma relação de expressão, na qual a representação de palavra teria a função de expressar a representação de coisa. Do mesmo modo, também não se trata de dizer que o significante teria a função de expressar o significado ou que o significado na relação com o significante teria a função de expressar as coisas do mundo. Desde Saussure sabemos que não há um motivo para que se faça a união de certo significante com algum significado, de modo que Lacan mantém esse princípio e o foco na relação psíquica entre os elementos do signo linguístico. Um significado está sempre remetendo a outro, assim como também os significantes não param de se articular, dando origem a eles. Não há um significado que engloba a coisa, ele "nunca atinge seu fim senão por intermédio de um outro significado"[37], e nesse jogo o "significante é o instrumento com o qual se exprime o significado

[37] LACAN, J. **O Seminário. Livro 3: As psicoses**, op. cit., p. 263.

desaparecido"[38]. A distinção entre significante e significado tem efeitos que estão muito além da discussão sobre a arbitrariedade ou da relação entre palavra e coisa posta em evidência segundo Lacan pelo "papel imputado ao dedo indicador que aponta um objeto"[39]. Essa falsa impressão de naturalidade e contiguidade entre coisa e palavra pode ser questionada por meio do algoritmo saussuriano a partir do qual Lacan poderá dizer que "nenhuma significação se sustenta a não ser pela remissão a uma outra significação"[40], e a partir disso, pode concluir que nenhuma língua pode sofrer com a falta de palavras, pois um objeto só será discernível na linguagem no nível do conceito. O significante não representa o significado e por isso não tem, obrigatoriamente, uma relação de correspondência com ele. Posta a impossibilidade de este par dar conta de expressar as coisas do mundo, resta, nesta articulação, o significante como algo que sobrevive ao esvanecimento do vínculo do significado com a coisa.

Lacan define o significado como o efeito da articulação entre os significantes, e por outro lado, os significantes como não dependentes dele, já que são logicamente anteriores à sua formação. A relação entre significantes, da qual surgem os significados, é chamada por Lacan de relação de significação, portanto, os significantes são a fonte da significação. A articulação do significante enquanto processo formador de significados é predominante em relação à formação e transferência dos significados na cadeia. Nesse sentido, o significante não é apenas o invólucro da significação, ele a polariza.

Para dizer da polarização do significante em relação ao significado, Lacan, em seu seminário sobre as psicoses, traz a seguinte metáfora: em certa região há uma estrada principal, de fácil acesso e em boas condições. Esta liga dois pontos entre os quais pode-se ir e voltar. Em torno dela, se aglomera todo tipo de comércio, todos voltados para a estrada, olhando e vigiando o movimento nela. Os pontos ligados pela estrada principal seriam como significantes, e a relação entre eles polariza, engancha, agrupa aquilo que se desenvolve a partir dela, que, neste caso, seriam os significados. Outra metáfora que cabe nesse contexto é relacionar a polarização do significante com a teoria física dos campos magnéticos, pois é como se os significados criassem um campo ao redor dos significantes, de modo que é o movimento destes que gera uma força de atração sobre os elementos externos.

Voltando à metáfora da estrada principal, Lacan propõe que na psicose esta não existe e por isso o sujeito é obrigado a ir de um ponto a outro por pequenos caminhos os quais podem ser escolhidos por diversos motivos, ou simplesmente o sujeito pode ser um errante

---

[38] Ibid., p.258.
[39] LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 500.
[40] Ibid., p. 501.

entre eles. Nessas pequenas estradas não há o agrupamento de comércios ou casas, já que o movimento não é grande, afinal de contas, são muitas as possibilidades de ir de um ponto a outro quando não há uma estrada principal. Desse modo, os pontos de parada se espalhariam por toda a rede de pequenas estradas, se tornando escassos em cada uma delas. Por esse viés, na psicose a relação entre os significantes não teria como fruto um significado. Embora significações circulem pela cadeia, o que acontece é que os próprios significantes carregam o peso do significado. É como se cada pequena estrada tivesse que se autossustentar e se autorregular sem a ajuda de terceiros. Se toda significação remete a outra significação, na psicose, isso pode ir tão longe que abarca o mundo todo – através de pequenas estradas – mas por outro lado, tudo o que o psicótico cria, todas essas significações são de certo modo vazias – estradas sem casas, comércios ou pontos de parada. Na psicose, o significante compreende, nele mesmo, a marca do significado. As significações das palavras que os psicóticos articulam se remetem à significação, como tal e não à fálica. Essa, remetida a ela própria, se torna irredutível: "A palavra tem peso em si mesma".[41] A significação na psicose acaba por se reduzir a outra, como também ocorre nas outras estruturas clínicas, mas antes disso ela remete a si mesma. Segundo Allouch,[42] o significante na psicose ocupa um lugar de nome próprio, tendo que ele remete a algo específico antes de se remeter a outro. Um nome próprio designa um objeto determinado antes que qualquer outra coisa. É nesse sentido que Allouch afirma que na psicose há uma multiplicação ou um brotamento de nomes próprios, onde cada significante remete a si mesmo como se pudesse intervir naquilo que é afirmado, agindo de forma a modificar e dar sua característica ao significado.

Para Lacan, o significante responsável por organizar a cadeia é chamado *Nome-do-Pai*, e este falta na psicose. O complexo de Édipo é o momento em que a criança se depara simbolicamente com a inscrição deste significante que representa a lei castradora, ou seja, que impede e que põe barreiras ao gozo. Para Lacan, na psicose não ocorre o processo de simbolização no qual o significante fálico ordenador, Nome-do-Pai, se coloca como organizador dos significantes.

A articulação dos significantes, bem como a formação dos significados, traz para o campo de possibilidades a ocorrência de dois processos: a metáfora e a metonímia. Antes de poder haver metáfora ou metonímia é preciso que se instale uma organização mínima dos significantes, para que, desse modo, possam ocorrer as transferências de significado. A

---

[41] Ibid., p. 44.
[42] ALLOUCH, J. **Letra a letra. Transcrever, traduzir, transliterar**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

metonímia é anterior à metáfora, tornando-a possível. E é por via da metáfora que ocorre no sujeito a entrada do significante paterno.

Esse processo de implementação de uma metáfora, a metáfora paterna, se dá quando um significante novo passa a ocupar o lugar do significante primordial, *desejo-da-mãe*. Este último será, então, recalcado e se tornará inconsciente. É através deste recalque originário que sabemos que a criança renunciou ao objeto inaugural de seu desejo.[43] Com a finalidade de substituir o significante materno, entrará em cena um novo significante, o *Nome-do-Pai*, que virá a se associar ao significado *falo*. Essa substituição metafórica do desejo-da-mãe pelo Nome-do-Pai coloca a criança em situação de poder abandonar a posição de ser o falo (da mãe) em direção à posição de ter um falo. Assim, na falta de uma significação para o significante materno ocorre uma substituição pelo significante paterno e dessa metáfora surge o falo como aquilo que falta à mãe: o significante fálico é então, o significante da falta.

Outro modo de fazer uso da metáfora da estrada é colocar o significante Nome-do-Pai como a própria estrada principal, diante da qual as estradas mais primitivas e menos complexas se organizam ao fazer ligações de saída e de entrada com ela. Para ir de um ponto a outro, de um significante a outro, formando um significado, é preciso passar pela estrada principal que foi construída com a função de auxiliar em qualquer ligação. Nesse sentido, o significante Nome-do-Pai é colocado na cadeia como o centro organizador, ponto de convergência significativo. Na falta deste significante, como é o caso da psicose, surgem outros pela semelhança de significação. Quando o significante Nome-do-Pai é chamado como tal e não se apresenta, só há um buraco. Nesse jogo, o significado vai faltar também e assim o sujeito percebe a falta de coerência na cadeia e é levado a reconsiderar todo o conjunto significante. Isto é o que ocorre na psicose.

A separação entre significante e significado não é efetiva quando falta a noção de função paterna de modo que esses dois elementos ficam misturados. Portanto a barra que marca uma separação entre significante e significado não é instalada plenamente. O significante, para Lacan, organiza os fenômenos tornando o mundo algo que corresponde a sua ordem. Particularmente na psicose há um significante faltoso e é de grande importância saber como ele se situa: este significante está exterior ao sujeito e essa exterioridade diz de um processo executado pelo aparelho psíquico. A função deste significante é estabelecer uma lei de organização para essa articulação ou mesmo uma parada, um ponto de basta que na psicose não se coloca. Isso justifica a afirmação de Lacan, no seminário *As psicoses*, de que

[43] DOR, J. **O Pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 49.

até certo número de ligações – visto que ligação implica distância – entre significante e significado resulta em um caso de neurose, menos do que isso resultaria em psicose.

> Eu não sei o total, mas não é impossível que se chegue a determinar o número mínimo de pontos de ligação fundamentais entre o significante e o significado necessários para que um ser humano seja dito normal, e que, quando eles não estão estabelecidos, ou afrouxam, produzem o psicótico.[44]

As neuroses são centradas em torno de questões que permanecem sem respostas. A defesa neurótica se dá em torno de uma significação proibida. Na psicose, por sua vez, a defesa está em não se aproximar de uma questão que não tem resposta. Diante da impossibilidade de responder, a própria pergunta é excluída. O encontro do sujeito se dá com o significante enquanto tal e não com a relação entre significado e significante, "é o próprio significante (e não o que ele significa) que é objeto da comunicação",[45] visto que o significante carrega um vazio enigmático que se coloca antes de qualquer significação possível. Schreber nos possibilita um encontro com isso que pode ser identificado como o modo de funcionamento do significante na psicose, dizendo que palavras diferentes, mas com sons semelhantes, têm a mesma função em um enunciado. O que importa nesta articulação é o som e não o que ele significa ou a que ele se refere. Disso podemos fazer a seguinte leitura psicanalítica: o que importa na articulação da linguagem na psicose é o significante e não o significado; se o Outro não é capaz de captar o sentido, a articulação se dá por via do som.

> Como disse, a assonância não precisa ser total; uma vez que não captam o *sentido* das palavras, basta que percebam sons *semelhantes*; para dar alguns exemplos, para eles pouco importa que se diga:
>
> "Santigo" ou "Cartago"
> "Chinesentum" ou "Jerus Christum"
> "Abendrot" ou "Atemnot"
> "Ariman" ou "Ackerman"
> "Briefbeschwörer" ou "Herr Prüfer schwört", etc. etc.[46]

No ser humano essa organização significante se faz e se estabelece por meio da passagem e das vivências dentro do que a psicanálise chama de Complexo de Édipo. Quando dizemos que o complexo de Édipo é o modo pelo qual o ser humano pode ascender à cultura,

---

[44] LACAN, J. **O Seminário. Livro 3: As psicoses**, op. cit., p. 312.
[45] LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**, op. cit., p. 544.
[46] SCHREBER, D. P., op. cit., p. 170.

se trata da lei significante, nada mais. O Édipo é o modo como o ser humano entra no campo da linguagem através da introdução do significante. No caso das psicoses trata-se de uma vivência do Édipo que faz com que a realidade se coloque de modo diferente para estes sujeitos. A realidade é abalada pela falta do Nome-do-Pai e isso quer dizer que o conjunto de significantes como um todo é atingido. Para que se tenha suficiente acesso à realidade e para que o sentimento de realidade seja um guia justo, é preciso que a passagem pelo Édipo tenha como resultado a instalação do significante Nome-do-Pai, caso contrário, a realidade será o que ela é na psicose.

Capítulo 3 - A metáfora na psicose: Lacan com Jakobson

A entrada de Lacan no estruturalismo linguístico se deu tanto por sua aproximação com Saussure quanto com Jakobson. De Saussure, como já vimos no capítulo anterior, Lacan toma para si e altera uma teoria sobre significantes e significados, e em Jakobson ele encontra a metáfora e a metonímia como pontos de um movimento feito por este autor na aproximação da linguística com a poética.

Entre os linguistas da época, pode-se dizer que Jakobson foi aquele que se propôs a estudar um objeto com falhas, ou seja, que não deveria atender as regras de modulação de um objeto utilizadas pelo método científico. Na busca por se aproximar deste objeto imperfeito, Jakobson inclui no escopo de sua pesquisa a fala da criança, o balbucio, a afasia e a poesia. Pode-se então observar que, de modo semelhante, Lacan também deu ênfase na obra de Freud àquilo que se aproxima do que seria uma suposta falha: o chiste e o lapso.

Foi Jakobson quem deu o passo inicial no sentido de elevar a metáfora e a metonímia à categoria de leis gerais da linguagem, projeto que tem seu ponto fundamental no artigo *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias*,[47] de 1956, onde vemos que há em Jakobson uma oscilação entre filiar-se a Saussure ou à retórica clássica. Nesse artigo, o autor classifica as afasias em dois tipos: distúrbios da similaridade que abrange uma disfunção metafórica ou distúrbios da contiguidade que está ligado à metonímia.

É por se aproximar do estudo de um objeto com falhas, ou dizendo melhor, da falha como um objeto de investigação, que Lacan se apropria daquilo que Jakobson fez da metáfora e da metonímia. Este último trouxe esses conceitos da Retórica e os transformou em bases para a linguística que ele radicava. Essa novidade teórica introduzida por Jakobson proporcionou a Lacan um novo lugar onde ele pôde construir e solidificar a lógica do significante e o que dela se deriva, mais uma vez, o chiste, o lapso, o ato falho, o sonho e o sintoma.

No texto de Jakobson sobre as afasias, este autor parte do pressuposto de que se a afasia é uma perturbação da linguagem, é necessário se perguntar quais os aspectos desta são prejudicados nessa desordem, ou seja, qual a natureza e a estrutura disso que parou de funcionar e causou o problema em questão. Para tal finalidade, em primeiro lugar, é preciso colocar a linguística como um saber que deve se debruçar sobre este tema para além das disciplinas médicas.

---

[47] JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasias. In: **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.

Sobre a fala, Jakobson diz que ela implica a seleção e combinação de certas unidades linguísticas de modo a se tornarem cada vez mais complexas. Para isso, o emissor e o destinatário devem partilhar um código caso contrário, o ato de fala não alcança eficácia. Neste jogo de combinações das unidades linguísticas quanto maior o nível de possibilidade das combinações, mais liberdade há. Por exemplo: a liberdade que o falante tem em criar fonemas dentro de uma dada língua é praticamente nula, mas a possibilidade de criar palavras com esses fonemas já goza de um grau maior de liberdade, pois, podem-se criar os neologismos; prosseguindo, a liberdade de combinar as palavras e fazer disso um enunciado já possibilita uma gama muito maior de combinações novas e diferentes entre si.

Disso então se podem extrair dois tipos de arranjos do signo linguístico:

1 – combinação: todo signo é composto ou está em combinação com outros signos.
2 – seleção: implica a possibilidade de escolha de um determinado signo e por consequência a substituição de um pelo outro.

A partir dessas classificações, tem-se como consequência lógica que os distúrbios da linguagem devem afetar essas operações de linguagem. Sobre as afasias, resta então saber qual a relação delas com esses modos de funcionamento da linguagem. Assim, Jakobson chega à seguinte conclusão:

> Distinguimos, seguindo essa direção, dois tipos fundamentais de afasia – conforme a deficiência principal resida na seleção e substituição, enquanto a combinação e a contextura ficam relativamente estáveis; ou, ao contrário, resida na combinação e contextura, com uma retenção relativa das operações de seleção e substituição normais.[48]

Torna-se claro, então que os afásicos com dificuldades na seleção e substituição facilmente conseguem fazer as combinações necessárias para manter um ato de fala a partir do contexto apresentado pela palavra ou pelo enunciado. Esse tipo de afasia, cuja dificuldade está em fazer substituições, é chamada por Jakobson de afasia por *Distúrbio da Similaridade*. Este sujeito consegue continuar uma frase ou falar sobre um assunto desde que esteja tudo muito bem contextualizado. O encadeamento não sofre prejuízo porque o contexto dá o

[48] Ibid., p. 42.

suporte e faz com que sejam possíveis os laços de contiguidade. Um exemplo trazido por Jakobson em seu artigo é que uma pessoa era capaz de usar o termo "solteiro" em uma conversa sobre apartamentos para solteiros, mas não era capaz de dizer esta palavra como um substituto de "homem não casado". Em função da dificuldade de substituição de um termo por outro, Jakobson chega à conclusão de que é a metonímia a operação empregada pelos afásicos em detrimento da metáfora.

Por outro lado, se é a capacidade de seleção de unidades linguísticas que é afetada enquanto a capacidade de substituição é preservada, tem-se outro tipo de afasia, a que se configura por um *Distúrbio de Contiguidade*. Este tipo de afasia se caracteriza pela dificuldade ou impossibilidade que o sujeito apresenta em construir proposições, combinar entidades linguísticas simples com unidades complexas, apresentando uma deficiência em relação ao contexto. Isso faz as frases se tornarem um combinado de palavras muitas vezes agramatical e caótico. Desse modo, Jakobson chega à conclusão de que nesse tipo de afasia há uma deficiência na metonímia enquanto mantêm-se preservadas as operações metafóricas de substituição. O sujeito que sofre desse tipo de afasia é capaz de dizer com o que um objeto se assemelha, mas é incapaz de enunciar o nome do mesmo objeto, por exemplo, "óculo de alcance" no lugar de microscópio ou "uma pobre casinha" no lugar de "choupana". Vê-se então que essa categoria de afasia é caracterizada por um distúrbio das operações metonímicas, enquanto as metafóricas são preservadas de modo que a substituição de um termo por outro é possível.

Jakobson dá o nome de Distúrbio da Similaridade para o primeiro caso aqui descrito, pois nele ocorre uma falha na similaridade, entendida como a propriedade que algumas palavras têm de poderem se substituir, desde que haja entre elas similaridade semântica ou posicional. Portanto, neste distúrbio, mesmo que haja similaridade semântica, não há substituição de termos, manifestando-se apenas a contiguidade posicional e semântica. No caso do Distúrbio de Contiguidade, o encadeamento não acontece mesmo que haja entre as palavras uma contiguidade semântica, restando a este sujeito, trabalhar na linguagem apenas com a similaridade posicional e similaridade semântica.

A fim de esclarecer melhor este ponto tão importante para o seguimento do trabalho realizado por Lacan com a metáfora e a metonímia segue o quadro:

TIPO DE AFASIA	IMPOSSIBILI-DADE DE	OPERA	NÃO OPERA	OPERAÇÃO LESADA	OPERAÇÃO PRIVILEGI-ADA
DISTÚRBIO DE **SIMILARIDADE**	SELEÇÃO SUBSTITUIÇÃO	CONTIGUIDADE POSICIONAL E SEMÂNTICA	SIMILARIDADE SEMÂNTICA e POSICIONAL	METÁFORA	METONÍMIA
DISTÚRBIO DE **CONTIGUIDADE**	COMBINAÇÃO CONTEXTO	SIMILARIDADE POSICIONAL E SEMÂNTICA	CONTIGUIDADE SEMÂNTICA E POSICIONAL	METONÍMIA	METÁFORA

Este mapeamento das possibilidades e dificuldades de uso das unidades linguísticas pode ser levado para além da teorização sobre as afasias. Jakobson diz que algumas pessoas, algumas escolas literárias, alguns tipos de poesia podem se aproximar mais de um tipo de processo ou de outro. Por fim, ele irá reconhecer que em todo processo simbólico – subjetivo ou social – há certa competição entre os procedimentos metonímicos ou metafóricos. E, por esta via, o autor chega a citar Freud, que, em seu livro sobre a interpretação dos sonhos, traz, segundo Jakobson, uma questão decisiva sobre as operações de contiguidade e similaridade pelas vias da abordagem, da condensação, do deslocamento, da identificação e do simbolismo. Desse modo, além de a linguística se ater ao campo da literatura e ao da poesia, Jakobson dá um passo importante e a aproxima das questões dos seres humanos como sujeitos e como participantes de um todo sociocultural. Indo ainda mais longe, é notável que ele abriu caminho e ofereceu a possibilidade de uma aproximação entre a linguística e a psicanálise, passos que vieram a ser seguidos e ampliados posteriormente por Lacan. Toda essa teoria de Jakobson sobre as afasias se torna um campo fecundo para que Lacan possa trabalhar a incidência do significante no ser falante, pois se mesmo nas afasias, cuja origem se remete mais ao anatômico, podem-se observar efeitos causados pela articulação significante, isso será ainda mais incisivo, por exemplo, nas psicoses.

Em um paralelo, a relação de Lacan com Jakobson pode ser comparada com a de Galileu com Copérnico[49]. Nicolau Copérnico (1473-1543) foi um matemático e astrônomo que desenvolveu a teoria heliocêntrica do sistema solar. Alguns anos depois da morte de Copérnico, e influenciado por seu pensamento, surge outro grande gênio da matemática e da física: Galileu Galilei (1564-1642). Dentre outros temas, ele também se dedicou a estudar o universo e os corpos celestes tendo sido o criador do primeiro telescópio. Um dos principais legados de Galileu foi ter derrubado o método aristotélico de pensamento e proposto novos

[49] BOUSSEYROUX, M. **Lacan le Borroméen. Creuser le noeud.** Toulouse: Editions Érés, 2014.

métodos que se configuraram como os precursores do pensamento científico atual. É nesse sentido, o de um precursor fundamental, que Jakobson pode ser colocado em relação a Lacan, que a partir do primeiro pôde criar com seus conceitos uma nova teoria, um novo modo de pensamento e uma nova posição para um saber ocupar em relação ao campo científico.

3.1 – A metáfora de Booz

A metáfora e a metonímia começaram a ser elaboradas por Lacan no Seminário *As Psicoses*, onde o autor trabalha como isso funciona na estrutura psicótica, porém, nesse seminário, este ponto ainda é abordado de um modo sutil se comparado com os desdobramentos dos trabalhos publicados nos anos seguintes, a saber os artigos: *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957), *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1958) e o Seminário *As formações do inconsciente* (1957-1958). Esses textos serão detalhadamente explorados a seguir, no que tange à instituição da metáfora no pensamento lacaniano dos anos 50.

No seminário *As Psicoses* (1955-1956) Lacan introduz a questão da metáfora em relação ao campo das psicoses lançando mão, como exemplo, de um poema do escritor francês Victor Hugo (1802-1885), intitulado *Booz endormi*, que é considerado um dos mais célebres poemas deste autor. Ele é baseado em uma passagem da Bíblia, mais precisamente, do livro de Ruth, do Antigo Testamento. O poema se refere à história de Ruth, uma mulher viúva, que vai viver e trabalhar na terra de Booz, um homem de idade avançada que era considerado por todos muito generoso. Certo dia, Booz tem um sonho no qual lhe é anunciado que vai ser pai e isso se concretiza com Ruth. Considerando a idade avançada dos personagens, a paternidade se torna uma questão para além do biológico, o que deixa um espaço aberto onde Lacan irá introduzir a discussão sobre a questão da paternidade em psicanálise por meio do significante. Toda a trama do poema é em torno dessas questões, e o modo como Lacan se apropria desse poema para trazer o tema da metáfora aponta para dois pontos fundamentais: a generosidade e a paternidade anunciada. Sendo a paternidade o tema de maior interesse na abordagem deste assunto, não é precipitado dizer que a significação nova que surge com a metáfora feita por Victor Hugo em seu poema sobre Booz diz respeito à significação da paternidade da personagem que não será o pai somente do filho anunciado, como também, por consequência, será ancestral de toda uma linhagem de Israel. Essas e outras interpretações ajudam a esclarecer os motivos que fizeram Lacan escolher este poema, que trata do surgimento de um pai, para trazer em seu seminário sobre as psicoses a questão crucial da metáfora paterna.[50]

Na Terceira estrofe do poema de Victor Hugo há a seguinte frase: “Sa gerbe n’était point avare ni haineuse”, traduzida para o português como “seu feixe não era avaro

[50] O poema completo se encontra em anexo no fim deste trabalho.

nem odiento", aqui, o significante "feixe" vem ocupar o lugar do nome próprio Booz. A identificação entre eles é posicional, ambos conseguem operar a partir do mesmo lugar em uma cadeia significante e por isso são identificáveis podendo se substituir. Colocando em relação duas cadeias significantes distintas e, havendo substituição, se precipita uma nova significação que, nesse caso, diz da paternidade de Booz. A nova significação é, pois, aquilo que domina na metáfora, visto que ela "arranca o significante de suas conexões lexicais"[51] criando um cenário de dominância da significação que surgiu.

Ainda no Seminário *As Psicoses*, Lacan irá marcar a importância da estruturação da cadeia significante para que possa ocorrer a metáfora. Em primeiro lugar, tem-se que esta operação só é possível devido à estrutura da linguagem, ou seja, da estrutura do significante. Em segundo, não é possível que a metáfora ocorra em qualquer arranjo de significantes, é necessário um ordenamento particular, um certo vínculo posicional, para que dois significantes possam se substituir. Este vínculo posicional, diz Lacan, se refere à ordem das palavras numa dada língua, de modo que o lugar das palavras se torna o fundamento do sentido. Isto fica muito claro quando tomamos a frase "Pedro mata Paulo" e vemos que ela é muito diferente de "Paulo mata Pedro". A linguagem é um sistema de coerência posicional que, como não poderia deixar de ser, deve ser respeitado. É nesse sentido que da organização do significante em cadeia pode haver metáfora e consequentemente a precipitação de um novo sentido.

No ano seguinte, em 1957, Lacan escreve dois artigos de fundamental importância para a abordagem e aprofundamento desta questão: *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* e *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*. Ambos os textos se detêm em tomar como base e aprofundar o estudo da linguagem e de seus mecanismos de funcionamento para a abordagem do inconsciente na psicanálise. A partir do momento no qual a psicanálise revela no inconsciente toda a estrutura da linguagem, este não pode mais ser tomado como a sede dos instintos, pois também é lugar cativo da letra, entendida aqui como suporte material que o discurso empresta da linguagem.

Como anteriormente mencionado, foi ancorado na linguística de Jakobson que Lacan pôde estabelecer a metáfora e a metonímia como mecanismos de funcionamento do inconsciente. Jakobson iniciou sua apropriação dos termos metáfora e metonímia ao associá-los respectivamente aos eixos paradigmático e sintagmático – conceitos já colocados no âmbito da linguística por Saussure –, e assim pôde fazer uso destes como métodos de

[51] LACAN, J. **O Seminário. Livro 3. As psicoses**, op. cit., p. 255.

abordagem de seus objetos, como, por exemplo, a afasia e a poesia. Foi dos estudos de Jakobson sobre a metáfora e a metonímia que Lacan extraiu muitos elementos que o ajudaram a construir uma teoria psicanalítica para as psicoses.

A metáfora não é uma substituição entre termos quaisquer, mas sim entre significantes que estão articulados em cadeia. Ela tem a função de deslocar um efeito de sentido e criar um novo em uma dada articulação significante existente. Para que os significantes possam se substituir, eles devem estar encadeados e deve haver uma identidade entre eles, porque a identidade se dá pela posição, e para haver pareamento posicional, é necessária uma cadeia significante articulada. Portanto, se a metáfora se faz por uma articulação posicional, a condição para que ela exista é que haja articulação significante e que nesta articulação, cada elemento ocupe a posição específica que lhe cabe. Um significante resta e outro é elidido. Este que desaparece na operação não sai totalmente de cena. Ele se mantém em uma relação metonímica com o restante da cadeia.

> A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia.
>
> *Uma palavra por outra*, eis a fórmula da metáfora (...).[52]

Para tratar desse ponto de um modo mais objetivo, Lacan nos apresenta em *A instância da letra...* algumas fórmulas matemáticas que caminham junto com sua teorização sobre a metáfora e a metonímia, gradualmente se tornando cada vez mais complexas:

1) $\frac{S}{s}$ relação significante/significado

2) $f(S)\ \frac{I}{s}$ função (f) que representa a incidência (I) do significante (S) sobre o significado (s)

3) $f(S'/S)\ S \approx S\ (+)\ s$ função (f) que modula a ocorrência de uma metáfora

4) $f(S...S')\ S \approx S\ (-)\ s$ função (f) que modula a ocorrência de uma metonímia

[52] LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**, op. cit., p 510.

Se, partindo da relação significante/significado, pode-se chegar a uma função que modula a incidência de um sobre o outro, também se pode desdobrar essas variáveis conforme elas atuam na metáfora e na metonímia. Portanto, no item 3 podemos ler: sendo f a incidência do produto dos significados, e sendo S' o significante manifesto, S, o significante substituído e s, a significação nova, temos que a relação S/s depende desta incidência na qual pode haver mais de um significante incidindo sobre o significado. Deste mais de um significante resulta na substituição que culmina em um (+) de significação que indica a transposição da barra, isto é, que há um atravessamento da barra pelo significante na emergência de uma nova significação. Essa fórmula mostra que a significação é produto da substituição de um significante por outro.

No caso da metonímia, item 4, a leitura matemática da fórmula indica que: pode haver mais de um significante incidindo sobre um significado; de modo que, se a função é a incidência, qualquer S (S, S', S'' etc.) pode ser posto em função de um s desde que se mantenha a barra (-) para marcar a impossibilidade de redução de um significante a um significado ou vice-versa e expor a resistência. Aqui também o sinal (-) indica um menos de sentido, mostra que a barra se mantém e faz valer uma resistência à significação. Nesse caso, temos a elisão de um significante pela conexão dele com outro, o que faz com que se instale uma falta na relação de significação, visto que mais de um significante pode se ligar a um mesmo significado; portanto, temos como consequência que o significante não se subsome no significado e, do mesmo modo, ambos não recobrem o objeto.

A metáfora é subordinada à metonímia, pois esta garante o encadeamento e o contexto, então, sem a estruturação do significante é impossível o surgimento de um novo sentido. É a metonímia a responsável por fazer com que toda significação remeta a outra e desse modo a cadeia não para de se articular.

Lacan nos traz ainda outro modo de representação matemática da metáfora. A partir da descrição da função que modula a relação entre significantes e significados na metáfora e na metonímia, ele nos apresenta uma equação que, então, diz respeito à operação em si. De acordo com o que já foi apresentado acima, pode-se desdobrar a ocorrência da metáfora por uma operação de quatro termos, ei-los:

$$\frac{S}{S'_1} \cdot \frac{S'_2}{X} \longrightarrow S\,\frac{(I)}{s''}$$

Esta equação que representa a metáfora será abordada mais precisamente nos próximos capítulos.

3.2 – A metáfora paterna

A proximidade entre metáfora e paternidade na psicanálise lacaniana não é obvia nem tampouco é posta desde o início de seu pensamento. Como prova disso, temos que, no artigo *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938), Lacan faz uma séria crítica à hipótese freudiana de Totem e Tabu, porém irá mudar de opinião e expressará no Seminário *As Psicoses* o início de uma relação entre metáfora e paternidade, até que no Seminário *As formações do inconsciente* e nos artigos *A instância da Letra...* (1957), *A metáfora do sujeito* (1961) e *De uma questão preliminar...* (1958) ele chegará às últimas consequências dessa relação nesta primeira fase de sua docência. Assim, no Seminário *As Psicoses*, Lacan anuncia questões relevantes em relação à metáfora e ao significante paterno, mas é só depois, no Seminário *As formações do inconsciente*, que ele irá entrelaçar fortemente esses dois polos através da formulação algébrica dando origem à metáfora paterna partindo da fórmula geral da metáfora já apresentada em *A instância da letra...* Ou seja, nesse caminho, há uma passagem que vai do pai como significante para o pai como metáfora, abrindo, então, uma dupla via que vai da metáfora da paternidade à paternidade como metáfora.

A metáfora paterna tem a função de selar a proeminência do Simbólico sobre o Imaginário e o Real, colocando um limite e organizando o campo simbólico. Ela instaura o símbolo do pai totêmico por meio de uma repetição simbólica da cena da horda primitiva que marca sua morte e sua incorporação. Tendo que a metáfora paterna é o mecanismo que passa a operar a partir de e como repetição do mito do pai da horda, nada mais lícito do que nos debruçarmos sobre esta aproximação.

> Com efeito, como não haveria Freud de reconhecê-la, quando a necessidade de sua reflexão o levara a ligar o aparecimento do significante do Pai, como autor da Lei, à morte, ou até mesmo ao assassinato do Pai? – assim, mostrando que, se esse assassinato é o momento fecundo da dívida através da qual o sujeito se liga à vida e à Lei, o Pai simbólico, como aquele que significa essa Lei, é realmente o Pai morto.[53]

Sobre essa aproximação entre o mito do pai da horda e o pai como metáfora, Le Gaufey[54] sublinha que o principal de todo esse acontecimento mítico é justamente seu retorno na infância, pois o que importa nele não é que houve uma ação de afastamento de algo que

[53] LACAN, J. Questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**, op. cit., p. 563.

[54] LE GAUFEY, G. **Hiatus. Le meurtre de la métaphore**. Disponível em: <http://www.legaufey.fr/Textes/Attention.html>. Acesso em 20 jul. 2015.

estava atrapalhando a convivência dos membros do clã, mas sim que é a partir desta morte e da refeição primordial que se instala uma comunidade fraterna. Nesse sentido, o pai é morto para que haja uma operação que instala o laço fraterno e desse modo, os irmãos podem se tornar filhos do pai sem o intermédio da mãe. Além disso, o chefe da horda só se torna um pai depois de morto; antes ele era apenas chefe. E é neste *après coup* que os filhos passam a ter memórias do chefe como se fosse um pai, visto que, depois da morte, só existe o pai, que surge, então, em um movimento retroativo. Portanto não há realidade do pai antes do símbolo, isto é, o pai só surge simbolizado. Isto é o mesmo que dizer que o pai surge ao mesmo tempo que a metáfora paterna.

Tomando por base a fórmula da metáfora apresentada anteriormente:

$$\frac{S}{S'_1} \cdot \frac{S'_2}{X} \longrightarrow S\ \frac{(I)}{s''}$$

Temos que, para que ela aconteça, é necessário que haja identificação entre S1 e S2, pois a condição da metáfora é que um significante seja substituído por outro, ou seja, um precisa ser elidido; para que ocorra tal elisão é imprescindível a identificação de S1 e S2, pois caso contrário eles não poderão ser cortados, e, se eles não saírem de cena, não há condição de surgimento para uma nova soldadura entre S e x de onde poderá surgir um novo efeito de sentido.

A partir da fórmula geral da metáfora, chegamos a fórmula da metáfora paterna. Nesse tipo de operação há um intercâmbio entre o lugar e a função de cada elemento dentro da fórmula. No caso da metáfora paterna, teremos na primeira fração o NP, que é o Nome-do-Pai, e o DM1, um significante do desejo da mãe, que assume nesse jogo a função de significado do desejo da mãe para o Nome-do-pai, já que estão se relacionando mediante uma barra. Do outro lado, o DM2 é o significante sem significado para a criança, e o x, que ainda nada mais é do que um grande vazio, indica na fórmula o significado enigmático do desejo da mãe para o sujeito.

$$\frac{NP}{DM_1} \cdot \frac{DM_2}{X} \longrightarrow NP\ \frac{(A)}{\phi}$$

Do ponto de vista do sujeito, o que se passa na operação metafórica é:[55]

1 – a percepção de um significante enigmático = DM1

2 – o ato de colocar em relação o NP com o DM1

3 – A identificação entre DM1 e DM2

4 – a obliteração ou o desaparecimento diagonal do DM1 e DM2 como consequência

Para a criança, o DM1 é um significante enigmático. Ele representa o desejo da mãe por algo que não se sabe. A criança pode tentar se identificar imaginariamente com aquilo que supostamente corresponderia ao significante do desejo materno, ou seja, ela pode tentar se colocar como aquilo que oferece satisfação a este desejo ou como um significado para este significante. Porém, vimos que não há qualquer significado que corresponda diretamente a um significante, visto que é preciso a articulação de uma cadeia significante para ter como resultado um significado. Entretanto, se houver a identificação da criança com o lugar deste significado enigmático, representado na fórmula pelo x, teremos um caso de psicose, se não, os DMs serão elididos, e o x se ligará ao NP.

Isto posto, não é um exagero dizer, acompanhando Le Gaufey que há uma morte na metáfora: morte de um significante para que se dê espaço a outro, bem como na horda primitiva há morte de um ser que virá a se constituir como pai. Este ato fundador do pai na horda e o ato fundador do significante Nome-do-Pai por meio de assassinatos é o que instaura a falta na cadeia significante. O resultado de uma metáfora é a criação de uma nova significação; no caso da metáfora paterna, a nova significação posta é a fálica. O significante fálico, nessa operação, é transmitido pela mãe, na queda dos significantes de seu desejo.

> E é assim que entre “moi” e “je”, entre identificação imaginária e identificação simbólica, acontece comumente na espécie humana que um pai nasce de um filho, pelo interposto da mãe, repentinamente, interdita.[56]

No entanto, no escopo deste trabalho, o que nos cabe é perguntar: e se não houver essa morte? E se o DM2 se mantiver ligado ao x impossibilitando a elisão e o acesso ao NP? E se não houver o nascimento de um pai por um filho? Quais as consequências disso para o sujeito?

---

[55] Ibid., p. 9.
[56] Ibid., p 13.

3.3 – A ausência de metáfora na psicose

Retomando o que vimos até então, a questão da metáfora na psicose já havia sido colocada desde o Seminário *As psicoses*, mas a ideia do pai como metáfora, apesar de ser tangenciada neste seminário e no seguinte, se concretiza apenas em *As formações do inconsciente* e no artigo *De uma questão preliminar...* Sendo o pai uma metáfora, sua função dentro do complexo de Édipo é ser um significante que substitui outro significante, que no caso é o desejo da mãe. Essa substituição faz surgir uma nova significação que é fálica cuja função é orientar o sujeito na ordem simbólica.

Na psicose, o que é posto em cheque é a capacidade do significante de permitir que ocorra com ele uma metáfora desse tipo e disso decorre a impossibilidade de um psicótico criar uma metáfora. Como diz Lacan no Seminário *As Psicoses*, a propósito do livro de Schreber: em todo este livro não se encontra uma única construção metafórica. Mas o que exatamente quis dizer Lacan marcando essa impossibilidade? Se os psicóticos não fazem metáforas qual a diferença entre eles e os afásicos de similaridade de Jakobson?

Toda a preocupação de Lacan nesses primeiros seminários era marcar a força do campo da Linguística na Psicanálise e deste modo deixar bem claro como as leis que regem o discurso são as mesmas que regem a linguagem e o inconsciente, portanto estas estão funcionando em todo sujeito falante independentemente de sua estrutura clínica. Nesse caso, o que diferencia a psicose da neurose é a não incidência do significante fálico via metáfora paterna, o que, obviamente acarreta consequências para o modo de apresentação do inconsciente e da fala, porém não lesa o que se tem de mais fundamental no ser humano, que é a estrutura de linguagem do inconsciente. A relação entre significante e significado é alterada e algumas operações significantes também, porém não deixa de existir um modo de articulação e operação com resultados próprios. É, pois, nesse sentido que se pode trabalhar com a ausência da metáfora (metáfora esta que é a paterna) na psicose.

É importante deixar muito claro que esta ausência não diz de uma deficiência, ao contrário, a não ocorrência da metáfora paterna na psicose abre um novo campo de possibilidades de articulação da linguagem, pois, mais uma vez, é preciso reforçar que dentro da estrutura da linguagem do inconsciente, presente em todos, há muitas possibilidades de variação e criação de sentidos. É verdade que, como vimos, a metáfora é uma operação que possibilita a criação de uma nova significação e por consequência traz um efeito que pode ser de criação poética, mas não é necessariamente o único modo de se criar com a linguagem. Existem outros modos de criação tão belos, tão emocionantes e tão importantes quanto os

efeitos provocados por uma metáfora, como por exemplo em uma poesia. Entretanto, é indispensável colocar as diferenças entre neurose e psicose em relação a este ponto, e elas estão, basicamente, em torno da existência ou não de uma promessa de sentido. Na neurose, toda significação remete a um para-além, a algo a ser futuramente significado (ou não, já que é promessa e não certeza de acontecimento), na psicose o sentido repousa sobre a significação, não há nada que tenha ficado por significar, tudo está posto já que a significação não é fálica.

Na neurose, pode-se pensar no sintoma como uma metáfora, ou seja, como tendo uma estrutura de metáfora (através da substituição de um significante por outro), porém, na psicose, com a não incidência do NP, neste lugar entram os sintomas de fala, como as frases interrompidas, os neologismos, os automatismos, e o delírio que por sua vez pode ser lido como uma metáfora. Nesse caso, a metáfora delirante é uma tentativa de cura pela significação. É uma estabilização da relação entre significante e significado que substitui o significante Nome-do-Pai. Por exemplo, quando Schreber nos diz: "há anos o Sol fala comigo",[57] não se trata de uma metáfora sobre a relação de alguém com algo maior e mais superior como um astro celeste, mas sim de uma conversa estabelecida de fato entre ele e o sol, tanto que acrescenta: "em palavras humanas".[58] Outro exemplo pode ser visto em: "Deus soprou o vento e eles desapareceram",[59] e para afastar qualquer interpretação metafórica desta frase, Schreber, mais uma vez, completa dizendo que isto "contém muito provavelmente uma verdade histórica".[60]

A metáfora explicita a relação de falta entre significante e referente, tendo que, como vimos, mais de um significante pode ocupar um mesmo lugar em relação a um referente. Na neurose, essa falta se manifesta de forma sintomática como questões sem respostas prontas sobre alguns significantes cruciais, como, por exemplo, a mulher, o sexo, a morte ou o pai. Isso nos diz que o neurótico tenta fazer do significante o significado, ele tenta apagar a distância entre esses elementos, "o neurótico é um mal dialético. Ele quer anular a anulação da coisa pelo significante".[61] Ele quer, mas não consegue e se depara com a impossibilidade dessa anulação. Por outro lado, o psicótico foraclui essa distância e opera com construções imaginárias em vez de simbólicas e metafóricas, de modo que a dimensão do Outro se encontra reduzida ao outro. Aqui não podemos deixar de lembrar que para Freud as

[57] SCHREBER, D. P., op. cit., p. 35.
[58] Id.
[59] Id.
[60] Id.
[61] SAFATLE, V. **A paixão do negativo: Lacan e a dialética**. São Paulo: Unesp, 2006, p. 112.

palavras na psicose funcionam como coisas o que, portanto, está de acordo com a tese lacaniana deste período de que há um apagamento da distância entre significante e significado, um esvanecimento da barra. Portanto, os psicóticos não fazem metáforas, entendendo esta como a operação que coloca essa distância entre significante e significado e entre significante e referente, de modo que, onde não há metáfora, quando é chamado o Nome-do-Pai, vai responder no Outro um furo que corresponde à ausência da significação fálica. Podemos encontrar na seguinte passagem do livro de Schreber um exemplo de um fenômeno que pode ser lido a partir da hipótese lacaniana do esvanecimento da barra que separa significante e significado na psicose. No trecho, observa-se que Schreber mistura os significantes e significados das palavras "bota" e "masculinidade" de tal modo que a bota se torna o mesmo que masculinidade e o fato de alguém tirar as botas teria como resultado a transformação em mulher, evento que por sua vez é representado pelo neologismo "emasculação".

> Quanto às peças do vestuário (a "armadura", como diz a expressão da língua fundamental), a diferenciação entre o masculino e o feminino era, quanto ao essencial, evidente por si mesma; as botas pareciam ser um símbolo particularmente característico da masculinidade. "Tirar as botas" era por isso uma expressão que queria dizer aproximadamente a mesma coisa que emasculação.[62]

Neste trecho identificamos que embora haja uma relação no discurso comum entre homem e botas, e ausência de botas e mulher, a expressão "tirar as botas" não se trata de uma metáfora para a transformação em mulher, pois o que Schreber está dizendo é algo que se efetiva no real e não no simbólico: um homem que executa a ação de tirar suas botas pode se transformar em uma mulher por meio desta ação.

Da metáfora surge tanto um novo efeito de sentido, como um furo. Uma expressão metafórica explicita o furo e a falta, pois não traz consigo toda a significação possível, essa substituição significante abre possibilidades pelo vínculo metonímico que ela carrega. Desse modo, é possível entender que a poesia nos apresenta um mundo novo, cheio de possibilidades. Isso acontece, entretanto, para aqueles que compartilham o fálico da significação, que partilham o discurso comum e em certa medida previsível ou compreensível, mesmo que as possibilidades de compreensão sejam, e são, variadas. Ao contrário, quando não houve a operação da metáfora paterna, quando na relação com o Outro não foi posto o falo como adjetivo da significação não há o compartilhamento da significação ou do sentido,

[62] SCHREBER, D. P., op. cit., p. 140.

embora eles estejam presentes e funcionando para o sujeito que os cria. Enquanto na poesia há a criação de um novo mundo para aqueles que a ouvem, no delírio, por exemplo, há a criação de um mundo novo para aquele que o enuncia. Em ambos há criação e ambos existem para ajudar os seres falantes a lidarem com suas angústias e suas questões. A diferença é o alcance da coletividade de cada enunciação: um alcança o Outro e o outro alcança o um.

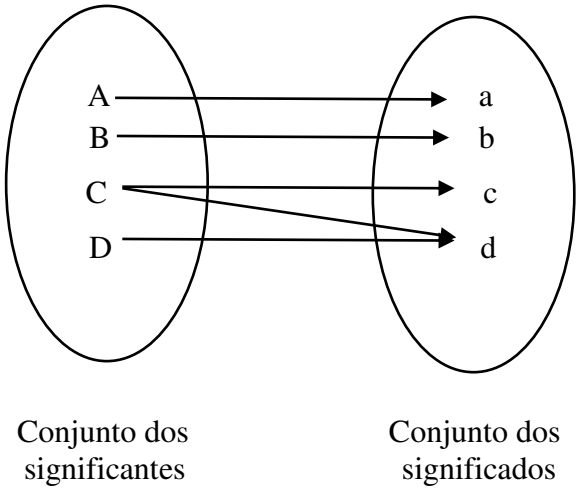
A diferença entre ϕ (falo simbólico) e φ (falo imaginário) é de fundamental importância para compreendermos os diferentes modos de apresentação do termo *falo* na teoria psicanalítica. A partir dessa diferenciação podemos pensar no falo como um substantivo que tem a função de nomear algo ou no falo como um adjetivo que tem o papel de caracterizar uma função lógica, a função fálica. Isso nos remete a outra questão: o que é uma função? A fim de entender o que é a função fálica, farei um breve paralelo desta com o conceito de função como utilizado pela matemática.

Na matemática uma função é empregada para representar uma relação entre dois conjuntos; quando um elemento do primeiro conjunto varia (aumenta, diminui etc.) ele determina uma variação em um elemento do segundo conjunto de acordo com uma determinada lei. Cada elemento do primeiro conjunto corresponde a um único elemento do segundo conjunto e esta correspondência será definida pela lei da função. Na matemática, existem vários tipos de funções (função injetora, função sobrejetora, função bijetora). Os diferentes tipos de funções dizem respeito aos diferentes tipos de relação entre os elementos dos conjuntos em questão. Trazendo isso para a psicanálise, podemos pensar que a função fálica é um tipo de função que tem o falo como regulador da relação entre os conjuntos. O falo é, portanto, o adjetivo da função, o que a qualifica, ele oferece a ela uma característica, um modo específico de funcionamento.

Nesse caso podemos considerar dois conjuntos: um contendo os significantes e outro contendo os significados. Assim, o falo é o significante responsável por designar o conjunto do significado – ele estabelece uma relação de nomeação na qual um significante (do primeiro conjunto) é destinado a ser o nome de um significado (do segundo conjunto). Portanto, o falo é o significante destinado a nomear, indicar ou assinalar.[63] O essencial para que se tenha uma função é que todos os elementos do primeiro conjunto mantenham alguma correspondência com um ou mais elementos do segundo de acordo com a lei de regulação da função.

[63] RABINOVICH, D. **A significação do falo. Uma leitura**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

Exemplo de um modo de apresentação da função fálica:



Na psicose, o que nomeia o conjunto dos significados é o significante do ideal e não o fálico, já que é a metáfora paterna que evoca no sujeito a significação do falo. Porém, mesmo na neurose, não há uma relação unívoca entre significante e significado, mas há uma correspondência comum operada pelo significante fálico entre esses dois conjuntos.

Capítulo 4 - O complexo de Édipo e a incidência do significante Nome-do-Pai

Em sua leitura do complexo de Édipo, Lacan coloca a questão da psicose no campo de relações pré-edipianas. O que está em jogo nesta estrutura é o emprego do imaginário que modifica em grande medida a realidade. Quanto mais as imagens invadem o campo da realidade, mais fica clara a ausência do simbólico como intermediador, assim sendo, percebe-se a imaturidade da inclusão do terceiro da relação edípica, qual seja o pai. Este, em sua função normativa, diz respeito à moralidade, no estabelecimento de uma relação com a realidade, e também na assunção de um sexo. Esta depende de certa maturação da sexualidade bem como da consideração do próprio sexo pelo sujeito em termos de virilidade ou feminização.

A metáfora paterna diz respeito à função do pai e está no centro do desenrolar do Édipo. Segundo Freud, aquilo que o inconsciente revela de mais fundamental é o complexo de Édipo, portanto, foi o estudo do inconsciente que tornou possível a revelação dos desejos infantis recalcados e do jogo pulsional presente na criança. Os desejos edípicos reprimidos são parte fundante do sujeito, pois é do retorno do recalcado que surgem os sintomas que atualizam as relações primordiais: "não apenas eles [os desejos] são recalcados, como se esquece de que esses desejos são primordiais. E não apenas primordiais, como estão sempre presentes."[64]

O lugar do pai como membro do trio fundamental do Édipo não está diretamente ligado à existência ou não do pai como membro desta família. Se o pai sempre estava por perto ou se viajava muito, se era amoroso ou agressivo, se era alegre ou triste, enfim, nada disso intervém aos termos do Édipo. Se o pai estava ou não presente no decurso da história de uma criança ou como era essa presença ou ausência não é a pergunta certa a se fazer a propósito do que interessa à Psicanálise no complexo de Édipo. Caso contrário, poderíamos entrar na insistência por uma normalidade familiar impossível de alcançar em qualquer de seus termos. Nem mesmo a designação do pai como procriador é algo do real; tanto a gravidez como o nascimento não são obrigatoriamente referidos ao coito. Há culturas em que essa ligação, tão óbvia para nós, não existe, sendo a explicação para a gravidez de outra ordem. A existência, a falta ou a posição do pai na família não definem em nenhum grau os atributos do pai no complexo.

---

[64] LACAN, J. **O Seminário. Livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro:Zahar, 1999, p. 167.

O pai que interessa ao complexo de Édipo é o pai que interdita a mãe, e é deste modo que ele se liga à lei primordial que se refere à proibição do incesto. Essa é, portanto, a função do pai dentro deste complexo, sua presença é chamada a dizer que a mãe é proibida ao filho como objeto. E de qual registro o pai coloca em prática sua ação? Não é do plano do real, pois já foi dito que o pai como real pode ser de diferentes modos e nada disso nos importa aqui; também não é do imaginário, pois desse lugar onde tudo é possível só poderiam advir acidentes; o pai efetivo no complexo de Édipo é, portanto, o pai simbólico. É a sanção de um significante que vem no lugar daquele a quem a mulher define como pai que importa à psicanálise. Portanto, a definição de pai, em nossa cultura, como aquele que está envolvido na procriação é uma questão que se situa no nível do simbólico. E, a fim de dar mais exatidão à definição do pai como simbólico, Lacan nos dirá que o pai é uma metáfora.

Uma metáfora, como vimos no capítulo anterior, resulta da substituição de um significante por outro significante. Assim, se o pai é um significante, ele surge para ocupar algum outro que no caso é o significante do desejo da mãe, sendo que a mãe, aqui, se define como aquele ser primordial que pode ou não estar presente. E é só deste modo que podemos abordar o ponto da presença ou ausência paterna: existir ou faltar como significante que vem para deslocar outro que também pode estar ou não presente. O significante Nome-do-Pai é o centro organizador, ponto de convergência significativo. Mesmo quando falta, sua presença sofre apelo, pois o sujeito pode ser convocado a dar uma resposta que prescinda deste significante. A questão é que na psicose não há meios de responder a um chamado deste tipo, pois da invocação do Nome-do-pai, só surge uma falta.

Nesse jogo de presença e ausência, referido por Freud no jogo do Fort-da, no qual a criança vai lidando com frustrações e satisfações, o desejo dela se coloca como o "desejo do desejo da mãe",[65] de uma mãe que quando está ausente é chamada pelo filho e que quando está presente é afastada para que possa ser chamada. Lacan representa esta relação entre o significante paterno e o materno em uma fórmula que se escreve assim:

$$\frac{\text{Pai}}{\text{Mãe}} \cdot \frac{\text{Mãe}}{x} \longrightarrow \frac{\text{Pai}}{\cancel{\text{Mãe}}} \cdot \frac{\cancel{\text{Mãe}}}{x}$$

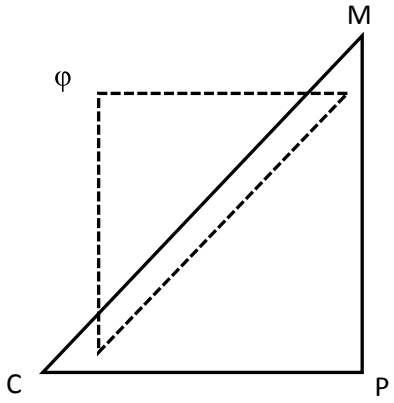
$$\frac{\text{NP}}{\text{DM}} \cdot \frac{\text{DM}}{x} \longrightarrow \frac{\text{NP}}{\cancel{\text{DM}}} \cdot \frac{\cancel{\text{DM}}}{x} \longrightarrow \text{NP}\ \frac{(A)}{\phi}$$

[65] Ibid., p. 188.

O significante do pai incide sobre o significante do desejo da mãe que está ligado ao x que é o significado da relação da criança com a mãe. Este x remete ao desejo da mãe, ao que a mãe quer da criança e o que significa suas idas e vindas. Isso tudo é uma incógnita para a criança, ao redor da qual ela irá se constituir. O desejo da criança no início do complexo de Édipo é ser este x, é corresponder ao desejo da mãe. A presença e ausência da mãe lhe mostra que há algo além dela que atrai sua atenção, que desloca seu olhar e seu desejo; este algo é o pai, e o significado de suas idas e vindas, bem como o objeto de seu desejo, é o falo. É a relação da mãe com seu objeto de desejo que inaugura a relação da criança com o falo. Em um momento primordial do complexo de Édipo, podemos observar que o filho se identifica imaginariamente com o falo da mãe, a fim de ser o objeto de satisfação de seu desejo. Nessa posição, ele pode estabelecer tanto identificação com o falo da mãe (psicose), quanto com a mãe fálica (perversão), ou, ainda, também é possível o estabelecimento de uma dialética entre o ter e o não ter um falo próprio (neurose). Nesse sentido, o pai é aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo, ou seja, do objeto fálico, de modo que a castração incide ainda não no sujeito, num primeiro momento, mas sobre a mãe.

É importante também frisar, mais uma vez, que a instalação ou não do significante Nome-do-Pai não está ligada à existência do real de um indivíduo e tampouco com as características de personalidade deste pai. Se ele é forte ou fraco, doce ou rígido, presente ou ausente não é o que está em jogo na determinação de uma psicose, e sim a instalação efetiva do significante Nome-do-Pai. Para que essa instalação seja eficaz, como possibilidade de fazer surgir a significação fálica, é preciso que o sujeito se sirva deste significante.

É no triângulo edípico entre pai, mãe e criança que surge a base para a instalação da metáfora paterna, ou seja, do significante Nome-do-Pai. O sujeito não participa ativamente desse momento, ao contrário, ele é dependente do modo como essas relações se dão. Lacan, ainda no Seminário *As formações do inconsciente*, para exemplificar esse momento fecundo da história da criança, faz referência a isso como um jogo que, além de conter suas regras, é em si mesmo uma regra. É preciso, pois, que se jogue essa partida respeitando suas regras, ou seja, suas leis. Nesse jogo, o sujeito é o morto da partida, aquele que não pode estar em nenhum dos vértices do triângulo, pois não tem seu significante para pôr em funcionamento. Na falta de um significante que o represente, o sujeito entra com o que ele tem, nada mais do que sua estrutura imaginária triangular. Essa relação é representada por Lacan com a seguinte figura:



Sendo C a criança, P o pai, M a mãe e a linha pontilhada a estrutura imaginária que o sujeito faz das relações no interior do complexo de Édipo. Nesta figura, nota-se que há um ponto de oposição imaginária ao ponto P, representante do pai e que este ponto também se liga imaginariamente a C (criança) e a M (mãe). Esse ponto fundamental com o qual a criança se identifica imaginariamente é o falo.

Dentro do complexo de Édipo, Lacan aponta três patamares: a frustração, a castração e a privação. A *frustração*, primeiro tempo, se remete às primeiras experiências da criança e diz respeito à proibição da mãe como um objeto que não poderá ser de posse do filho. A partir dessa frustração da posse da mãe, surge, tanto no menino quanto na menina, a rivalidade com o pai como aquele que possui essa autorização. Aqui, a intervenção do pai simbólico age de modo imaginário sobre a mãe que é um objeto real, mesmo que o válido seja a mãe como simbólico, o desejo-da-mãe. A relação que aqui se estabelece não é entre a criança e a mãe, mas sim entre a criança e o desejo-da-mãe. Este se apresenta como um desejo de desejo, como diz Lacan, um desejo de ser desejada, de ser, portanto, objeto do desejo da mãe. Então, no lugar onde existia o desejo-da-mãe voltado para a criança, incide uma barreira que vem do pai, introduzindo a falta e ao mesmo tempo fazendo surgir o amor e o desejo. Esse mecanismo de substituição do desejo-da-mãe pelo Nome-do-Pai é o mecanismo da metáfora. Nesse caso, a substituição faz surgir a primeira metáfora, que é a paterna. O não do pai que frustra a ilusão da criança de ter sua mãe como objeto é a incidência do Nome-do-Pai. É digno de nota que em francês as palavras *non* (não) e *nom* (nome) são homofônicas, o que permite a inferência de que o não do pai nada mais é do que o Nome-do-Pai. É importante salientar que se o pai é o portador da lei que tem a função de barrar o desejo-da-mãe e promulgar a impossibilidade do incesto, para a criança o pai é um obstáculo que se coloca de maneira concreta, e é, portanto, a partir disso, que se desenrolam seus derivados simbólicos.

A *castração*, segundo tempo, trata de uma intervenção real do pai sobre uma ameaça imaginária. O ato da castração, que é executado por um agente real, é um ato simbólico que age sobre um objeto imaginário. É nessa fase que o pai entra de fato como membro da tríade edípica. No primeiro tempo, o pai simbólico faz sua intervenção na mãe também como simbólica; aqui, o pai se faz presente como real para a criança, como alguém que vem para fazer uma operação simbólica. O ato de enunciar a proibição faz com que a onipotência imaginária atribuída à mãe na frustração seja deslocada para o pai na castração. O poder atribuído pela criança ao pai faz com que, muitas vezes, este seja visto como uma figura aterrorizadora que tudo pode. Porém, o único poder que o pai imaginário de fato tem na trama edípica é o de sancionar a lei de seu nome inscrita na frustração. É importante frisar que o não do pai só se efetiva se for reconhecido pela palavra da mãe. No discurso materno deve haver confirmação da barreira colocada pelo pai, de modo que o filho possa se convencer de que o desejo de sua mãe também se volta a outro que não ele. Caso contrário, a interdição paterna não se efetiva.

O terceiro tempo, chamado de *privação*, é aquele no qual há um distanciamento da mãe e, então, o pai passa a ser preferido. É por meio dessa preferência que pode se estabelecer a identificação que põe fim ao conflito edípico e que formará o ideal do eu. O agente é o pai imaginário e o objeto sobre o qual a privação age é simbólico, aliás, é por meio da privação que o objeto imaginário, perdido na castração, se transforma em simbólico. É neste terceiro tempo que a criança aceita, registra e simboliza a falta posta desde o primeiro momento, de modo que o importante é o reconhecimento da falta. Nas palavras de Lacan: "(...) no momento da saída normatizadora do Édipo, a criança reconhece não ter – não ter realmente aquilo que tem, no caso do menino, e aquilo que não tem, no caso da menina."[66]

Em toda essa passagem pelos tempos do Édipo o que está em jogo, por vezes no imaginário e por vezes no simbólico, é o falo. No primeiro tempo, o lugar de objeto de desejo da mãe é o lugar do falo imaginário. Ser desejado pela mãe é ocupar, para ela, o lugar do falo que esta também não tem, mas projeta na criança. Com a imposição da lei do pai, esse lugar imaginário cai e a criança é então introduzida no campo do simbólico que é, justamente, o campo da lei.

No segundo tempo, a mãe é vista como castrada e como consequência disso, o pai real é visto imaginariamente como aquele que tem o falo, por isso ele se torna poderoso e ameaçador. Na privação, por sua vez, também o pai é reconhecido como castrado, ele perde o

[66] Ibid., p. 179.

porte do falo e junto, portanto, seu poder total, mas ainda continua sendo portador de algo importante. A privação é a saída do conflito edípico, é, pois, nesse momento que, pela via da identificação, a criança renuncia àquilo que ela acreditou ser e ter, mas que de fato nunca foi ou teve. Ela renuncia ser o falo da mãe e renuncia ter o falo dado ou mantido pelo pai, para que possa lidar com ele como algo simbólico.

Nas vicissitudes do atravessamento do complexo de Édipo, podem acontecer muitas tramas diferentes, com possibilidades de saídas também diversas. Como um exemplo, a criança pode não aceitar que a mãe não tem o falo ou não abrir mão de ser o falo da mãe. De todas as possibilidades existentes de passagem pelo Édipo, o que nos importa é notar, em cada caso, como se dão as relações da criança com a função materna, a função paterna e o falo: "o essencial é que a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, pura e simplesmente, a lei como tal. Trata-se do pai, portanto, como Nome-do-Pai, estreitamente ligado à enunciação da lei (...)".[67] A mãe precisa se mostrar atenta e obediente a uma lei que não é de propriedade dela e nem do pai, embora este a represente, esta é a lei do Outro, bem como o objeto que irá satisfazer o desejo-da-mãe também se encontra no lugar do Outro, o que remete essas relações não com o pai em si, mas com a palavra do pai.

Não é necessário que se cumpram todas as etapas apontadas anteriormente, veremos que há casos em que estes processos não se deram por completo e quais são suas consequências. O complexo de Édipo, na teoria de Lacan, se refere à estrutura que trata da possibilidade da incidência da lei na cadeia significante. Há dois circuitos em movimento, o do significante e o do significado. Embora não se possa colar um significante em um significado, essas categorias estão em relação, de modo que é da conexão de dois ou mais significantes que surgem os significados. A substituição metafórica do desejo-da-mãe pelo Nome-do-Pai é o que dá ordem a essa cadeia lhe conferindo uma lógica para se articular. Ao significante Nome-do-Pai é conferido um lugar de destaque. Lacan representa essas relações da seguinte maneira:

$$\frac{S}{\frac{S\,S\,S\,S\,S\,S\,S\,S\,S}{s\,s\,s\,s\,s\,s\,s\,s\,s\,s\,s\,s}}$$

[67] Ibid., p. 197.

Onde o S superior representa o significante Nome-do-Pai, os Ss em maiúsculo representam a cadeia significante e os em minúsculo representam os significados.

Na psicose, o pai como representante da lei simbólica que deve ser legitimado no discurso da mãe é, ao contrário, excluído, restando a relação da criança com o desejo-da-mãe sem a mediação dele. Essa exclusão se materializa para o psicótico de modo que o pai se faz presente no real, ou seja, sem a interferência da mãe. Portanto, a fala, o discurso, o uso das palavras na psicose está submetido a esse processo de ausência da metáfora paterna e do modo como se configura a função do falo imaginário e simbólico para estes sujeitos. O falo, diz Lacan no Seminário *As formações do inconsciente*, é um objeto metonímico e é também um significante. Ele circula na cadeia e acaba por ser aquilo que resta no significado em função da existência do significante

Voltando a Freud, vimos que, nas psicoses, as palavras funcionam como coisas, ou seja, as palavras são tratadas como as representações dos objetos concretos. Nesse sentido, a palavra leva em si o peso daquilo que ela representa, é como se a palavra fosse a própria coisa representada, sendo este o alcance do universo psicótico. O sujeito vive, se articula e, inclusive, realiza seus sintomas (como os delírios e as alucinações) em um mundo de palavras: "pode-se tentar caracterizar o modo de pensar dos esquizofrênicos dizendo que eles tratam as coisas concretas como se fossem abstratas"[68]. A concretude das coisas não passa da concretude das palavras e será, portanto, com essa concretude em forma de palavras que este sujeito irá operar.

Podemos ver um exemplo disso no caso de uma paciente de Vitor Tausk, trazido por Freud no artigo *O Inconsciente* (1915). Essa paciente foi levada à clínica de Tausk depois de uma briga com seu namorado. Ela se queixava de que *seus olhos não estavam direitos, estavam virados*. Sobre este problema, a própria paciente explica de modo coerente e bem articulado que isto havia ocorrido, pois seu namorado era um hipócrita e ela não conseguia compreendê-lo, pois em cada momento era diferente, portanto ele era um "virador de olhos". Essa expressão traduzida como virador de olhos – que em alemão é *Augenverdreher* – tem o sentido de enganador, ou, ainda, podemos substituí-la por outra existente no português do Brasil como "aquele que virou a cabeça de alguém". O fato é que essa paciente traz em seu discurso a reclamação de que, por ter sido vítima de um virador de olhos, agora ela tinha seus olhos tortos, eles não eram mais os dela e por isso ela estava vendo o mundo com outros olhos. Tal fala revela o motivo do sofrimento da paciente e se torna bastante claro que seus

[68] FREUD, S. O Inconsciente (1915), op. cit., p. 150.

sintomas se ligam diretamente às palavras que ela utiliza para descrever as supostas causas. Aquilo que ela atribui a seu namorado age diretamente sobre seu corpo provocando mudanças ou sensações corporais que têm como causa as palavras – a isso Freud denomina *fala de órgão*. As palavras têm, para esta paciente, tanta eficácia que agem em seu corpo produzindo nele aquilo que elas são nelas mesmas e não aquilo que elas significam. Ou seja, a paciente não sofria por julgar ter sido enganada (sentido figurado de virador de olhos), mas sim por ter tido os olhos virados por seu namorado. Freud completa a análise desse exemplo fazendo uma analogia com a histeria. Segundo ele, uma histérica teria entortado os olhos convulsivamente, e não saberia dizer *a priori* nada sobre esse fenômeno corporal: ela não teria nenhum pensamento consciente sobre isso.

Inspirada em Freud, a leitura de Lacan sobre o modo de apresentação das palavras na psicose passa por afirmar que os significantes ganham uma densidade maior e muitas vezes, fazem a função do significado. É exatamente o estudo das psicoses que faz com que Lacan dê uma atenção maior ao significante e um lugar de destaque para ele no seu algoritmo S/s. Sobre a fala do psicótico, Lacan diz que: "É uma linguagem onde certas palavras ganham um destaque especial, uma densidade que se manifesta algumas vezes na própria forma do significante (...)"[69]. Tal densidade é expressa no seguinte trecho abaixo, onde aparecem várias palavras ou expressões marcadas por aspas pelo próprio autor que, desse modo, destaca o peso que faz com que seja impossível captar para elas um significado.

> Certas informações referentes a tudo o que seria de mim em uma futura transmigeração de alma foram de importância decisiva sobre o meu círculo de ideias dessa época. Eram-me sucessivamente atribuídos os papeis de uma "hiperboleana", de um "noviço jesuíta em Osseg", um "prefeito de Klattau", uma "jovem alsaciana que tem de defender sua honra sexual contra um oficial francês vitorioso" e finalmente um "príncipe mongol".[70]

No Seminário *As psicoses*, Lacan já sinaliza uma questão em relação à linguagem que diferencia a psicose das outras estruturas clínicas (neurose e perversão). É através da linguagem que é possível fazer um diagnóstico diferencial entre as estruturas. Na psicose a linguagem é peculiar e cheia de neologismos, o que aponta para uma especificidade no funcionamento do par significante/significado. Segundo Lacan, na psicose há certa frouxidão nesta ligação.

---

[69] LACAN, J. **O Seminário. Livro 3: As psicoses**, op. cit., p. 43.
[70] SCHREBER, D. P., op. cit., p.87.

No Seminário *As formações do inconsciente*, Lacan coloca uma questão sobre a comunicação na psicose. Ele se pergunta o que acontece com o processo da comunicação quando este não é constitutivo para o sujeito.[71] Nota-se que Lacan não diz que a comunicação não constitui o sujeito, mas sim que para o sujeito psicótico o processo da comunicação fica de algum modo alheio. A resposta, a isso que é uma questão sobre a fala na psicose, começa a se delinear colocando em cena a relação do significante com a significação, de modo que o primeiro é constitutivo da segunda. Assim, a questão pode ser posta, a saber: qual é o significante que fica de fora na constituição do sujeito psicótico que interfere na possibilidade da significação e, por fim, na comunicação que pode se estabelecer com estes sujeitos?

É importante localizar e dar o peso conceitual necessário a isso que falta. Não se trata, pois, de um déficit intelectual ou cognitivo, ou menos ainda de um problema que se refira à personalidade, mas sim de uma falta daquilo que tem como função fundar propriamente a significação e sua relação com o significante. Também não se trata de um significante qualquer, e sim, de um significante específico que se relaciona profundamente com a articulação de toda cadeia. Esta segue leis e esse significante especial do qual estamos tratando, a respeito da fala e da comunicação na psicose, é aquele que confere a esta cadeia um estatuto organizador. Esse significante é chamado por Lacan de Nome-do-Pai, sendo o pai simbólico ao nível do significante que tem a função de representar a sede da lei que está no Outro.

Segundo Lacan essa forma simbólica, na qual o pai surge como significante nos sujeitos foi abordada por Freud quando, na construção de sua teoria sobre o complexo de Édipo, este coloca a lei num plano mítico que diz respeito ao assassinato do pai da horda primitiva. A lei só passa a ser vigente para o sujeito a partir do assassinato do pai que reproduz no plano simbólico o assassinato mítico. A lei do pai só pode passar a ser vigente desde que o pai esteja morto, então é o pai morto que se transforma em símbolo e que dita a lei. O pai morto, o pai como símbolo é o que Lacan chama de significante Nome-do-Pai, que é responsável por colocar uma ordem e, portanto, uma lei, na articulação significante. A lei que marca a passagem pelo Édipo é a lei da proibição da mãe, que, no nível do simbólico, ordena a cadeia significante. O Nome-do-Pai como representante dessa lei é aquele que dá aos significantes seu estatuto: "Ele é o significante que significa que no interior desse significante, o significante existe"[72]. Portanto, é em torno da falta significante que se produz os efeitos notáveis dos sintomas e da fala na psicose.

---

[71] LACAN, J. **O Seminário. Livro 5: As formações do inconsciente**, op. cit., p. 151.
[72] Ibid., p. 153.

Capítulo 5 – Da *Verwerfung* freudiana à foraclusão lacaniana

O mecanismo que diz da relação do significante Nome-do-Pai na psicose e que explica sua ausência na cadeia significante e no lugar do Outro é chamado por Lacan de *foraclusão*. No caso, a estrutura psicótica é aquela que se define pela não inscrição deste significante que é o responsável pela possibilidade de significação. A palavra em francês *forclusion* foi escolhida por Lacan para traduzir a palavra em alemão *Verwerfung*, utilizada por Freud para fazer menção a um possível processo de defesa. A tomada da palavra *Verwerfung* e sua substituição pela palavra *forclusion* não se trata apenas de uma tradução, mas também da criação de um novo conceito inexistente em Freud. A palavra *Verwerfung* era utilizada por Freud a fim de marcar a ação de uma barreira, de uma rejeição ou uma abolição, e é, então, com Lacan, que a *Verwerfung* ganha o estatuto de conceito fundamental no estudo das psicoses. No seminário *As Psicoses*, Lacan introduz a palavra *forclusion*, como substituta na língua francesa para a palavra *Verwerfung*, apenas na última lição. Durante todo este seminário, Lacan fez menção a esse processo de defesa apenas se utilizando da palavra *Verwerfung*. A foraclusão surge somente no fim deste ano de trabalho sobre as psicoses, quando no dia 4 de julho de 1956, Lacan anuncia:

> O que há de tangível no fenômeno de tudo o que se desenrola na psicose é que se trata da abordagem pelo sujeito de um significante como tal, e da impossibilidade dessa abordagem. Não torno a voltar à noção de *Verwerfung* de que parti, e para a qual, tudo bem refletido, proponho que vocês adotem definitivamente esta tradução que creio ser a melhor – a *foraclusão*.[73]

Em nenhum momento de sua obra, Lacan faz referência à origem da palavra foraclusão. É certo que esta palavra configura um termo jurídico tanto na Alemanha quanto na França onde é empregada para se referir à impossibilidade do uso de um direito que, não tendo sido exercido dentro de certo prazo, não pode mais ser requerido pelo sujeito. A possibilidade de uso de um direito prescreveu e o fato sobre o qual o direito recairia não poderá mais ser analisado e julgado perante a lei. Portanto, nada pode ser feito em termos de lei sobre tal acontecimento, o que quer dizer que o direito de chamar uma lei à ação foi foracluído. Porém, antes de se tornar um termo jurídico, a palavra foraclusão, em francês, constava no vocabulário corrente e era utilizada como um sinônimo de excluir, privar,

[73] LACAN, J. **O Seminário. Livro 3: As psicoses**, op. cit., p. 369-70.

expulsar, impedir, banir, omitir, cortar, prender do lado de fora ou banir alguém para fora de algum limite.[74]

Outra origem do uso desta palavra por Lacan é o emprego dela por Édouard Pichon e Jacques Damourette em uma coletânea de sete extensos volumes publicada por estes autores sobre a gramática francesa em 1911 e nos anos subsequentes. A coletânea é chamada: *Des mots à la pensée*. *Essai de grammaire de la langue française*, que, traduzindo, seria Das palavras ao pensamento. Ensaios de gramática da língua francesa. Nessa gramática, seus autores utilizam a palavra foraclusão para explicar a formação da negação na língua francesa. Em francês, para ter-se uma negação, é preciso o uso de dois termos na frase: o primeiro é o "ne" e o segundo varia de acordo com o propósito da negação ou com o objeto; nesse lugar podemos encontrar as palavras "pas", "plus", "jamais", "persone" ou ainda o "que" restritivo etc. Para esses gramáticos o primeiro termo da negação é o que torna a frase discordante, é chamado, portanto de discordanciável; o segundo termo é o foraclusivo, pois tem a função de expulsar a ideia representada do campo da possibilidade excluindo o passado e o futuro. Lacan não deixa claro, em sua obra, a origem do termo foraclusão por ele utilizado. Em alguns momentos chega a comentar sobre o trabalho de Pichon e Damourette, mas não faz uma relação de origem sobre a foraclusão. Em geral, os textos pós-lacanianos que se referem à origem deste termo trazem, como fonte, a origem jurídica. Porém, a gramática de Pichon e Damourette é algo a ser considerado de modo importante quando se trata da origem desse conceito.

Em muitas versões dos textos freudianos a palavra *Verwerfung* foi traduzida como *rejeição*. Apesar de ser uma palavra frequente em Freud, ainda neste autor ela não delimita exatamente um conceito e nem propriamente um mecanismo de funcionamento inconsciente que trata da formação das psicoses. A *Verwerfung* só ganha esse estatuto com Lacan, embora Freud tenha deixado um terreno bastante fértil para que isso viesse a acontecer. A opção de Lacan por traduzir a *Verwerfung* por foraclusão parece ter intensa relação com a proposta de Damourette e Pichon, tendo que, para estes autores, ela também trata de excluir algo passível de representação do campo de possibilidade e de acontecimento. Lacan parece ter encontrado um termo bastante adequado, internamente a sua teoria, para dizer do processo formador da psicose.

É o artigo de Freud sobre o homem dos lobos[75] que inspira Lacan a construir o conceito de foraclusão. Deste artigo, Lacan retira alguns comentários de Freud que deixaram

[74] RABINOVITCH, S. **A foraclusão. Presos do lado de fora**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 17.

espaço aberto para o surgimento de um novo conceito sobre as psicoses e então, os toma como ponto de partida para delinear um novo significado para a palavra *Verwerfung* e sua consequente tradução para o termo foraclusão. Na parte VII deste texto, intitulada "Erotismo anal e complexo de castração", Freud analisa as fantasias do homem dos lobos a respeito da cena de sexo entre seus pais vista por ele quando muito jovem:

> Era por certo uma contradição que, a partir desse momento, pudessem coexistir angústia de castração e identificação com a mulher mediante o intestino, mas era apenas uma contradição lógica, o que não quer dizer muito. Todo o processo é agora característico do modo como o inconsciente trabalha. Uma repressão é algo diferente de uma rejeição.[76]

A frase "Uma repressão é algo diferente de uma rejeição", que em alemão se escreve: "Eine Verdrängung ist etwas anderes als eine Verwerfung", é a frase de Freud que deu origem à foraclusão lacaniana. A pontuação de que uma rejeição é diferente de uma repressão ou um recalque[77] abre a possibilidade de se pensar em mecanismos de ação inconscientes diferentes entre si e consequentemente em seus resultados. Para Freud, o modo de operação do aparelho psíquico culmina em diferentes tipos clínicos, sendo possível, a partir dessa hipótese, sugerir uma diferença de base entre a neurose e a psicose. Ao observar essa abertura potente deixada por Freud, eleva a *Verwerfung* à categoria de conceito fundamental em relação à psicose, propondo assim uma explicação de base estrutural para isso que se apresenta na clínica.

Mais adiante, ainda no Cap. VII do artigo sobre o Homem dos Lobos, encontramos o seguinte trecho sobre uma possível resposta em relação à castração:

> Já nos é conhecida a atitude inicial do paciente para com o problema da castração. Ele a rejeitou e se ateve ao ponto de vista da união pelo ânus. Ao dizer que a rejeitou, o significado imediato da expressão é que não quis saber dela, no sentido de que a reprimiu. Com isso não se pronunciava um juízo sobre a sua existência, mas era como se não existisse.[78]

---

[75] FREUD, S. História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"). In: **Obras Completas**. Tradução e Notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

[76] Ibid., p. 71.

[77] A tradução da palavra *Verdrängung* para o português varia entre repressão e recalque a depender de como cada tradutor escolhe articular os conceitos de Freud.

[78] FREUD, S. História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), op. cit., p. 75.

A frase na citação acima traduzida como "Ele a rejeitou" em alemão se escreve "Er verwarf sie", ou seja, Freud aqui se utiliza do verbo *verwerfen*, que dá origem ao substantivo Verwerfung, para falar sobre o destino da castração nesse caso. A frase que aparece na edição brasileira, citada acima, "não quis saber dela, no sentido de que a reprimiu", na edição alemã aparece como "er vor ihr nichts wissen wolte im Sinne der Verdrängung". O modo como esta frase é colocada por Freud no texto em alemão apresenta certa ambiguidade que possibilita a Lacan fazer dela uma leitura no sentido de isolar a Verwerfung como um mecanismo de defesa diferente da Verdrängung. No Seminário *As Psicoses*, bem como nos *Escritos*[79], Lacan deixa registrado que sua tradução desta frase é a seguinte: "le sujet ne voulait rien savoir de la castration même au sens du refoulemen"[80] que na tradução para o português se torna "o sujeito nada queria saber da castração, mesmo no sentido do recalque"[81]. Para completar, o autor eleva ao extremo a afirmação de Freud de que, no caso do Homem dos Lobos, era como se a castração não existisse, e a traduz como "il en fut aussi bien que si elle n'avait jamais existe"[82], que na versão em português aparece como "foi exatamente como se ela nunca tivesse existido"[83]. Desse modo, Lacan pôde construir para as psicoses um mecanismo que se coloca na base, ou melhor, na estrutura de seu funcionamento. No decorrer do Seminário *As psicoses*, podemos mapear, em vários momentos, exatamente os passos dados pelo autor a partir do texto de Freud sobre o Homem dos Lobos no caminho da construção do conceito de *Verwerfung*, expressamente cunhado e lapidado desta forma:

> Se há coisas de que o paciente não quer nada saber, mesmo no sentido do recalque, isso supõe um outro mecanismo. E como a palavra *Verwerfung* aparece em conexão direta com essa frase e também com algumas páginas antes, eu me apodero dela. Não me prendo especialmente ao termo, prendo-me ao que ele quer dizer, e creio que Freud quis dizer isso.[84]

E, finalmente, define, na página seguinte, deste modo:

---

[79] LACAN, J. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 388.

[80] LACAN, J. **Le Seminaire. Livre 3: Les psychoses**. Disponível em: <http://staferla.free. fr/S3/S3%20PS YCHOSES.pdf>. Acesso em 23 set. 2015.

[81] LACAN, J. **O Seminário. Livro 3: As psicoses**,. op. cit., p. 177.

[82] LACAN, J. Réponse au commentaire de Jean Hyppolite sur la Verneinung de Freud. In: **Écrits 1**. Paris: Éditions du Seul, 1999, p. 384-385.

[83] LACAN, J. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud. In: **Escritos**, op.cit., p. 389.

[84] LACAN, J. **O Seminário. Livro 3: As psicoses**, op. cit., p. 177.

> De que se trata quando falo Verwerfung? Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então neste nível. Eis o mecanismo fundamental que suponho na base da paranoia.[85]

Apesar desse delineamento preciso de Lacan sobre a Verwerfung aparecer na Lição 11 do seminário sobre as psicoses, logo na Lição 1, o autor introduz esse tema marcando uma distinção entre *Verwerfung* e *Verneinung* e relacionando ambas com a *Bejahung* (termo alemão para afirmação), termo apresentado por Freud em *A negação* (*Die Verneinung*) de 1925. Neste artigo, Freud aborda a questão dos primeiros processos do aparelho psíquico que dizem respeito à afirmação e à negação. Desse modo, afirmar algo é distingui-lo como bom e introduzi-lo no aparelho psíquico, enquanto negar é colocar algo como mau e excluí-lo deste. Portanto, segundo Freud, nesse processo de distinção, ocorre uma *Bejahung* (afirmação) e uma *Asstossung* (termo traduzido como expulsão). De acordo com a tese do princípio do prazer, aquilo que é bom será afirmado e internalizado pela *Bejahung*, enquanto aquilo que é mau será posto para fora pela *Ausstossung*. A *Bejahung* será lida por Lacan como o processo inicial da inclusão do primeiro corpo de significantes, ou seja, como a instauração do lugar do Outro, e a *Ausstossung* como a constituição do fora perdido para sempre, ou seja, a constituição do Real. A *Ausstossung* e a *Bejahung* são como avesso e direito de um "mesmo gesto de divisão"[86] entre fora e dentro.

Freud nos diz que, mediante a ação do par *Bejahung/Asstossung*, deve operar a verificação de posse e de realidade das representações internalizadas. Isso foi por ele chamado de juízo de atribuição e juízo de existência, respectivamente. É no juízo de existência que irá funcionar a *Verneinung* como uma sucessora da *Ausstossung*, distorcendo o valor de existência de determinadas representações. A *Verneinung* nega a existência de algo já internalizado no aparelho psíquico, portanto, é deste modo que ela se distingue da *Ausstossung*, visto que esta tem a função de expulsar tudo aquilo que não traz satisfação à libido; a *Verneinung* pressupõe a existência daquilo que ela nega, ou seja, daquilo que foi internalizado pela ação do par *Bejahung/Ausstossung*, mantendo a separação entre representação e coisa e agindo sobre uma representação a serviço do retorno do recalcado. A *Verneinung* age deformando o conteúdo inconsciente para que este possa alcançar o consciente, ela não é um processo de defesa, mas opera a serviço de um.

---

[85] Ibid., p. 178.
[86] RABINOVITCH, S., op. cit., p. 46.

Dito isso, cabe a pergunta sobre em qual ponto se situa a *Verwerfung* nesse plano mítico da constituição do dentro e do fora[87]. Segundo Lacan, a *Verwerfung* corta pela raiz aquilo que, internalizado pela *Bejahung*, é submetido ao juízo de atribuição. Desse modo, a *Verwerfung* impede a formação do simbólico, que só pode surgir por meio dos mecanismos de negação explicados anteriormente. Qualquer significante incorporado na *Bejahung/Ausstossung* pode ser lançado fora pela *Verwerfung* e nunca mais será encontrado. Não irá sobrar nenhum vestígio da existência desse significante havendo uma alteração no juízo de atribuição e existência, mantendo aquilo que foi foracluído como se nunca houvesse existido nem dentro, nem fora do aparelho psíquico. Tudo se passará como se algo nunca tivesse sido introduzido nesse primeiro corpo de significantes, o que, de certo modo, cria uma identidade entre *Ausstossung* e *Verwerfung*[88]. Portanto, na psicose não há traços significantes que orientem o imaginário.

Nesse período da obra de Lacan, a *Ausstossung* configura e expulsão primária e é a partir dela que o Real irá se constituir como aquilo que fica para fora da *Bejahung*. O funcionamento desse jogo entre incorporação e expulsão nada mais é do que o processo formador do simbólico. O que é afirmado constitui o simbólico, e o que é negado fica para o lado de fora da simbolização.

> A *Verwerfung*, portanto, corta pela raiz qualquer manifestação da ordem simbólica, isto é, da *Bejahung* que Freud enuncia como o processo primário em que o juízo atributivo se enraíza, e que não é outra coisa, senão a condição primordial para que, do real, alguma coisa venha se oferecer à revelação do ser (...).[89]

Aqui, a relação se dá diretamente entre o simbólico e o real, não havendo o imaginário para fazer qualquer mediação. A grande diferença entre os dois modos de negação representados pela *Verneinung* e pela *Verwerfung* é que a primeira se faz com a lógica da simbolização, enquanto na segunda há um bloqueio do simbólico onde há um retorno do real através de construções imaginárias. Esse momento não trata de uma relação do sujeito com o

---

[87] Segundo Jean Hyppolite em seu texto intitulado *Comentário falado sobre a Verneinung de Freud* (que pode ser encontrado tanto nos Escritos de Lacan bem como no livro *Ensaios de psicanálise e filosofia*, citado anteriormente) a questão da criação de um lugar interior e outro exterior que está em jogo nas operações que dão origem ao aparelho psíquico podem ser entendidas como um mito. Lacan reitera essa opinião no texto *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite* (também encontrado nos Escritos) dizendo que a aposta em entender esses processos no plano do mito nos ajuda a não cair na armadilha de entendê-los como algo do nível do desenvolvimento.

[88] RABINOVITCH, S. op. cit., p. 26.

[89] LACAN, J. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud (1954). In: **Escritos**, op. cit., p. 389.

que há no mundo, mas sim de um reconhecimento daquilo que *é*; o que está envolvido nesses primeiros processos psíquicos é uma relação do sujeito com o *ser*.

Na resposta que Lacan escreve sobre o comentário de Jean Hyppolite a respeito da *Verneinung* freudiana, ele é bem claro ao situar sua hipótese da foraclusão como aquilo que vem para se opor à afirmação (*Bejahung*) primordial. Neste caso, ou há a *Bejahung*, ou o que se coloca em frente ao princípio de realidade é a *Verwerfung*.

> O processo de que se trata aqui sob o nome de *Verwerfung*, e que não tenho notícia de que algum dia tenha sido objeto de um comentário um pouquinho consistente na literatura analítica, situa-se muito precisamente num dos tempos que Sr. Hyppolite acaba de destacar para vocês na dialética da *Verneinung*: trata-se exatamente do que se opõe a *Bejahung* primária e constitui como tal aquilo que é expulso.[90]

Enquanto o recalque, que é uma forma de negação, está na raiz da neurose, a foraclusão está na origem da psicose, e é a partir dela que surgem as alucinações e os delírios, que não funcionam a partir do mecanismo da negação, pois não há a possibilidade de esta operar a partir do momento em que a *Verwerfung* se coloca a frente se opondo à existência da representação através da não incidência do juízo de atribuição. Disso tudo, tiramos muitas consequências no que tange as psicoses: a indiferenciação eu/realidade externa, eu/outro, o funcionamento psíquico que coloca em destaque os princípios do inconsciente, a carência do simbólico, a ausência de julgamento sobre a realidade e o não reconhecimento das leis que regem as relações sociais.

Portanto, o processo formador da psicose envolve a exclusão pela *Verwerfung* de um significante particular. Mas ao delinear o conceito de *Verwerfung* Lacan não o pressupõe como algo exclusivo da psicose. A *Verwerfung* diz de algo que ficou fora da simbolização e, portanto, está nas bases da constituição do Real. Este mecanismo pode envolver outros significantes e nomear fenômenos para além do que se passa nas psicoses, visto que nesta o que está em jogo é a foraclusão de um significante bem específico. No Seminário *As Psicoses*, Lacan enuncia qual é este significante apenas nos momentos finais. Segundo Arrivé[91], Lacan faz certo suspense sobre o significante faltante, pois em alguns trechos ele declara esta falta, sem especificá-la, como em: "Isso pode parecer-lhes impreciso, mas é suficiente, mesmo se não podemos dizer de imediato o que é esse significante"[92], e

---

[90] Id.
[91] ARRIVÉ, M. **Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 154.
[92] LACAN, J. **O Seminário. Livro 3: As psicoses**, op. cit., p. 235.

mais adiante, em: "Não há nenhum meio de apreender, no momento em que isso falta, alguma coisa que falta"[93]. Esta questão será respondida por Lacan no fim de seu seminário sobre as psicoses, quando se refere a este significante a partir de uma análise sobre a crise do presidente Schereber:

> Qual é o significante que é posto em suspenso em sua crise inaugural? É o significante *procriação* em sua forma mais problemática, aquela que o próprio Freud evoca a propósito dos obsessivos, que não é a forma *ser mã*e, mas a forma *ser pai*.[94]

Para então, no penúltimo capítulo deste mesmo seminário, declarar: "Esse significante, nomeei-o da última vez – *tu és aquele que é*, ou que será, *pai*". E no parágrafo seguinte, finalmente nomeia: "Antes que haja o Nome-do-Pai, não havia pai, havia todas as espécies de outras coisas".[95]

O que foi posto para fora da simbolização pela rejeição ou como diz Lacan, pela foraclusão, o que ficou preso para fora do simbólico pela *Verwerfung*, vai emergir no registro do real. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, aquele de um primeiro corpo de significantes que começou a formar-se na criança.

Esta expulsão, que muitas vezes pode ser confundida com o mecanismo da projeção, tem características peculiares no caso da psicose. Ela não é apenas uma projeção no sentido de colocar no outro aquilo que é seu, como acontece na neurose; na psicose, a projeção tem a ver com esse mecanismo de pôr algo para fora do simbólico. Sob a ameaça de castração, quando o mecanismo de ação é o do recalque (*Verdrängung*), aquilo que sofre essa ação é certo que volta como sintoma: o recalque e o retorno do recalcado são como o avesso e o direito de uma mesma coisa. Porém, quando o mecanismo é a *Verwerfung*, o que é recusado no simbólico, reaparece no real. As psicoses mostram que há uma etapa lógica no desenvolvimento que é anterior a toda simbolização, anterior à dialética neurótica. Na psicose, há algo que não é simbolizado, que impede o surgimento de uma articulação entre recalcado e retorno do recalcado. Isso que não é simbolizado é foracluído. Se fosse simbolizado seria recalcado.

A neurose implica uma relação na qual o Eu fala a outro sobre o sujeito, como se fosse uma terceira pessoa, há, portanto, uma relação de três (eu, outro e sujeito) na qual o sujeito é aquilo que escapa e ao mesmo tempo se faz presente no discurso neurótico por meio

---

[93] Ibid., p. 294.
[94] Ibid., p. 337-338.
[95] Ibid., p. 353.

das formações do inconsciente. Na psicose, Eu e sujeito estão identificados. O sujeito fala com o seu Eu trazendo para a cena do discurso uma relação dupla na qual sujeito e Eu formam um que se comunica com um outro. O terceiro é aquele que comenta sua atividade, o que se apresenta muitas vezes na sintomatologia psicótica. As vozes que narram o agir do sujeito, as vozes de comando, as vozes que interrogam, classificam ou adjetivam as ações cotidianas dos psicóticos estão postas num lugar terceiro do discurso. No psicótico, a relação é dual e isso se dá, pois há um desconhecimento na ordem simbólica, o que consequentemente acarreta uma confusão entre imaginário e real. Isso não quer dizer que a relação simbólica seja eliminada, pois esse sujeito continua falando. Mas o reconhecimento pelo sujeito das trocas simbólicas é assumido pelo imaginário da fantasia e percebido como procedente do Real. O reaparecimento no Real daquilo que não é simbolizado é um modo de defesa. Quando isto acontece há uma intensa proliferação do Imaginário, portanto, a mediação que o sujeito dá ao conflito é imaginária. Porém, o significante é ativo nesse acontecimento impondo também aí sua lei, como diz Lacan: "subsiste no interior desse mundo imaginário a exigência do significante".[96] Enquanto isso, na neurose, quando algo se impõe, é produzido um retorno do recalcado, um sintoma que, com sua forma simbólica tenta dar uma solução ao conflito como se este fosse a reaparição de um conflito anterior. Embora o imaginário assuma uma importante função nos processos psicóticos, ele não diz respeito ao mecanismo de formação dessa estrutura, pois aqui o imaginário vem para suprir a falta de um significante que foi excluído do simbólico. É, portanto, apenas em um segundo momento lógico que entra em ação os processos imaginários. A foraclusão do Nome-do-Pai é um furo no simbólico; podem haver outros furos, porém apenas este causará a psicose.

Independentemente do modo como o ser humano se arranja como tal, ele jamais deixará de ser submetido às leis da fala. Segundo Lacan, a insistência freudiana no complexo de Édipo, a ponto de ter construído uma sociologia de totens e tabus para justificá-lo, é que na origem está a lei, e, então, a questão que se coloca é como a humanidade se desenrola a partir desta, é a lei que está na origem – é isso que demonstra o Édipo.

A realidade na psicose se coloca diferente a partir da vivência parcial do complexo de Édipo. Isso impõe uma barreira ao acesso à realidade, experiência vivida pelos psicóticos. A estrutura simbólica das trocas edípicas tem a função de preparar e colocar o ser humano no mundo simbólico e uma vivência edípica inacabada modifica a relação do sujeito com este registro embora não o tire dele, e nem o anule. É importante ressaltar que não se

[96] Ibid., p. 107.

trata de jogar o psicótico para fora do simbólico, como costumam expor algumas interpretações do que nos disse Lacan. Trata-se sim, de se atentar para uma relação simbólica na qual o significante vale como significado em referência à realidade. Se na psicose o Complexo de Édipo não se completou, isso acarreta uma falta no nível do significante, que faz com que o psicótico escolha o princípio do prazer sem assimilar o princípio de realidade. Se na neurose há uma busca incessante pelo objeto de desejo perdido (que na verdade foi alucinado), fazendo com que o sujeito, a partir do não encontro com este objeto, escolha um outro mais ou menos satisfatório, para o psicótico esse objeto reaparece no real. Ou seja, não há uma substituição do objeto imaginário, alucinado e fantasiado como na neurose, há o reaparecimento no real de objetos que se ligam àquilo que foi perdido.

Por esta via, temos que a psicose não está no nível das significações, mas dos significantes. A psicose manifesta a relação do sujeito com o significante, enquanto do lado do significado, ele está perdido no labirinto das significações. A psicose abre à psicanálise a possiblidade de avançar, pois facilita o acesso ao caminho que vai ao encontro dos significantes e não às significações. No ser humano, mesmo as significações mais primitivas, as mais próximas da necessidade, as mais animalescas estão submetidas às leis do significante.

A hipótese de Lacan, nesse contexto, é que a psicose, então, se situa em um momento anterior ao reconhecimento de uma dada lei, e, por consequência, a linguagem que aí se apresenta tem sua peculiaridade em relação à articulação significante, em função da ausência do Nome-do-pai, ordenador de toda a cadeia. Como esse significante organizador falta à psicose, a linguagem desses indivíduos é diferenciada, se apresentando muitas vezes como um código ou um enigma. Podemos ver um exemplo disso no seguinte enunciado:

> O corpo humano seria assim um temporal dentro de uma mola, né?, um monte de bexiga do vizinho tudo voando, um monte de bexiga do vizinho cheia de gás voando, ficaria uma bola, sentiria aqueles raios voando em volta da gente, descendo na gente, consumindo a gente, ao mesmo tempo fazendo a gente se mover melhor, ao mesmo tempo fazendo a gente se sentir melhor, depois a gente ainda via os bichinhos, os peixinhos, tudo isso, coisa do ser humano. Qualquer ser humano é assim, todos somos assim, na certa todos somos assim. Uma espécie de uma máquina, de um testador.[97]

Apesar de manter coerência gramatical o enunciado acima não permite uma compreensão, visto que a composição das frases é completamente inovadora do ponto de vista

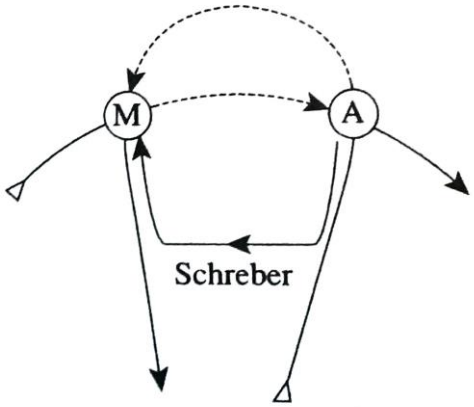
[97] PICARDI, F. D., op. cit., p. 49.

do significado, não permitindo que haja a precipitação de um sentido partilhado na linguagem comum. É apenas da ordem de um enigma que não pode ser desvendado expressões como "um temporal dentro de uma mola", "raios voando em volta da gente, descendo na gente, consumindo a gente" ou "todo ser humano é assim (...) um testador". As frases são montadas pela possibilidade de relação entre os significantes e não pelo que eles possam vir a significar.

Neuróticos, psicóticos e perversos estão inseridos na linguagem, o que os diferencia é a relação que cada uma dessas estruturas estabelece com a função significante Nome-do-Pai, que representa a lei da linguagem e marca seu funcionamento. A não submissão da psicose à lei do significante paterno não quer dizer que nesta estrutura não há linguagem, língua ou comunicação possível; bem como também não se trata de dizer que, de modo algum, não há humanização ou subjetividade. Trata-se apenas de apontar uma diferença sem graus ou escalas de importância ou sucesso, no que tange à relação do sujeito com a lei da linguagem.

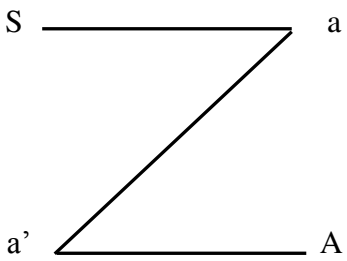
Quando há um ato de fala, um apelo, uma demanda a ser satisfeita, é necessário que sejamos ouvidos para além do que dizemos. A mensagem enviada precisa ser ratificada no Outro e deste modo ela volta com uma possibilidade de satisfação. Essa validação feita no Outro não é total, pois algo da mensagem não pode ser apreendido. Em seu retorno, ela traz consigo uma falta que diz do desejo para além da demanda. Isso ocorre porque na dimensão do significante que compõe esta mensagem algo escapa ao significado, ou seja, significante e significado não se sobrepõem, não se representam, não fazem um. Toda essa dialética do desejo é trabalhada por Lacan em vários seminários e textos e não cabe aqui um aprofundamento desse ponto. O que nos interessa no momento é o jogo da mensagem em direção ao Outro e ao sujeito. Para que a mensagem seja autenticada pelo Outro e retorne com esta marca, mesmo que sempre falte algo a essa validação, é preciso que o lugar de ratificador esteja fundado a partir de um significante que carrega esta marca. Como disse anteriormente, o significante responsável pela possibilidade de toda significação – o Nome-do-Pai – precisa estar instalado para que no lugar do Outro possa haver o exercício da ratificação da mensagem por este significante.

Deste modo o que acontece na psicose, a propósito da ratificação da mensagem enviada, é que essa continuação não se dá. A mensagem é enviada e nada é encontrado no sistema para que ela seja validada, não há possibilidade de codificá-la. Lacan explica esta situação por meio de um grafo, tomando como exemplo o caso do Presidente Schreber:



O fluxo da mensagem é interrompido no lugar do Outro (A), sendo necessário que o sujeito faça um caminho diferente, a fim de se desviar desse lugar autenticador. Porém, essa mudança de itinerário não é sem consequências e por isso surge algo que preenche de outro modo o caminho original. As vozes ouvidas por Schreber (representadas pela linha pontilhada) são o resultado da impossibilidade de uma mensagem sair do lugar do Outro marcada pelo código da lei. Não é que a mensagem não passe pelo Outro, ela sempre passa, pois é só deste lugar que pode provir uma mensagem. Porém ela parte deste lugar como se cada uma das palavras tivesse seu peso próprio e o fato de estarem juntas não diz de uma articulação na qual o peso de uma depende do peso da outra. Cada significante é autônomo em si, mesmo que esteja ligado a outro, o que torna o conjunto uma somatória de fragmentos sem relação causal de procedência apesar de relacionados e articulados. O significante, nesse caso, apresenta-se como algo ao qual falta a dimensão do Outro da lei e no qual a significação está sempre em um além dele mesmo. Para representar a relação do sujeito com o Outro, Lacan nos traz mais um esquema gráfico apresentado no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*:

Esquema L:



Este esquema expõe a relação inseparável do sujeito (S), seja na neurose ou na psicose, com o Outro (A), por intermédio dos objetos do campo imaginário. Desse modo, o

que acontece em S depende do que se passa em A. Tendo que o que existe em A é sempre um discurso, ou seja, o inconsciente (A) é o discurso do outro, e o que acontece com S é fruto deste. O sujeito do inconsciente surge através das manifestações como sonhos, lapsos e chistes sendo representado de um significante para outro.

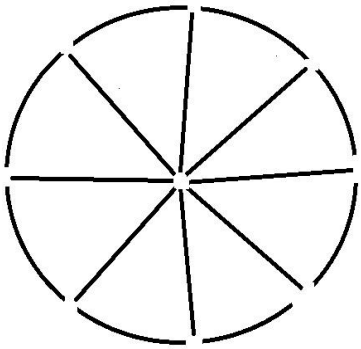
Na psicose, o que está em causa é que a falta não está representada por um significante. Isso quer dizer que no campo do Outro não há falta, o Outro é completo e por isso, muitas vezes, invasor. É a falta que vai colocar à cadeia significante uma ordem. Portanto, na psicose, temos um caso específico em relação à questão do sujeito e da linguagem, que são, segundo Lacan, produtos da falta.

O sujeito de uma teoria que tenha por base as leis da linguagem, só poderá ser um objeto, desde que se entenda por objeto uma espécie de assujeitamento por essas leis. Isso que se impõe independentemente da vontade do ser falante de se colocar na posição de objeto em relação à língua e à fala. Nesse sentido, a fala do psicótico também mostra o assujeitamento daquele que fala em relação às leis e ao enunciado. Na entrada da linguagem, a criança deve recalcar a condição de objeto do Outro para se julgar autor da própria fala mesmo que ela não passe de um objeto dela, estando submetida a ela. Nesse sentido, se pensarmos em como isso se passa para o psicótico, veremos que para ele, o Outro não é objeto, ele tudo pode, tudo manda e tudo age, então, em alguns momentos não haverá essa posição de autoria e reconhecimento do próprio discurso, pois nestes casos a autoria será do Outro. É isso que mostra Lacan quando coloca o psicótico como um sujeito falado. A relação do sujeito com a linguagem será, de qualquer maneira, modulada por uma falta. Esta é constitutiva e pode se apresentar de diversos modos dependendo de como se coloca, para cada sujeito, a relação com o significante que representa esta falta.

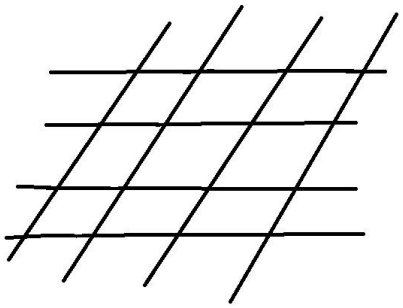
Como vimos, ainda no Seminário *As Psicoses*, Lacan aponta para a falta de um significante na psicose que faz com que a cadeia de significantes seja organizada de um modo diferente, o que culminará nas manifestações peculiares de linguagem nesses indivíduos. A cadeia de significantes na neurose está organizada em torno de um ponto central ao qual se referem e se medem todas as significações. Cada ponto da cadeia tem seu lugar e seu valor em relação ao polo central, o que possibilita "a amarragem fundamental de um significante com uma significação".[98] Este ponto central é ocupado pelo significante Nome-do-Pai que, como já dito, polariza todas as significações que partem dos outros significantes existentes na cadeia. Aqui, é válido reproduzir o desenho apresentado por Contardo Calligaris, em seu livro

[98] CALLIGARIS, C. **Introdução a uma clínica diferencial das psicoses.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1989, p. 16.

Introdução a uma Clínica Diferencial das psicoses, com a finalidade de expressar a diferença entre a relação significante no interior da cadeia na neurose e na psicose:



Relação de significação na neurose
(ancorada em um polo central)



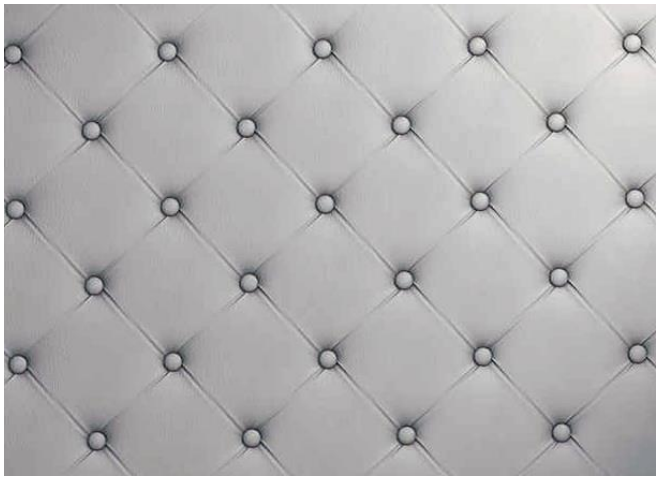
Relação de significação na psicose
(não há polo central, os significantes se unem aos significados em rede)

Na psicose, não há um ponto que amarra e organiza essa articulação; o saber não está organizado de forma centralizada, e sim dissoluto e móvel por toda a cadeia. Na neurose, o Nome-do-Pai converge para si todas as relações de significação, estipulando, assim, a medida de valor entre cada uma delas. Na psicose, como não há esse ponto de convergência, cada significação pode se ligar à outra sem ter que passar por um ponto central. Elas são independentes e se ligam paralelamente como em uma rede. O que faz com que o discurso se torne um conjunto de amarrações inovadoras onde, no exato momento no qual um sentido parece se precipitar, imediatamente ele se dissolve.

> Agora não sei, num existe uma injeção pra mim?, que me dê um pouco de pulso no sangue prá mim poder fazer o que eu quero fazer em paz?, sem ter que pagar imposto de renda prás pessoas mais doentes que querem saber exatamente o que que a gente tá falando, de onde a gente veio e, principalmente, não se liga na gente já hoje em dia, fica que nem pai e mãe desligado da gente, num querendo saber se o que a gente fala é aquilo que a gente é, se faz o que faz ou não faz, qual é a verdade do mundo, eles acham que tomando uma água de coco, num sei o quê, assim a vida inteira, que o mundo vai se manter belo, feliz, elimina-se a religião, dá um fim no Espírito Santo, em Jesus, em Jeová, Satanás, Miguel, (INCOMPREENSÍVEL), esses loucos do espaço. Esses reis, esses mussolinis, emboramente sejam mais superior que a religião, Mussolini seja o pai da decantação, Hiroíto o chefe da divindade, assim que o mundo tem solução desse jeito, né? O importante é trabalhar. Não basta que as pessoas tomem cuidado prá ter sentimento, acham que as

> pessoas devem ter sentimento e não ter cuidado prá ter sentimento (...).[99]

A propósito do incessante deslizamento entre significante e significado, ou seja, deste duplo fluxo contínuo de um sobre o outro, foi necessária a criação de uma imagem, como diz Lacan, para dar conta de expressar um momento de parada desse escorregamento. Esta imagem faz referência a uma técnica de estofamento que se chama, em francês, *point de capiton*, e, em português, ponto de estofo. Criada e largamente utilizada no século XIX, esta técnica é aplicada em tecidos (camurças, veludos etc.) ou couros com a finalidade de decorar e agregar valor a móveis como sofás, cabeceiras de cama, cadeiras e poltronas. Essa técnica tem como princípio afundar e prender o revestimento acolchoado superior a um tecido base, formando, a partir da distância entre cada afundamento, uma série de desenhos geométricos que irão variar de acordo com o padrão da amarragem. Essa técnica permite o surgimento de novos desenhos ou formas através de costuras padronizada em pontos, como mostra a figura.

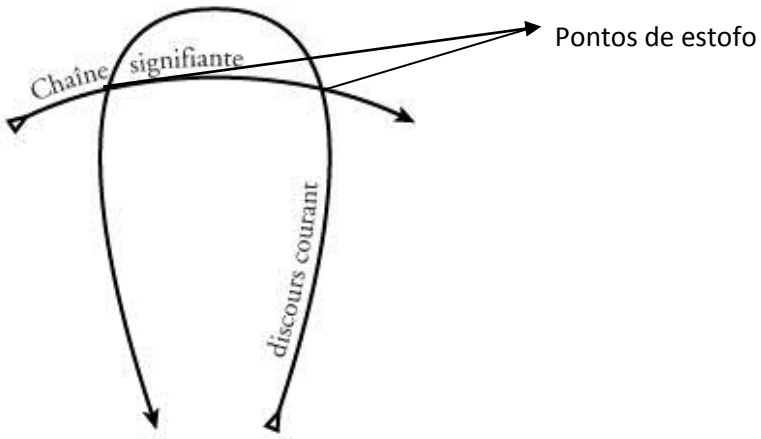


Lacan se utiliza da referência a esta técnica para fazer menção ao limite do deslizamento da cadeia significante sobre os significados que dela surgem, por isso, chama os pontos de estofo – que prendem os dois tecidos – de pontos de basta. É aí o lugar onde se formará uma significação, onde, mesmo que temporariamente terá um encontro formador de sentido. Este é, então, o modo de amarragem que se dá entre significante e significado no plano da articulação da cadeia, permitindo o surgimento de novas significações.

Portanto, para que haja significação, o significante precisa de algo que faça barreira no seu circuito, um ponto no qual ele possa se ancorar, visto que há um fluxo paralelo

[99] PICARDI, F. D., op. cit., p. 82.

entre significante e significado (como dois planos ou tecidos) “distintos e fadados a um perpétuo deslizamento um sobre o outro”.[100] Nesta analogia, este ponto costura a cadeia significante ao emaranhado de significados e a partir disso faz com que um ponto criado tenha valor a partir do outro, ou seja, esta costura faz com que um significante tenha valor a partir de outro. Isso é o que acontece na neurose, onde um significante tem seu valor a partir da ligação com o significante Nome-do-Pai que converge para si todos os outros pontos. A significação é justamente posta entre um significante qualquer e o significante paterno, ela surge nessa ligação. Mesmo havendo uma barra separando significante e significado, há um modo de transpô-la para fazer surgir a significação. E, então, é deste modo que o ponto de basta pode ser visto como algo mítico, pois é onde se ata significado e significante, mesmo que haja a barra. Lacan marca os pontos de estofo como este entrecruzamento da cadeia significante com os significados inerentes ao discurso corrente. Ele representa estes pontos em diversos grafos como este apresentado a seguir:



Lacan chega nesta elaboração tentando responder à pergunta sobre como se dá a relação de um significante com um significado, e, mais uma vez, é a fala do psicótico que o auxilia a dizer que este enlace e a consequente determinação da significação se faz por pontos. Lacan tentava dar conta daquilo que poderia estabilizar essa dupla e chega à operação que cria um ponto de basta que possibilita a criação de um novo sentido e permite que este seja retido, mesmo que por um breve instante, apesar de toda sua fugacidade. É possível que tenha sido a psicose, por meio da loucura de suas palavras, a responsável por mostrar a Lacan que a relação entre significante e significado não se dá em pares nos quais haveria um significante

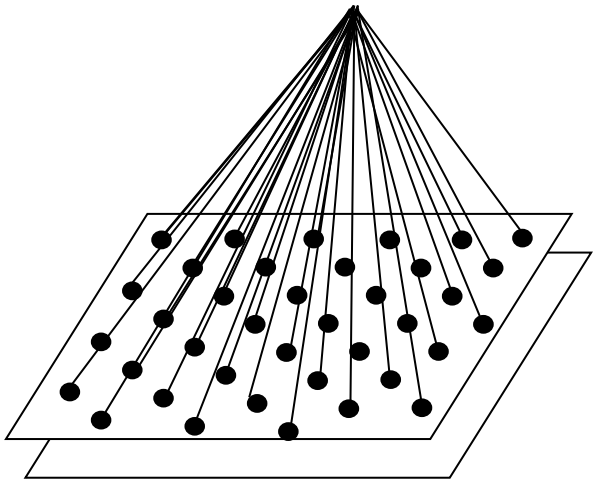
[100] LACAN, J. **O Seminário. Livro 5: As formações do inconsciente**, op. cit., p. 15.

destinado a um significado, mas sim através da relação entre uma rede e um emaranhado cuja ligação se faz por pontos.

O ponto de estofo é a significação que determina, organiza e orienta o conjunto das escolhas e da relação de um sujeito com o mundo. É a metáfora paterna que faz funcionar o ponto de basta, pois inaugura a barra e provoca uma parada no deslizamento contínuo do significante sobre o significado, produzindo um efeito de sentido. Na psicose, não estando presente a função da metáfora paterna, não há ancoragem fálica como ponto de estofo, como organização centralizada. Assim, a metáfora funciona como algo que remata ao mesmo tempo que permite a transposição da barra. Se na psicose não há a incidência da metáfora paterna, portanto também não há a operação do ponto de basta, o que faz com que não se produza valor de um ponto de ancoragem em relação ao outro, pois não haverá pontos mais ou menos solidificados, visto que os tecidos que seriam atados já estão, de antemão, emaranhados. Toda tentativa de significação será equivalente em si, não havendo graus de importância entre significações, embora haja a formação de um efeito de sentido para o sujeito.

Para que possamos ter uma visão mais completa da complexidade desta articulação é possível fazer uma combinação das figuras apresentadas anteriormente: a figura que foca na relação do Nome-do-Pai com os significantes e significados e a que tem como objetivo mostrar como se dá a relação de significação por pontos de basta. Neste caso, teremos algo assim:

Significante NP



Na psicose, sem a polarização feita pelo NP, os pontos, quando surgem, ou são fugazes, ou o que há é uma superposição de planos onde não há pontos definidos, mas sim um emaranhado de tecido. Este tipo de relação não pode ser demonstrado em uma figura

bidimensional, como no caso da neurose. A partir do momento, no qual não há algo que exerça uma força de atração que una significante e significado, fazendo surgir uma significação, não há amarração, de modo que os dois planos podem continuar deslizando um sobre o outro e se tocando em qualquer de seus pontos.

Mesmo com essa organização diferente, é necessário admitir que em termos de linguagem todos estão inseridos e todos são participantes. Partindo da tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, todos partilham de suas leis, que são nada mais do que as leis da linguagem.

> (...) seguramente, esses doentes falam a mesma linguagem que nós. Se não houvesse esse elemento, não saberíamos absolutamente nada deles. É, portanto, a economia do discurso, a relação da significação com a significação, a relação de seu discurso com o ordenamento comum do discurso, que nos permite distinguir que se trata do delírio.[101]

Desde Freud, sabemos que é por meio da fala que o inconsciente pode se fazer presente. E é por meio desta mesma fala que ele traz a diferença entre neurose e psicose. Se, na neurose, o inconsciente aparece de forma distorcida e indireta por via dos chistes e dos atos falhos, na psicose, o inconsciente está a céu aberto. Enquanto o neurótico está totalmente imerso e obediente à lei da linguagem, o psicótico mostra abertamente a estrutura desta, por não se submeter a esta lei de ordenação simbólica. A psicose escancara aquilo que sustenta a existência de uma lei. A foraclusão do Nome-do-pai faz surgir uma linguagem aparentemente desordenada, na qual há uma mescla entre significante e significado, de modo que não há nítida divisão entre eles. Isso faz aparecer, no consciente, as estruturas da linguagem que em outro caso, são encobertas. O psicótico se rebela ante a existência de uma suposta lei e, sem a necessidade de obedecer a ela, inventa outras possibilidades de uso da linguagem a sua revelia. Ele é um rebelde do simbólico.

[101] LACAN, J. **O Seminário. Livro 3: As psicoses**, op. cit., p. 45.

Capítulo 6 – O inconsciente nas psicoses

A fim de elucidar o modo como nos aproximamos da estrutura da linguagem exposta pelas psicoses, é necessário, então, adentrar na questão do inconsciente. Essa necessidade se coloca, na medida em que a psicose vem nos mostrar, com a mais valiosa ênfase, o modo de funcionamento do inconsciente que, desde Lacan, entendemos sendo a estrutura da linguagem. A psicose expõe uma estrutura não marcada por certa lei cujo efeito encobre a estrutura básica de funcionamento da linguagem. Mesmo assim, consciente e inconsciente, embora marcados por modos de funcionamento distintos, serão sempre articulados; a não incidência de uma lei específica em hipótese alguma barra a articulação do inconsciente, embora a transforme. Veremos a seguir, salvaguardando as diferenças e rupturas, como, em Freud e em Lacan se delineou a questão do inconsciente nas psicoses e sua relação com a linguagem.

Em 1915, quando Freud escreveu seu artigo chamado *O Inconsciente*, este autor fazia uma oposição entre neuroses de transferência e neuroses narcísicas. Freud inicia o capítulo VII de seu texto dizendo que somente a análise, do que ele chamava na época de neuroses narcísicas, é que poderia ajudar a psicanálise a se aproximar do inconsciente. O motivo que levou Freud a fazer essa proposição está no estudo da relação entre consciente e inconsciente nesses dois tipos de afecções (narcísicas e de transferência). E, deste modo, Freud chegou à conclusão, pela via da observação, de que "na esquizofrenia se exprime conscientemente muita coisa que nas neuroses de transferência só podemos demonstrar que existem no inconsciente, mediante a psicanálise".[102] E o que Freud observava para que fosse possível essa conclusão? A fala, as manifestações de linguagem. Isto quer dizer que é por meio da fala desorganizada, ininteligível e até mesmo absurda dos esquizofrênicos, em contraste com a fala comum do neurótico, que a psicanálise pode compreender que havia uma questão na relação entre consciente e inconsciente que se coloca diferente para cada um desses tipos clínicos.

Neste mesmo artigo, Freud já havia dito que os processos fundamentais de funcionamento do inconsciente são os processos psíquicos primários que englobam a condensação e o deslocamento. Agora, por meio dessa mesma observação da fala na esquizofrenia, Freud pode dizer que:

---

[102] FREUD, S. O Inconsciente (1915), op. cit., p. 102.

> na esquizofrenia, as palavras são submetidas ao (...) que chamamos *processo psíquico primário*. Elas são condensadas e transferem umas para as outras seus investimentos por inteiro, através do deslocamento.[103]

O que Freud nos diz nesse trecho é que nas esquizofrenias as palavras funcionam como os objetos. O mecanismo que opera com as representações de coisa no inconsciente, neste caso opera com as representações de palavra no pré-consciente. Portanto, o funcionamento do sistema pré-consciente/consciente está submetido ao processo primário que nas neuroses de transferência apenas opera no inconsciente.

Enquanto nas neuroses de transferência há a preservação da relação Eu-objeto, nas neuroses narcísicas a libido desligada do objeto recua para o eu. É esse desligamento que faz com que o funcionamento do inconsciente chegue ao consciente, pois na falta de investimentos em representações de objetos, a pulsão irá investir o que resta no aparelho psíquico, no caso, as palavras. Desse modo, o sintoma neurótico se faz com a semelhança entre as coisas, ou seja, entre as representações de objeto; enquanto o sintoma psicótico se faz entre as palavras, ou seja, pela semelhança que há entre palavras que podem designar coisas bem diferentes, só que, neste caso, o que importa são os nomes dados às coisas. Como diz Freud sobre o caso do Homem dos Lobos: "um buraco é um buraco".[104] A semelhança entre um poro e uma vagina é mínima, porém ambos podem ser chamados de "buraco". Vemos então que para Freud, no sintoma psicótico não há encobrimento, muitas vezes eles são capazes de falar os motivos de seus comportamentos, como vimos no caso da paciente de Tausk, sem nenhuma resistência, inclusive fazendo menção a temas do complexo de Édipo da castração.

A reflexão a partir do mecanismo de funcionamento das esquizofrenias faz com que Freud entenda que nesses casos há um abandono dos investimentos de objeto, ao mesmo tempo que há um sobreinvestimento na parte que corresponde à mesma representação, mas que se encontra no pré-consciente, ou seja, a parte verbal, o nome, a palavra. O investimento nas palavras não deixa de ser uma tentativa de reaver o vínculo com o objeto perdido. O que o psicótico faz é tentar chegar ao objeto através da palavra. A grande conclusão de toda essa reflexão teórica feita por Freud neste artigo é a seguinte: "pode-se tentar caracterizar o modo de pensar dos esquizofrênicos dizendo que eles tratam as coisas concretas como se fossem

[103] Ibid., p. 104.
[104] Ibid., p. 105.

abstratas."[105] As representações de palavra permanecem investidas, porém submetidas às leis do processo primário, o que significa que as palavras na esquizofrenia funcionam como coisas e que, portanto, o modo de funcionamento característico do inconsciente se encontra para o lado de fora.

Nota-se que há uma diferença importante na questão do investimento das representações inconscientes nestes dois grupos de neuroses. Nas neuroses de transferência, as representações de coisa no inconsciente estão bastante investidas, o que acontece é que esse investimento, devido ao recalque, encontra dificuldades em atingir o nível pré-consciente para depois se tornar consciente. Nas neuroses narcísicas, ao contrário, a representação de coisa está fracamente investida, e as palavras estão submetidas ao processo primário, funcionando como coisas. É desse processo que surgem os principais sintomas das neuroses narcísicas: o delírio e a alucinação. Estes ocorrem quando o investimento pulsional que se destacou das representações de objeto atinge o sistema percepção-consciência e é capaz de criar a percepção sem a presença do objeto.

Vemos que neste artigo Freud circunscreve algumas características do sistema inconsciente por meio dos conceitos de:

– processo de funcionamento psíquico primário,
– energia livre que circula e se movimenta por condensação e deslocamento,
– ausência de negação,
– ausência de tempo cronológico, e
– pouca atenção à realidade

Todas essas características do inconsciente, sem exceção, podem ser encontradas na fala do psicótico. Nota-se que no capítulo V deste artigo, intitulado *As características especiais do sistema inconsciente*, Freud não coloca como uma característica do inconsciente conter e trabalhar com representações de coisa, o que abre caminho para podermos pensar o inconsciente como um modo de funcionamento que pode lidar com representações de objeto na neurose ou com representações de palavra, na psicose. Aliás, é isso que a psicose, com toda sua peculiaridade, ensina à psicanálise.

Lacan, por sua vez, no Seminário *As psicoses*, inicia este tema dizendo que é fato que há inconsciente na psicose, mas que dizer isso pode ser apenas uma inércia. É preciso

[105] Ibid., p. 108.

aprofundar a questão e assim como Freud, é preciso tomar como ponto de partida a fala do psicótico. Nas palavras de Lacan: "a valorização na psicose dos fenômenos de linguagem é para nós o mais fecundo dos ensinamentos"[106].

Saber que há inconsciente na psicose e que este está à superfície como estamos habituados a dizer não ajuda a aprofundar a questão, pois o inconsciente pode estar aberto e continuar não assumido. Seguindo os passos de Freud, Lacan dirá que o importante do inconsciente não é que ele é não-consciente, mas sim como ele se articula. A não-consciência do inconsciente, ou seja, seu sentido descritivo, não é, de longe, aquilo que ele nos revela de mais importante. Deve-se manter o foco em seus níveis de funcionamento dinâmico e sistemático, pois estes sim podem fazer avançar a teoria. Tais constatações sobre o modo como opera o inconsciente para Freud só são possíveis por meio do estudo da psicose, pois, o campo das neuroses se mostra limitado no que tange ao desvendar de algo encoberto. Sob este ângulo, as psicoses trazem uma grande vantagem para a psicanálise, em relação a seu principal objeto.

Vimos que o psicótico é fruto de um mecanismo chamado por Lacan de *Verwerfung* ou foraclusão do significante Nome-do-Pai, e que esta operação modifica o modo de apresentação do inconsciente na psicose em relação à neurose. É, pois, a *Verwerfung* como mecanismo fundador da psicose que nos permite pensar o inconsciente distinto do recalcado em Lacan. Não relacionar inconsciente com não consciente é a distinção mais primordial que se deve fazer para prosseguir com a psicanálise. Se para Freud o inconsciente se articula através de condensação e deslocamento, para Lacan isto se faz com uma estrutura de linguagem. E o psicótico é aquele que é capaz de penetrar da maneira mais profunda no mecanismo do sistema inconsciente, ou seja, ele está mais próximo da estrutura de linguagem que compõe o inconsciente do que qualquer outro ser.

Segundo Lacan, "O psicótico é um mártir do inconsciente"[107]. A palavra mártir tem na sua origem grega o sentido de *testemunho*, e, então, nesta afirmação, Lacan está nos dizendo que o psicótico dá o testemunho do inconsciente. E testemunho é algo da ordem de uma prova de existência e do depoimento. Se é através da fala do psicótico que podemos nos aproximar do inconsciente é porque esta fala depõe sobre este sistema. Enquanto o neurótico dá um testemunho encoberto, que precisa ser decifrado, o psicótico dá um testemunho aberto do inconsciente. Isso está totalmente de acordo com a posição freudiana citada acima de que a esquizofrenia traz no nível consciente muito do que a neurose de transferência guarda no

[106] LACAN, J. **O Seminário. Livro 3: As psicoses**, op. cit., p. 171.
[107] Ibid., p. 156.

inconsciente. Porém o mártir não é apenas aquele que depõe, ele é também aquele que sofre ao dar esse depoimento, ao mostrar suas crenças e suas opiniões. Sendo o psicótico um mártir, ele é um sujeito que sofre ao sustentar e testemunhar a presença do inconsciente, e só ele é capaz desse ato. A presença do funcionamento do inconsciente na superfície do aparelho psíquico nos mostra algo que é de difícil compreensão e que muitas vezes não é partilhável com outras pessoas. Porém, a psicanálise não se fecha diante da dificuldade posta pelo discurso psicótico, ao contrário, ela o legitima e ainda lhe dá o estatuto de discurso do inconsciente:

> a psicanálise dá, em compensação, ao delírio psicótico uma sanção singular, porque ela o legitima no mesmo plano em que a experiência analítica opera habitualmente, e que ela torna a achar no seu discurso o que comumente descobre como discurso do inconsciente.[108]

Isto a que Lacan chama nesse momento de discurso do inconsciente é o discurso do psicótico no sentido da fala, pois ainda não há uma teoria sobre o discurso como virá a surgir em sua obra anos adiante. O psicótico revela aquilo que está na estrutura da linguagem, aquilo que tem como função organizar a fala. É função do Eu justamente não nos deixar entrar em contato com essas articulações que estão na base da linguagem. Porém, como a psicose é, segundo Freud, precisamente uma alteração na função do eu, nesses casos podemos entrar em contato com esse funcionamento. É importante ressaltar que, para o próprio sujeito psicótico, essa fala, tão rica para a psicanálise, não passa de algo comum, pois é assim que ele se expressa. Se nós ouvintes dessa fala podemos reconhecer aí uma manifestação da estrutura do inconsciente, o falante não tem essa mesma percepção, para ele a questão não se coloca desse modo, "A se supor que alguém possa falar numa língua que lhe seja totalmente ignorada, diremos que o sujeito psicótico ignora a língua que ele fala".[109] Que esta seja articulada, não necessita que seja reconhecida pelo próprio sujeito em todos os seus termos. Lacan ainda completa dizendo que o que há de mais importante nessa suposição de que o psicótico ignora a língua que ele fala não é que o inconsciente pode estar à superfície e permanecer excluído, mas sim o motivo pelo qual ele reaparece no Real. Sabemos que a hipótese levantada por Lacan para responder a esta pergunta é que aquilo que foi foracluído do simbólico aparecerá no Real. O que cai sob o golpe da *Verwerfung* não poderá ser simbolizado e, portanto, tem o Real como destino.

---

[108] Id.
[109] Ibid., p. 21.

Trazendo para a discussão a análise que Freud e Lacan fazem do caso Schreber, vemos que Freud propõe vários tipos de mecanismos delirantes de se negar a afirmação "Eu o amo". As transformações que subvertem a frase "eu o amo" nos mostram a complexidade gramatical da qual se serve o inconsciente. Essas transformações nos ajudam a entender como o inconsciente se articula, e este modo de articulação é algo muito complexo gramaticalmente, porém não tão rico filologicamente. Lacan nos aponta essa diferença ao dizer que, a propósito da análise do caso Schreber, Freud não nos explica "por que o inconsciente dos psicóticos é tão bom gramático e tão mau filólogo".[110]

Segundo Saussure,[111] a gramática é baseada na lógica, e tem como objetivo a formulação de regras que vão dizer o que é correto e o que é incorreto no uso de uma dada língua. A gramática nos apresenta um conjunto de normas que regulam o funcionamento de uma língua. A filologia, por sua vez, visa interpretar e comentar os textos tendo como método a crítica. Isso faz com que a filologia se ocupe também da história literária, dos costumes, das instituições etc. A filologia se ocupa da comparação de textos de diferentes épocas, determinando o modo de uso da língua de cada autor e ainda tenta explicar e decifrar línguas arcaicas. Portanto, enquanto a gramática se ocupa das regras, funções e lugares das palavras na língua, a filologia é mais ligada à interpretação e ao significado dos textos. Nesse sentido, segundo a afirmação de Lacan exposta acima, a psicose nos mostra que o inconsciente tem uma grande habilidade em manejar os lugares e as funções das palavras no sistema da língua, mas não é tão bom em dar explicações, em contextualizar, fazer história ou dar ênfase aos significados.

Tudo isso nos ajuda a compreender as possíveis transformações da frase "eu o amo" que Freud toma como base para a análise do caso Schereber. Esta afirmação pode ser negada sob quatro modos diferentes que configuram quatro tipos de mecanismos delirantes apontados por Freud e reforçados por Lacan a fim de chamar a atenção para a estrutura de linguagem do inconsciente que é exposta na psicose. Abaixo segue um quadro que expõe de modo sistemático essas transformações gramaticais inconscientes que podem estar na base dos sintomas delirantes nas psicoses.

---

[110] Ibid., p. 54.
[111] SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**, op. cit., p. 7.

AFIRMAÇÃO (Ics.)	**NEGAÇÃO**	**TRANSFOR-MAÇÃO DA NEGAÇÃO**	**PROJEÇÃO**	**DELÍRIO**	**GRAMÁTICA**
1. Eu o amo	Eu não o amo	Eu o odeio	Ele me odeia	Perseguição	**CONTRADIÇÃO DO VERBO** ⇩ **(amo – odeio)** **Eu amo – eu odeio**
2. Eu o amo	Eu não o amo	Eu amo a ela	Ela me ama	Erotomania	**CONTRADIÇÃO DO OBJETO** ⇩ **(ele – ela)** **Eu amo ele – eu amo ela**
3. Eu o amo	Eu não o amo	Alguém o ama	Ela o ama	Ciúmes	**CONTRADIÇÃO DO SUJEITO** ⇩ **(eu – ela)** **Eu amo – ela ama**
4. Eu o amo	Eu não o amo	Eu não amo ninguém – amo só a mim	–	Grandeza	**CONTRADIÇÃO DA FRASE**

Estas quatro transformações que subvertem a significação da expressão "eu o amo" trazem para o plano do sintoma quatro diferentes tipos de delírios. Estes nos mostram o talento que o inconsciente tem em operar mudanças gramaticais, sejam de sujeito, de verbo ou de objeto. O Inconsciente fala através das mudanças linguísticas que a gramática lhe permite fazer, tendo como resultado significações às vezes incompreensíveis para nós. Diante disso, fica claro o que a análise insiste em nos dizer: tanto na neurose quanto na psicose, o inconsciente é aquilo que fala no sujeito e fala muito além do que este acredita estar falando.

> Naturalmente para que a questão tenha sentido, é preciso que vocês tenham admitido que esse inconsciente é algo que fala no sujeito, além do sujeito, e mesmo quando o sujeito não o sabe, ele diz sobre isso mais do que crê. A análise diz que nas psicoses é isso que fala.[112]

Ainda diante da análise que Lacan faz do caso Schereber, vemos que este faz uma construção delirante na qual Deus surge como alguém que não sabe distinguir entre a

[112] Id.

expressão dos sentimentos das almas pequenas, que são os sujeitos, e o discurso que estas pessoas têm com seus comuns. Lacan interpreta isso como a dificuldade que as pessoas podem ter em fazer a distinção entre o discurso inconsciente que trata diretamente do sujeito e aflora nas psicoses e o discurso partilhado socialmente entre as pessoas.

Isso marca uma diferença entre dois tipos de discurso, um que pode ser em alguma medida compreendido e compartilhado socialmente, e outro que é por muitas vezes incompreensível em sua significação. Talvez a dificuldade que a sociedade apresenta em lidar com o sujeito psicótico esteja de algum modo relacionada ao discurso que este é capaz de produzir. É nisto também que vemos a diferença entre neurose e a psicose e que está no seio da discriminação que estes indivíduos sofreram por tantos anos e ainda sofrem. O sistema delirante não é excluído por ser discordante em si, mas sim por ser, em alguma medida, inaplicável, absurdo e incômodo para a sociedade.

Considerações finais

Neste trabalho foram apontados alguns possíveis modos de pensar em como significante e significado estão funcionando nas psicoses segundo as hipóteses apresentadas por Lacan nos anos de seus primeiros seminários. É importante marcar aqui os limites do que foi apresentado nesta dissertação, visto que, dentro do contexto da obra de Lacan como um todo, há muitos outros pontos que podem ser estudados no que diz respeito às psicoses. Entretanto, a proposta deste trabalho foi se ater apenas aos anos próximos à publicação do seminário sobre as psicoses, sem abordar os desenvolvimentos posteriores que, de fato, muito acrescentam nessa problemática.

Nesse caminho, vimos que, nas psicoses, os próprios significantes carregam o peso do significado, eles compreendem a marca do significado e deste modo as significações das palavras articuladas se remetem à significação enquanto tal. Isso quer dizer que a significação na psicose remete a si mesma antes de se remeter a outra. Antes de se articular na cadeia, antes de mais nada, estas palavras acabam por se reduzirem a si mesmas. Nesse sentido, a palavra leva em si o peso daquilo que ela representa, é como se a palavra fosse a própria coisa representada.

Sem o processo de simbolização no qual o significante fálico ordenador, Nome-do-Pai, se coloca como organizador dos significantes, a articulação pode ser feita por uma infinidade de outros caminhos os quais podem ser escolhidos por diversos motivos, ou, simplesmente, o sujeito pode ser um errante através deles. Além disso, cada significante tem valor em si e não em relação a um outro, mostrando que todo caminho é válido e tem a mesma condição de possibilidade de ser experienciado.

Vimos também que na psicose não há um ponto que amarra e organiza a articulação significante; o saber não está organizado de forma centralizada como na neurose, mas sim dissoluto e móvel por toda a cadeia. A foraclusão do Nome-do-Pai faz com que, na psicose, cada significação se ligue à outra sem ter que passar por um ponto central. Elas são independentes e se ligam paralelamente como em uma rede. Devido a isto, a fala na psicose apresenta uma liberdade de sentido: se não há a amarragem imposta pelo Nome-do-Pai, há, portanto, mais fluidez e liberdade de combinações. As frases criadas respeitarão a estrutura da linguagem, porém não necessariamente responderão à lei da metáfora paterna que ajuda a organizar o discurso. Se todos os caminhos apresentam o mesmo valor, todos podem ser, e serão, muitas vezes, percorridos. Assim, os psicóticos são os únicos capazes de construir um mapa repleto de caminhos diferentes e inusitados, onde o infinito é o limite.

O que é mais importante nesta problemática da fala na psicose é que possamos ampliar o modo como costumamos olhar e ouvir estes sujeitos a fim de encontrar certa positividade nisto que se apresenta. É muito comum que estes sujeitos sejam vistos, abordados, tratados e julgados como pessoas que ocupam um lugar social inferior, que, supostamente, estão sofrendo de um problema muito grave, que não têm as mesmas capacidades que os demais, e por isso não conseguem viver bem e fazer as mesmas coisas que a maioria das pessoas. Diante disso, é necessário lembrar, em primeiro lugar, que sofrimento e problemas de saúde mental podem se manifestar em qualquer estrutura clínica, portanto isto não é exclusividade da psicose; em segundo, qualquer sofrimento intenso limita as condições de vida da pessoa que sofre, e, ainda mais, se não pudermos olhar para isso de modo a proporcionar atenção e cuidado.

Já foi dito algumas vezes neste trabalho que psicose e déficit ou rebaixamento de funções intelectuais não têm qualquer relação, e que, portanto, muitas das dificuldades que estes indivíduos sofrem em suas experiências de vida prática podem ser localizadas em um nível social; isso sem levar em consideração as dificuldades que vêm com o sofrimento, porém, mais uma vez, isso não depende da estrutura clínica, pois qualquer sofrimento profundo acarretará perdas e dificuldades na experiência de vida. Diante de tudo isso, resta uma pergunta: por que os psicóticos são, por vezes, designados de um modo negativo, como aqueles que não possuem certa capacidade, que não possuem certo significante, que não fazem metáfora, não têm ponto de estofo etc.? Quais as consequências disso, ou melhor, por que esta falta, por vezes, é entendida como um problema a ser superado?

Abordar a psicose por meio da foraclusão do Nome-do-Pai, como propõe Lacan, pode se desdobrar em tomar a psicose como o avesso da neurose, ou seja, que o universal desta estrutura é que ela não é uma outra.[113] Neste caso, este viés de abordagem não seria próprio da psicose, mas sim da neurose. Na neurose a cadeia significante está sempre em referência ao Nome-do-Pai, na psicose, isso não ocorre, há outro modo de organização da cadeia significante. O que dificulta o surgimento de uma hipótese para a constituição de um universal das psicoses é que cada sujeito psicótico se organiza de um modo diferente do outro. Na ausência de uma lei de ordenação, muitas possibilidades se abrem. Isso que dá um lugar comum à neurose e que de certo modo oferece universalidade a esta estrutura pode ser esta ilusão de autonomia como indivíduo. A isto Lacan se refere como algo que pode ser comparado em todos os pontos com um discurso delirante.[114] Por outro lado, o psicótico, após

[113] CALLIGARIS, C., op. cit., p. 24.
[114] LACAN, J. **O Seminário Livro 3: As psicoses**, op. cit., p. 158.

a crise, surge com uma metáfora delirante onde na neurose há a metáfora paterna, porém, cada metáfora delirante será única e por isso não pode ser compartilhada com outros como é a metáfora paterna e por consequência, o delírio de autonomia.

Durante todo este trabalho, houve um grande esforço para se falar das psicoses sem fazer qualquer juízo de valor sobre o modo como a falta se apresenta nesta estrutura, do mesmo modo como falamos da neurose que, por sua vez, também apresenta seus modos de negação e sua falta. Apesar deste esforço, é possível que designações negativas tenham resistido e se enunciado nas presentes colocações. Por muito tempo, a psicose teve uma história de muita exclusão e essa força histórica se impõe, ainda hoje, de um modo, às vezes, devastador. Para mudar essa história, é necessário um esforço de resistência e subversão de uma norma. Nesse sentido, temos mais ainda muito o que aprender com estes sujeitos, pois, se há alguém que pode nos ajudar a romper com as depreciações que circundam esta estrutura, são os próprios oprimidos.

Quando Lacan escreve *De uma questão preliminar...*, em 1957, ele já coloca uma série de advertências ao leitor sobre como lidar e quais ferramentas podem ser usadas na abordagem clínica desses sujeitos. Ainda hoje, muitas questões preliminares precisam ser colocadas e ainda muita discussão terá que ser feita se quisermos mudar para melhorar o modo de nos relacionarmos com as psicoses. Não se trata aqui, obviamente, de criar uma hierarquia estrutural, mas sim de chamar a atenção para o desnível que há entre neurose e psicose a fim de propor uma relação mais igualitária na abordagem destes temas.

Outro ponto que merece destaque é a pouca bibliografia que trata diretamente das psicoses. Em geral, quando um tema dentro da psicanálise lacaniana é colocado em pauta em um livro ou um artigo, o ponto de vista que impera é, comumente, o da neurose. Em alguns casos há referências sobre como aquilo seria nas psicoses, mas em geral, fala-se sob um ponto de vista predominantemente neurótico. Se, segundo a teoria psicanalítica, a falta está posta para todos os seres, é necessário se perguntar por que, em alguns momentos, a psicose é a estrutura escolhida para ser designada, nesta falta, como algo negativo. É como se a falta de um significante na psicose fosse mais grave do que a falta que há em cada relação de significação na neurose, demostrando que há certa resistência em encontrar potencialidades no saber-fazer do psicótico com esta falta.

Esses pontos são levantados aqui segundo a observação da bibliografia consultada e, acima de tudo, porque ainda é necessário problematizar o lugar da psicose no campo social, e por que não, no campo psicanalítico, sempre que necessário. A teoria de Lacan oferece elementos para essa discussão e é potencialmente rica para que com ela, nós possamos fazer

algumas mudanças necessárias em relação não só ao modo de tratamento, como também no modo como se lida cotidianamente com as psicoses. Enfim, tudo que é possível afirmar é que ainda há muito a ser feito sobre esta questão e que a principal intenção deste trabalho é a de contribuir, de algum modo, para que as psicoses encontrem seu espaço no campo social e que este seja um lugar adequado, livre de preconceitos, onde haja reconhecimento, amor e respeito.

Referências

ALLOUCH, J. **Freud, y después Lacan**. Buenos Aires: Editorial Edelp, 1994.

_____. **Letra a letra. Transcrever, traduzir, transliterar**. Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1995.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. DSM-IV**. 4. ed., Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARRIVÉ, M. Lacan gramático. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, 2000, pp. 9-40. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S 1516-14982000000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 mai. 2015.

_____. **Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ASSOUN, P-L. **Metapsicologia freudiana. Uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **Introdução à epistemologia freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

BOUSSEYROUX, M. **Lacan le Borroméen. Creuser le noeud**. Toulouse: Editions Érés, 2014.

CALLIGARIS, C. **Introdução a uma clínica diferencial das psicoses**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DOR, J. **O Pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

DUNKER, C. I. L., & Neto, F. K. (2011). A crítica psicanalítica do DSM-IV-breve história do casamento psicopatológico entre psicanálise e psiquiatria. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 14, n. 4, 2011, pp. 611-627.

FREGE, G. “Sobre sentido e a referência” In: **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix/USP, 1978, pp. 59-86.

FREIRE, A. B. Considerações sobre a Letra: a psicose em questão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 12, n. 3, 1999, pp. 567-583.

FREUD, S. **Obras completas**. Edição Standard. Rio de Janeiro: Imago, 2006, 24 vols.

_____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução Luiz A. Hanns et. al. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. **Obras Completas**. Tradução e Notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vols. 10, 12 e 14.

_____. **Obras Completas**. Tradução e Notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vols. 15 e 16.

_____. **Obras Completas**. Tradução e Notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, vol. 8.

HUGO, V. **Victor Hugo: Dois séculos de poesia**. Tradução e notas Anderson Braga Horta, Fernando Mendes Vianna e José Jerônimo Rivera. Brasília: Thesaurus, 2002.

HYPPOLITE, J. **Ensaios de psicanálise e filosofia**. Rio de Janeiro: Timbre Taurus, 1989.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969.

JULIEN, P. **As psicoses. Um estudo sobre a paranoia comum**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

_____. **Psicose, perversão e neurose**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

KAUFMANN, P. (dir.). **Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud e Lacan**. Tradução Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; supervisão da ed. brasileira de Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1997.

LACAN, J. **8 presentaciones de enfermos em Sainte-Anne** (Diciembre 1975 – Abril 1976). Documento de uso interno de la Federación de Foros del Campo Lacaniano – España F7. Disponível em: <http://www.valas.fr/IMG/ pdf/jlacanpresentations cliniquedesainte-anneenespagnol.pdf>. Acesso em 06 ago. 2015.

_____. Abertura da Sessão Clínica, em 5 de Janeiro de 1977, resposta de J. Lacan a J.-A. Miller. **Ornicar**, 9, p. 7-14.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. A metáfora do Sujeito (1961). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. A significação do falo (1958). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade** (1932) Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. Função e campo da fala e da linguagem (1953). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud (1954). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Le Seminaire. Livre 3: Les psychoses**. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S3/S3%20PSYCHOSES.pdf>. Acesso em 23 set. 2015.

_____. **Nomes-do-Pai**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. O estádio de espelho como formador da função do eu (1949). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938). In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. Discurso de Roma. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **O Saber do Psicanalista**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife (publicação para circulação interna), 1997.

_____. **O Seminário. Livro 3: As psicoses** (1955-1956). Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2010.

_____. **O Seminário. Livro 4: A relação de objeto** (1956-1957). Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **O Seminário. Livro 5: As formações do inconsciente** (1957-1958). Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Petit discours aux psychiatres**. Conférence sur la psychanalyse et la formation du psychiatre, à l'Hôpital Sainte-Anne, le 10 novembre 1967. Disponível em:

<http://www.psychasoc.com/Textes/Petit-discours-aux-psychiatres-de-Sainte-Anne> Aceso em: 23 mai. 2014.

_____. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud (1954). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. Réponse au commentaire de Jean Hyppolite sur la Verneinung de Freud. In: **Écrits 1**. Paris: Éditions du Seul, 1999.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J-B. **Vocabulário da psicanálise**. Sob a direção de Daniel Lagache; trad. de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, [1967] 1992.

LE GAUFEY. G. **El sujeto según Lacan**. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2010.

_____. Hiatus. Le meurtre de la métaphore. Disponível em: <http://www.legaufey.fr/Textes/Attention.html>. Acesso em 20 jul. 2015.

MILNER. J.-C. **Os nomes indistintos**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

NASIO, J.-D. **A alucinação e outros estudos lacanianos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Tradução L. Magalhães.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID-10 Décima revisão**. Trad. do Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

QUINET, A. **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **Psicose e Laço Social: Esquizofrenia, paranoia e melancolia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PICARDI, F. D. **Linguagem e esquizofrenia: na fronteira do sentido**. 1997. Dissertação de Mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

PINCERTI, W. D. **A loucura das palavras na psicose**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

PONTES, S. A. **Por uma clínica das psicoses: considerações sobre a noção de sujeito em Lacan**. 2011. Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

_____ . Da quase equivalência à necessidade de distinção: significante e letra na obra de Lacan. In: **Revista do GEL**, v. 2, 2005, pp. 215-230. Disponível em: <http://revistadogel.gel.org.br/rg/article/view/249/180>. Acesso em 10 nov. 2015.

PORGE, E. **Os nomes do pai em Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

_____. **Transmitir a clínica psicanalítica. Freud, Lacan, Hoje**. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

RABINOVICH, D. **A significação do falo. Uma leitura**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

RABINOVITCH, S. **A foraclusão. Presos do lado de fora**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SAFATLE, V. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007.

_____. **A paixão do negativo**: Lacan e a dialética. São Paulo: Unesp, 2006.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCHREBER, D. P. **Memórias de um doente dos nervos**. Tradução: Marilena Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SIMANKE, R. T. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. São Paulo: Editora 34, 1994.

_____. **Metapsicologia lacaniana: os anos de formação**. São Paulo: Discurso, 2002.

VILTARD, M. "Travail du rêve et mots du délire". In: **''Écrits Inspirés'' et Langue Fondamentale**. Paris: EPEL, 1993.

_____. "Scilicet". In: **Literal**, vol. 10. Tradução Viviane Veras. Publicação da Escola de Psicanálise de Campinas, 2007.

Anexo 1

Booz endormi - Victor Hugo [115]

Booz s'était couché, de fatigue accablé;
Il avait tout le jour travaillé dans son aire,
Puis avait fait son lit à sa place ordinaire;
Booz dormait auprès des boisseaux pleins de blé.

Ce vieillard possédait des champs de blé et d'orge;
Il était, quoique riche, à la justice enclin;
Il n'avait pas de fange en l'eau de son moulin;
Il n'avait pas d'enfer dans le feu de sa forge.

Sa barbe était d'argent comme un ruisseau d'avril,
Sa gerbe n'était point avare ni haineuse;
Quand il voyait passer quelque pauvre glaneuse:
«Laissez tomber exprès des épis,» disait-il.

Cet homme marchait pur loin des sentiers obliques,
Vêtu de probité candide et de lin blanc;
Et, toujours du côté des pauvres ruisselant,
Ses sacs de grains semblaient des fontaines publiques.

Booz était bon maître et fidèle parent;
Il était généreux, quoiqu'il fût économe;
Les femmes regardaient Booz plus qu'un jeune homme,
Car le jeune homme est beau, mais le vieillard est grand.

Le vieillard, qui revient vers la source première,
Entre aux jours éternels et sort des jours changeants;
Et l'on voit de la flamme aux yeux des jeunes gens,
Mais dans l'oeil du vieillard on voit de la lumière.

Donc, Booz dans la nuit dormait parmi les siens;
Près des meules, qu'on eût prises pour des décombres,
Les moissonneurs couchés faisaient des groupes sombres;
Et ceci se passait dans des temps très anciens.

Les tribus d'Israël avaient pour chef un juge;
La terre, où l'homme errait sous la tente, inquiet

[115] HUGO, V**. Victor Hugo: Dois séculos de poesia**. Tradução e notas de Anderson Braga Horta, Fernando Mendes Vianna e José Jerônimo Rivera. Brasília: Thesaurus, 2002, p. 56-62.

Des empreintes de pieds de géants qu'il voyait,
Etait encor mouillée et molle du déluge.

Comme dormait Jacob, comme dormait Judith,
Booz, les yeux fermés, gisait sous la feuillée;
Or, la porte du ciel s'étant entre-bâillée
Au-dessus de sa tête, un songe en descendit.

Et ce songe était tel, que Booz vit un chêne
Qui, sorti de son ventre, allait jusqu'au ciel bleu;
Une race y montait comme une longue chaîne;
Un roi chantait en bas, en haut mourait un Dieu.

Et Booz murmurait avec la voix de l'âme:
«Comment se pourrait-il que de moi ceci vînt?
Le chiffre de mes ans a passé quatre-vingts,
Et je n'ai pas de fils, et je n'ai plus de femme.

«Voilà longtemps que celle avec qui j'ai dormi,
O Seigneur ! a quitté ma couche pour la vôtre;
Et nous sommes encor tout mêlés l'un à l'autre,
Elle à demi vivante et moi mort à demi.

«Une race naîtrait de moi ! Comment le croire?
Comment se pourrait-il que j'eusse des enfants?
Quand on est jeune, on a des matins triomphants,
Le jour sort de la nuit comme d'une victoire;

«Mais, vieux, on tremble ainsi qu'à l'hiver le bouleau;
Je suis veuf, je suis seul, et sur moi le soir tombe,
Et je courbe, ô mon Dieu ! mon âme vers la tombe,
Comme un boeuf ayant soif penche son front vers l'eau.»

Ainsi parlait Booz dans le rêve et l'extase,
Tournant vers Dieu ses yeux par le sommeil noyés;
Le cèdre ne sent pas une rose à sa base,
Et lui ne sentait pas une femme à ses pieds.

Pendant qu'il sommeillait, Ruth, une Moabite,
S'était couchée aux pieds de Booz, le sein nu,
Espérant on ne sait quel rayon inconnu,
Quand viendrait du réveil la lumière subite.

Booz ne savait point qu'une femme était là,
Et Ruth ne savait pas ce que Dieu voulait d'elle.
Un frais parfum sortait des touffes d'asphodèle;
Les souffles de la nuit flottaient sur Galgala.

L'ombre était nuptiale, auguste et solennelle;
Les anges y volaient sans doute obscurément,
Car on voyait passer dans la nuit, par moment,
Quelque chose de bleu qui paraissait une aile.

La respiration de Booz qui dormait
Se mêlait au bruit sourd des ruisseaux sur la mousse.
On était dans le mois où la nature est douce,
Les collines ayant des lis sur leur sommet.

Ruth songeait et Booz dormait; l'herbe était noire,
Les grelots des troupeaux palpitaient vaguement;
Une imense bonté tombait du firmament;
C'était l'heure tranquille où les lions vont boire.

Tout reposait dans Ur et dans Jérimadeth;
Les astres émaillaient le ciel profond et sombre;
Le croissant fin et clair parmi ces fleurs de l'ombre
Brillait à l'occident, et Ruth se demandait,

Immobile, ouvrant l'oeil à moitié sous les voiles,
Quel dieu, quel moissonneur de l'éternel été,
Avait, en s'en allant, négligemment jeté,
Cette faucille d'or dans le champ des étoiles.

Anexo 2

Trecho retirado do livro *Memória de um doente dos nervos*, de Daniel Paul Schreber, publicado pela primeira vez em 1903, pp 64-71.

Capítulo V – Continuação. Língua dos nervos (vozes interiores). Coação a pensar. Emasculação, em certas condições

(...)

"Todas essas almas apareciam na minha cabeça na qualidade de "vozes", de um modo mais ou menos indiferenciado, sem que nenhuma soubesse da presença da outra. Qualquer pessoa que não pretenda considerar toda esta exposição como mero produto doentio da minha fantasia poderá avaliar a confusão desesperadora que surgia na minha cabeça. Entretanto nessa época as almas ainda tinham pensamento próprio e por isso eram capazes de dar informações do maior interesse para mim e também podiam responder a perguntas, ao passo que agora, já desde muito tempo, todo o discurso das vozes consiste apenas em uma repetição espantosamente monótona das mesmas frases (aprendidas de cor) que retornam continuamente. Mais adiante apontarei as razões deste fato. Além dessas almas, que se davam a conhecer como indivíduos, sempre se apresentavam ao mesmo tempo outras vozes, que vinham a ser a própria onipotência de Deus, em instâncias cada vez mais elevadas (ver nota 19), às quais as citadas almas individuais pareciam servir de postos avançados.

O segundo ponto a ser tratado neste capítulo diz respeito à tendência inerente à Ordem do Mundo à *emasculação* de um homem que entrou em contato permanente com os raios. Por um lado, essa questão se relaciona intimamente com a natureza dos nervos de Deus, graças à qual a beatitude (o gozo desta, ver p. 37-40) é, embora não exclusivamente, pelo menos simultaneamente, uma sensação da volúpia extremamente intensa; por outro lado, a questão se relaciona com o plano, evidentemente subjacente a Ordem do Mundo, que consiste na possibilidade de renovação do gênero humano, no caso de uma catástrofe cósmica que torne necessário o aniquilamento – especificamente intencional ou não – da humanidade em algum corpo celeste. Se em algum corpo celeste a podridão moral (libertinagem voluptuosa) ou talvez também o nervosismo tivessem tomado a humanidade de tal modo que não se pudesse esperar de seus nervos enegrecidos uma integração digna de nota aos vestíbulos do céu (ver nota 6), ou ainda se se temesse um aumento ameaçador do poder de atração sobre os nervos de Deus, então o fim do gênero humano poderia ocorrer nesse corpo celeste por si mesmo (por exemplo, epidemias devastadoras etc.), ou por decisão de Deus, por meio de terremoto, inundação etc. Talvez fosse também possível para Deus retirar total ou parcialmente o calor do Sol (ou do respectivo astro físico que serve para o aquecimento) de um planeta destinado ao desaparecimento, com o que se traria uma nova luz para o problema ainda não resolvido das *glaciações.* Não pode ser considerado convincente o argumento de que na época das glaciações terrestres a humanidade existiria apenas em seus primórdios (diluvianos). Quem poderá dizer se na época em questão, em um outro planeta, digamos Vênus, não existiria já uma humanidade altamente desenvolvida, cuja destruição deveria constar no mencionado plano de Deus, não podendo ocorrer sem um notável resfriamento simultâneo da Terra, ainda atrasada em seu desenvolvimento?[29] Em todo este tipo de questões, o homem deve tentar ultrapassar as mesquinhas concepções geocêntricas, que ele tem, por assim dizer no sangue, e considerar a coisa do ponto de vista mais elevado da eternidade. É bem possível, portanto, que haja uma certa verdade nas ideias de Cuvier sobre as catástrofes cósmicas que se sucedem esporadicamente. Então, para conservação da espécie, seria reservado um único homem – talvez aquele que ainda fosse relativamente mais virtuoso do ponto de vista moral, chamado "Judeu Errante" pelas vozes que falavam comigo. O sentido dessa denominação é, portanto,

algo diferente do que está na base da lenda homônima do judeu Ahashverus; ao contrário, pensar-se-á espontaneamente nas lendas de Noé, Deucalião e Pirra etc. Provavelmente também se relaciona com isso a lenda da fundação de Roma, segundo a qual Rea Sílvia não teria concebido os futuros reis Rômulo e Remo de um pai terreno, mas sim diretamente do deus da guerra, Marte. O Judeu Errante (no sentido aqui indicado) deve ter sido *emasculado* (transformado em uma mulher) para poder gerar filhos. A emasculação ocorria do seguinte modo: os órgãos sexuais externos (escroto e membro viril) eram retraídos para dentro do corpo e transformados nos órgãos sexuais femininos correspondentes, transformando-se simultaneamente também os órgãos sexuais internos. Ela acontecia durante um sono que durava alguns séculos, dado que era também necessária uma modificação a estrutura óssea (bacia etc.). Ocorria também uma involução ou uma inversão do processo de desenvolvimento, que no embrião humano tem lugar no quarto ou quinto mês de gravidez, conforme a natureza queira dar à futura criança o sexo masculino ou feminino. Sabe-se que nos primeiros meses de gravidez estão presentes ambos os sexos e que, segundo a observação, as características do sexo que não consegue se desenvolver, como as mamas masculinas, permanecem como órgãos rudimentares em um grau inferior de desenvolvimento. A capacidade de realizar o mencionado milagre da emasculação é própria dos raios do deus inferior (Ariman); os raios do deus superior (Ormuzd) têm a capacidade de restabelecer a masculinidade em determinadas condições. Conforme o que já foi mencionado na nota 1, experimentei por duas vezes em meu próprio corpo durante minha internação (por pouco tempo) a realização desse milagre da emasculação; o fato de o milagre não ter atingido seu pleno desenvolvimento ou de ter sido anulado deve-se à seguinte circunstância: não estavam em ação apenas raios divinos puros, mas também, além destes, outros raios (por exemplo, raios Flechsig etc.) foram conduzidos por almas (impuras) provadas (ver p. 44) e devido à sua interferência ficou impedida a realização do processo de metamorfose em sua pureza, em acordo com a Ordem do Mundo. Conservar em vida o Judeu Errante e prover as suas necessidades vitais foi algo assumido pelos "homens feitos às pressas" (ver nota 1); com essa finalidade, também por milagre, foram postas almas em forma humana, provavelmente não apenas durante a vida do Judeu errante, mas também por várias gerações posteriores, até que seus descendentes já fossem suficientemente numerosos para poderem por si mesmos. Essa parece ser a principal destinação, de acordo com a Ordem do Mundo, da instituição dos "homens feitos as pressas"; não ouso decidir se essa instituição, além disso, terá ainda servido para impor prestações de serviço necessárias para a purificação das almas que deveriam ser purificadas, na forma humana que elas desse modo assumiam (ver p. 36). Em todo caso, o objetivo dos homens feitos às pressas não era o do simples *jogo milagroso* contra mim, no qual eles acabaram por degenerar durante minha estada no sanatório de Flechsig, no de Pierson e nos primeiros tempos do atual sanatório.[30]

Segundo concebo, o prof. Flechsig deve ter tido alguma ideia dessa tendência inerente à Ordem do Mundo, segundo a qual está prevista, em certas condições, a emasculação de um homem, seja porque ele, por assim dizer, chegou a isso por si mesmo, seja porque essas representações lhe foram inspiradas pelos raios divinos, o que eu consideraria mais provável. Mas reina aqui um *mal-entendido fundamental*, que desde então atravessa toda a minha vida como um fio vermelho, e que consiste justamente no fato de que *Deus, de acordo com a Ordem do Mundo, não conhecia verdadeiramente o homem vivo*, nem precisava conhecer, mas sim, de acordo com a Ordem do Mundo, só tinha relações com cadáveres. Por outro lado, é preciso levar em consideração aquela dependência que Deus se colocou com relação ao professor Flechsig, ou à sua alma, pelo fato de que este não queria mais saber de se desligar da conexão nervosa então já conseguida e, desde então, abusivamente conservada. Assim nasceu um *sistema de manobras* no qual se alternavam sucessivamente por um lado tentativas de ainda curar[31] minha doença nervosa e por outro o empenho em aniquilar, como um homem

que se tornou perigoso para o próprio Deus em consequência do seu crescente nervosismo. Disso resultou uma política de meias medidas (de "coisas feitas pela metade", como dizia a expressão repetidas vezes ouvidas por mim) – que correspondia bem ao caráter nas almas, que já se acostumavam ao gozo ininterrupto e que por isso não têm ou têm apenas em grau substancialmente reduzido a capacidade própria do homem de obter vantagens duradouras para o futuro à custa do sacrifício temporário ou da renúncia momentânea ao prazer. Ao mesmo tempo, a ligação estabelecida com meus nervos foi se tornando cada vez mais indissolúvel, quanto mais se faziam milagres contra mim; por outro lado, o prof. Flechsig nesse ínterim conseguiu com todo sua alma ou uma parte dela elevar-se ao céu e lá tornar-se chefe de raios – sem morrer nem passar por purificação prévia. Desse modo foi preparada uma conspiração dirigida contra mim (em março ou abril de 1894), que tinha como objetivo, uma vez reconhecido o suposto caráter incurável da minha doença nervosa, confiar-me ao homem de tal modo que minha alma lhe fosse entregue, ao passo que meu corpo – numa compreensão equivocada da citada tendência inerente à Ordem do Mundo – devia ser transformado em um corpo feminino e, como tal, entregue ao homem em questão para fins de abusos sexuais, devendo finalmente ser "deixado largado", e portanto abandonado a putrefação. Não parece que se tenha tido uma ideia clara do que deveria ser desse homem "deixado largado", nem se também com isso ele teria realmente morrido. Mas não tenho a menor dúvida de que essa conspiração realmente existiu acrescentando sempre que não ouso afirmar uma participação do prof. Flechsig na sua qualidade de homem. Naturalmente não se dizia uma palavra sequer a respeito disso quando o prof. Flechsig se apresentava a mim *na sua qualidade de homem*. Mas, na conexão nervosa que ele ao mesmo tempo mantinha, *na qualidade de alma*, isto é, *na língua dos nervos,* mencionada no início deste capítulo, expressava-se completamente sem disfarce essa intenção. Acrescenta-se a isso o fato de que também o modo exterior de tratamento me parecia corresponder à intenção anunciada na língua dos nervos; mantinham-me semanas inteiras na cama, privando-me das minhas roupas para – como acreditava – tornar mais acessível para mim as sensações voluptuosas, que podiam ser estimuladas pelos nervos femininos que já penetravam cada vez mais em meu corpo; empregaram também meios (medicamentos) que, de acordo com a minha convicção, visavam o mesmo objetivo,[32] razão pela qual eu me recusava a tomá-los, ou quando me eram impingidos à força pelos enfermeiros, eu os cuspia de volta. Pode-se imaginar o quanto toda a minha honra, o meu amor-próprio viril, bem como toda a minha personalidade moral se rebelava contra esse plano vergonhoso, quando tive a certeza de ter tomado conhecimento dele, tanto que eu estava ao mesmo tempo totalmente tomado por representações sagradas sobre Deus e a Ordem do Mundo, e excitado pelas primeiras revelações sobre coisas divinas que tinha tido através da relação com outras almas. Totalmente cortado do mundo externo, sem qualquer relação com minha família, só nas mãos dos enfermeiros, com os quais brigar de tempos em tempos me fora tornado, por assim dizer, um dever pelas vozes interiores, como prova da minha coragem viril, não podia portanto surgir em mim nenhum outro pensamento que não o de que qualquer outro tipo de morte, por mais terrível que fosse, seria preferível a um fim tão ignominioso. Decidi então dar um fim à minha vida com a morte pela fome, recusando qualquer alimento, ainda mais que as vozes interiores diziam-me que era de fato meu dever morrer de fome, por assim dizer, desse modo, oferecendo-me em sacrifício, e que o prazer de cada refeição, que meu corpo exigia continuamente, era uma fraqueza indigna. A consequência disso foi a organização do chamado "sistema de alimentação", isto é, os enfermeiros que me cercavam, essencialmente sempre os mesmos – além do citado R., um certo H. e ainda um terceiro, cujo nome ignoro –, a força introduziram-me a comida na boca, o que às vezes acontecia com a máxima brutalidade. Acontecia muitas vezes que um deles segurava minhas mãos, estando eu deitado, e *ajoelhava* em cima de mim para me enviar comida ou despejar cerveja pela boca.

Da mesma forma, cada banho que eu tomava estava associado a ideias de afogamento. Falava-se – na língua dos nervos – de "banhos de purificação" e de "banhos sagrados"; esses últimos teriam justamente por objetivo dar-me oportunidade de autoafogamento; eu entrava em cada banho com a angústia íntima de que deveria servir para pôr um fim a minha vida. As vozes interiores (em particular as almas anteriormente mencionadas que pertenciam à corporação da Saxônia, os chamados Irmãos de Cassiopéia) falavam continuamente nesse sentido comigo e zombavam de mim, dizendo que me faltava coragem viril; por isso fiz várias vezes a tentativa de enfiar a cabeça na água, e nessas ocasiões os enfermeiros algumas vezes seguravam meus pés sobre a água, aparentemente favorecendo a intenção suicida, e muitas vezes também mergulhavam a minha cabeça, mas para depois, sob todo tipo de piadas grosseiras, me fazerem emergir de novo da água e finalmente sair do banho.[33] Na conexão nervosa que mantinha com o professor Flechsig, eu lhe pedia incessantemente cianureto ou estricnina para me envenenar (uma gota de veneno-suco, como se dizia na língua fundamental), e ele, na qualidade de alma em conexão nervosa, de modo algum se recusava a atender esse pedido, mas fazia entrever a sua concessão sempre de novo, e de modo cada vez mais hipócrita, por meio de conversações via conexão nervosa, que duravam horas, fazendo depender a administração do veneno de certas garantias de que quando este me fosse dado, eu iria realmente tomá-lo etc. Quando o prof. Flechsig, na sua qualidade de homem, vinha me fazer uma visita médica, naturalmente não queria saber de coisas desse tipo. Falou-se também repetidas vezes de ser enterrado vivo como meio de pôr um fim à minha vida. A esse respeito, do ponto de vista humano que ainda predominava em mim, era inteiramente natural que visse meu verdadeiro inimigo apenas no prof. Flechsig, ou na sua alma (mais tarde acrescentou-se ainda a alma de von W., sobre a qual se falará mais adiante), considerando o poder de Deus como meu aliado natural; acreditava que Deus estivesse em uma situação difícil apenas diante do prof. Flechsig, e por isso acreditava poder apoiá-lo com todos os meios imagináveis, chegando até ao autossacrifício. Que o próprio Deus fosse cúmplice, senão investigador, do plano que visava o assassinato da minha alma e o abandono do meu corpo como prostituta feminina, é um pensamento que só muito mais tarde se impôs a mim e que em parte, seja-se permitido afirmar, só me veio claramente à consciência durante a redação do presente ensaio. Ao mesmo tempo, preciso expressar aqui reiteradamente as mesmas ideias já desenvolvidas nas conclusões do Capítulo II, para não confundir as representações e sentimentos religiosos de outras pessoas.

Por mais vergonhoso – considerado do ponto de vista subjetivo – que todo o plano possa ter me parecido, não hesito contudo em reconhecer que ele foi inspirado por aquele instinto de conservação que em Deus é tão natural quanto em qualquer outro ser vivo – um instinto de conservação que, como já foi explicado em outro contexto (ver pp. 64-65), de fato deveria em certos casos compelir Deus a visão a aniquilação não apenas de indivíduos, mas de corpos celestes inteiros, juntamente com todos os seres criados neles. Também Sodoma e Gomorra, conta-se no capítulo 19 do primeiro livro de Moisés, foram cidades aniquiladas por uma chuva de enxofre e fogo, embora entre seus habitantes houvesse ainda um número, talvez muito pequeno de "justos". De resto, em todo o domínio do mundo criado ninguém considerará imoral – sem que isso entre em contradição com a Ordem do Mundo – o fato de que o mais forte domine o mais fraco, o povo de civilização superior expulse de seus territórios os de cultura inferior, o gato contra o rato, a aranha mate a mosca etc. O conceito de mortalidade existe exclusivamente no interior da Ordem do Mundo, isto é, do vínculo natural que liga Deus com a humanidade; uma vez quebrada a Ordem do Mundo, resta apenas uma questão de poder, na qual quem decide é o direito do mais forte. No meu caso, o atentatório do ponto de vista moral consistia no fato de que o próprio Deus se colocasse fora da Ordem do Mundo, válida também para Ele; Ele era, senão diretamente constrangido a isso, pelo menos induzido por uma tentação dificilmente resistível, provocada pela existência, no

céu, da alma impura (“provada”) do prof. Flechsig. Além disso, a alma de Flechsig, graças à sua própria inteligência humana, ainda existente nela em alto grau, tinha sabido conseguir certas vantagens técnicas (a respeito disso se falará mais adiante) com relação aos nervos de Deus que entravam em contato com ela, os quais, como almas não mais possuíam a capacidade de um sacrifício de abnegação, necessária para propiciar um sono reparador para minha cura, tornando assim inócua a alma de Flechsig. Estou por isso inclinado a considerar todo o desenrolar dos fatos do ponto de vista de uma *fatalidade*, na qual não se pode falar de culpa, nem do lado de Deus, nem do meu lado. Por outro lado, a Ordem do Mundo conserva toda sua grandeza e sublimidade à medida que, num caso tão contrário às regras, nega até ao próprio Deus os meios de poder adequados para atingir um objetivo que a contradiga.

Fracassaram todas as tentativas de cometer assassinato de alma, de emasculação *para fins contrários à Ordem do Mundo*[34] (isto é, para satisfação do desejo sexual de um ser humano) e, posteriormente, as tentativas de destruição do meu entendimento. Da luta aparentemente tão desigual entre um homem fraco e o próprio Deus, saio vencedor, embora após amargos sofrimentos e privações porque a Ordem do Mundo está do meu lado.[35] Também a minha situação externa e o meu estado físico melhoraram de ano para ano. Assim sendo, vivo na crença confiante de que toda essa confusão representará apenas um episódio que no fim, de um modo ou de outro, conduzirá a restauração das condições que estão em acordo com a Ordem do Mundo. Talvez até mesmo o infortúnio pessoal que tive de suportar e a parda das beatitudes conseguidas possam ser recompensados pelo fato de que para a humanidade, pelo meu caso, se abre, de um só golpe, o conhecimento de verdades religiosas em um grau incomparavelmente superior ao que foi obtido por meio da investigação científica, utilizando toda a perspicácia humana através dos séculos, ou superior a tudo o que jamais foi possível. Não é necessário exprimir em palavras que ganho inestimável significaria para a humanidade se, graças às minhas vicissitudes pessoais, particularmente também na forma que elas ainda deverão assumir, se pudesse fazer ruir para sempre as bases do materialismo vulgar, bem como do panteísmo confuso.

Notas

29 – De fato, durante minha estada no sanatório de Flechsig, tive visões (imagens de sonho) segundo as quais já houve outros planetas, mais contaminados do que a Terra pela podridão moral, e que justamente os habitantes da nossa Terra se distinguiriam por uma pureza moral relativamente mais elevada.

30 – Tive algumas indicações de que antes do meu caso, talvez em um passado remotíssimo e em outros planetas, teria havido um grande número de Judeus Errantes. Alguns nomes destes me foram mencionados pelas vozes que falam comigo, entre os quais se encontrava, se não me engano, o nome de um conde polonês, Czartorisky ou algo semelhante. A propósito, não é realmente indispensável pensar na nação polonesa de nossa Terra, mas é preciso ter presente ao menos a possiblidade de que o povo polonês, talvez através da transmigeração das almas, possa ter existido pela segunda vez em algum outro corpo celeste.

31 – Coisa que seria bem fácil – para indicar desde já algo que será melhor desenvolvido mais adiante -, sacrificando uma quantidade relativamente pequena de raios puros, uma vez que os raios possuem, entre outras, a capacidade de acalmar os nervos e fazer dormir.

32 – Em particular uma pomada esbranquiçada que, por ser leigo em Medicina, não posso afirmar com precisão se era bismuto ou qualquer outra coisa.

33 – Essa, diga-se de passagem, era a época em que eu, em consequência dos milagres realizados contra mim, tinha entre as pernas uma coisa que mal se assemelhava a um membro viril de formato normal.

34 – Mais adiante se explicará que uma emasculação para um outro fim – em conformidade com a Ordem do Mundo – é algo que está no reino da possibilidade, e talvez até contenha a provável solução do conflito.

35 – (Adendo de novembro de 1902.) Essas explicações poderiam parecer algo obscuras, à medida que a Ordem do Mundo, portanto algo impessoal, é indicada como superior a Deus, ou algo mais poderoso que Deus, ou ainda com valor normativo para o próprio Deus. A obscuridade, contudo, não existe na realidade.

"Ordem do Mundo" é a relação legítima *que subsiste entre Deus e a criação por Ele chamada à vida, dada como algo em si, através da essência e das qualidades de Deus*. Deus não pode fazer com relação à humanidade ou – no meu caso – a um indivíduo que entrou em uma relação especial com Ele algo que contradiga todas as suas características e forças. À medida que Deus, cuja potência de raios é construtiva e criativa por natureza, tentou contra mim, em circunstâncias contrarias às regras, uma política orientada só para a destruição da integridade física e do entendimento, entrou em contradição consigo mesmo. Essa política, portanto, só poderia provocar danos passageiros, e não resultados duradouros. Ou então eu, servindo-me de um oximoro, na luta dirigida por Deus contra mim, tive o próprio Deus do meu lado, isto é, estive em condições de levar para o campo Suas próprias qualidades e forças como uma arma de proteção totalmente eficaz para a minha autodefesa.